

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DO LAZER

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

TUA IMENSA TORCIDA É BEM FELIZ...
da relação do torcedor com o clube

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Silvio Ricardo da Silva, na Área de Concentração em Estudos do Lazer e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 08 / 05 / 01

Assinatura:

(orientador)

(co-orientador)

COMISSÃO JULGADORA:
Nelson Carvalho Marcellino
Elisete Zanlorenri
Heloísa Baldy Reis
Silvana Vilodre Goellner
Victor Andrade de Melo

Campinas -SP

2001

UNIDADE	BC
L. CHAMADA:	UNICAMP
	Si 38t
	Ex.
OMBO BC/	45739
ROC.	96.392107
C	<input type="checkbox"/>
	D
	<input type="checkbox"/>
REC*	R\$ 11,00
DATA	04/08/09
L. CPD	

CM00158398-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

Silva, Silvio Ricardo da
 Si38t Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube / Silvio Ricardo da Silva. -- Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador: Nelson Carvalho Marcellino
 Co-Orientador: Jocimar Daolio
 Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Futebol. 2. Torcida*. 3. Cultura. 4. Clubes. 5. Lazer. 6. Educação Física.
 I. Marcellino, Nelson Carvalho, 1950-. II. Daolio, Jocimar. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

*Naquela mesa ele sentava sempre e me dizia sempre o que é viver melhor
Naquela mesa ele contava histórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor
Naquela mesa ele juntava gente e contava contente o que fez de manhã
E nos seus olhos eram tanto brilho, que mais que seu filho, eu fiquei seu fã (...)*
(Sérgio Bittencourt)

Dedico esta tese a quem me ensinou, entre outras coisas, ser vascaíno:
Meu pai.

AGRADECIMENTOS

*(...) Hoje eu vim minha nêga
Sem saber nada da vida
Querendo aprender contigo
A forma de se viver
As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender(...)*

(Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho)

À Andrea, pela cumplicidade, pelo respeito e amor, além de ter sido a maior responsável por eu ter realizado este trabalho.

À Camila, pelo carinho, pela torcida e pela paciência.

À minha mãe e ao meu pai, sempre carinhosos, por, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, terem percebido a importância de uma formação acadêmica e me incentivado incessantemente.

Ao Marcellino, pela gentileza e pelo grande aprendizado que é estar ao seu lado.

Ao Jocimar, pela amizade e por ter-me incentivado muito neste trabalho.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pela acolhida.

Aos colegas professores e funcionários da Universidade Federal de Viçosa, pelo apoio.

Aos alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pela convivência.

Aos alunos que se fizeram meus amigos ao longo do tempo, pela amizade.

À banca examinadora, todo o meu respeito e a minha admiração, pela contribuição.

À Celi, pela referência política e acadêmica que sempre buscou emprestar-me.

À Leila, pelo amor fraterno.
À Paula e ao Calil, pela presença.
Ao Jesus e à Aparecida, pelo apoio constante.
A Brás, Rita, Paulo e Yandir, pela amizade e dedicação.
A Erasto, Laura, Edilton e Graça, pelo companheirismo.
A Clara Germana, Cris, Leandro e Dani, pelas farras campineiras.
A Duba, Alvaro, Sylvio, Simone, Norma, Denise, Marília, Marcus, Silvana,
Victor, Dida e Leonaldo, pela relação de afeto ao longo dos anos.
Aos meus sobrinhos, pela troca que têm me proporcionado.
Aos vascaínos entrevistados, pela colaboração.
À Denise Mota, pela paciência e competência.

RESUMO: Esta pesquisa buscou a compreensão do processo de construção da relação do torcedor vascaíno com o Clube de Regatas Vasco da Gama, Rio de Janeiro. Os objetivos foram: saber o que leva milhões de pessoas a optar por torcer por este clube; conhecer qual o significado deste clube em suas vidas; compreender como essas pessoas vivenciam essas experiências; e identificar quais são as características peculiares do torcer vascaíno. Para tal, optou-se pela abordagem cultural, utilizando como técnica de coleta de campo a observação participante, a análise documental, o diário de campo e entrevistas semi-estruturadas. Este estudo indicou que o torcedor passa a se interessar pela equipe de futebol, em geral, por vínculos familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem e, ou, história do clube ou por vivenciar, nessa fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso dessa equipe. Além disso, o torcer por um clube representa para o indivíduo a possibilidade de “expressão pública de sentimentos”, utilizando uma expressão de Geertz. O futebol seria, assim, um veículo, dentre outros, no qual o indivíduo poderia expressar seus sentimentos de forma pública, que se constrói e se manifesta simbolicamente no seio de determinada cultura. A relação intensa do torcedor com o clube faz com que ele não separe a identidade sujeito/torcedor. Essa identidade é alcançada através de experiências, que incluem momentos de alegria e tristeza nessa história/relação. No que diz respeito às características específicas visualizadas nessa relação torcedor e Vasco, encontrou-se o anticlube – o clube arqui-rival – no caso, o Clube de Regatas do Flamengo. O interessante dessa relação de oposição é justamente o sentido que traz ao torcer vascaíno, como se o torcedor do Vasco se definisse como o não-flamenguista. O torcedor do Vasco identifica seu clube e a sua torcida como diferentes dos outros clubes e das outras torcidas por uma série de valores. Para o vascaíno, o Vasco se diferencia dos outros grandes clubes do Rio de Janeiro por ser um representante de grupos historicamente desprivilegiados na sociedade carioca, entre eles, o negro, o pobre, o português e o suburbano. Essa idéia perpetuou-se pela sua história de afirmação nos anos 20, pela representatividade do “Expresso da Vitória” e pelas conquistas dos anos 70 e 90. Percebeu-se também uma tensão entre as diversas formas de torcer, em que se busca hierarquizar quem é “mais vascaíno”. O Vasco, para seus torcedores, é uma referência de tempo e de espaço. A partir da relação construída com este clube, esses sujeitos se localizam e buscam sentido para suas vidas.

ABSTRACT: This research sought after the understanding of the relationship construction process of the Vasco fan with the Vasco da Gama Club, Rio de Janeiro. The objectives of this study were: To know what takes millions of people to opt for supporting this club; to know the meaning of this club in their lives; to understand how those people live those experiences; and to identify which are the peculiar characteristics of the Vasco supporter. For such, the cultural approach was chosen, using as field data collection the participant observation technique, documental analysis, field recording and semi-structured interviews. This study indicated that the fan usually becomes interested in the soccer team because of family bonds, bonds of friendship, for living close to the club, for identifying himself or herself with the origin and/or history of the club or for living, in that choosing phase, moments of success or failure of the team. Besides, supporting a club represents the possibility of “public expression of feelings”, using an expression of Geertz. Soccer would be a way, among others, in which the individual could express his or her feelings in a public manner, which is built and is symbolically shown in the heart of a certain culture. The fan’s intense relationship with the club does not let him or her separate the identity individual/fan. This identity is reached through experiences, which include moments of happiness and sadness in this history/relationship. With respect to the specific characteristics visualized in the relationship fan with Vasco, the anti club – the archrival club – was found, in this case, the Flamengo Club. The interesting thing about this relationship of opposition is exactly the sense that brings to the act of supporting Vasco, as if the Vasco fan defined himself or herself as a non Flamengo fan. The Vasco fan identifies his or her club and its supporters as being different from the others by a series of values. For the Vasco supporter, Vasco differs from the other great clubs of Rio de Janeiro for being a representative of the minorities, as the black people, the poor, the portuguese and the suburban. This idea was perpetuated by the history of its consolidation in the twenties, by the representativeness of the “Victory Express” and by the conquests of the 80s and 90s. It was also noticed a tension among the several forms of supporting, in which it is sought to rank who is a “more Vasco fan”. For the fans, Vasco is a reference of time and space. Starting from the relationship built with this club, individuals position themselves and search for sense for their lives.

SUMÁRIO

	Página
BOLA EM JOGO	3
NA CARA DO GOL	7
A CONSTRUÇÃO DA JOGADA	16
VASCO...AH, MEU VASCO	24
HISTÓRIA DE VIDA VASCAÍNA	32
COISA DE VASCAÍNO	69
FIM DE PAPO	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1 – Torcedores à beira do túnel	xiii
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 86.	
FIGURA 2 – Inauguração do Estádio de São Januário	18
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 31.	
FIGURA 3 – Remadores do Clube de Regatas Vasco da Gama, à época de sua fundação	37
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p.11.	
FIGURA 4 – Equipe de futebol do Vasco, campeã carioca de 1923	44
FONTE: ROCHA, José da Silva. Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico, primeiro volume – Rio de Janeiro: Olímpica, 1975, última capa.	
FIGURA 5 – Equipe de futebol do Vasco, campeã carioca de 1929	44
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 78	
FIGURA 6 – O Expresso da Vitória	46
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 50.	
FIGURA 7 – Equipe de futebol do Vasco, campeã carioca de 1970	47
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998 p. 81	
FIGURA 8 – Equipe de futebol do Vasco, campeã brasileira de 1974	48
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 62	
FIGURA 9 – Homenagem dos torcedores vascaínos ao centenário do clube	51
FONTE: JORNAL DO BRASIL, 21 de agosto de 1998.	

	Página
FIGURA 10 – Desfile em carro aberto da equipe do Vasco, campeã da Copa Libertadores da América de 1998	53
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 158.	
FIGURA 11 – Sede do Vasco, localizada à Rua da Saúde	73
FONTE: ROCHA, José da Silva. Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico, primeiro volume – Rio de Janeiro: Olímpica, 1975, s/p.	
FIGURA 12 – Primeiro escudo do Vasco	74
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 13 – Atual escudo do Vasco	74
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 14 – Primeira camisa do Vasco	75
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 15 – Camisa atual do Vasco	75
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 16 – Flâmula do Vasco	76
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 135.	
FIGURA 17 – Primeira bandeira do Vasco	77
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 18 – Bandeira atual	77
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 19.	
FIGURA 19 – O Almirante	79
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p.135.	

	página
FIGURA 20 – O Bacalhau	79
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 20.	
FIGURA 21 – Residência de torcedor, decorada com símbolos do Vasco ...	81
FONTE: Acervo pessoal (foto realizada durante a pesquisa)	
FIGURA 22 – Arquibancada do Estádio de São Januário	83
FONTE: Acervo pessoal (foto realizada durante a pesquisa)	
FIGURA 23 – Pai Santana	85
FONTE: REVISTA PLACAR, Edição Especial 100 anos do Vasco, 1998, p. 10.	
FIGURA 24 – O choro da derrota	96
FONTE: Jornal Lance!, 2 de dezembro de 1998.	
FIGURA 25 – Rivalidade entre vascaínos e flamenguistas	97
FONTE: Jornal Lance!, 2 de dezembro de 1998.	
FIGURA 26 – Outdoor de Eurico Miranda, localizado em frente ao Estádio de São Januário, agradecendo os votos vascaínos	114
FONTE: Acervo pessoal (foto realizada durante a pesquisa)	
FIGURA 27 – O torcer vascaíno	118
FONTE: ROCHA, José da Silva. Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico, primeiro volume – Rio de Janeiro: Olímpica, 1975, p.241.	
FIGURA 28 – O torcer vascaíno	119
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998 p. 119.	
FIGURA 29 – O torcer vascaíno	120
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998 p. 117.	
FIGURA 30 – O torcer vascaíno	121
FONTE: CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: Livro Oficial do Centenário. Rio de Janeiro, BR Comunicações, 1998, p. 120	

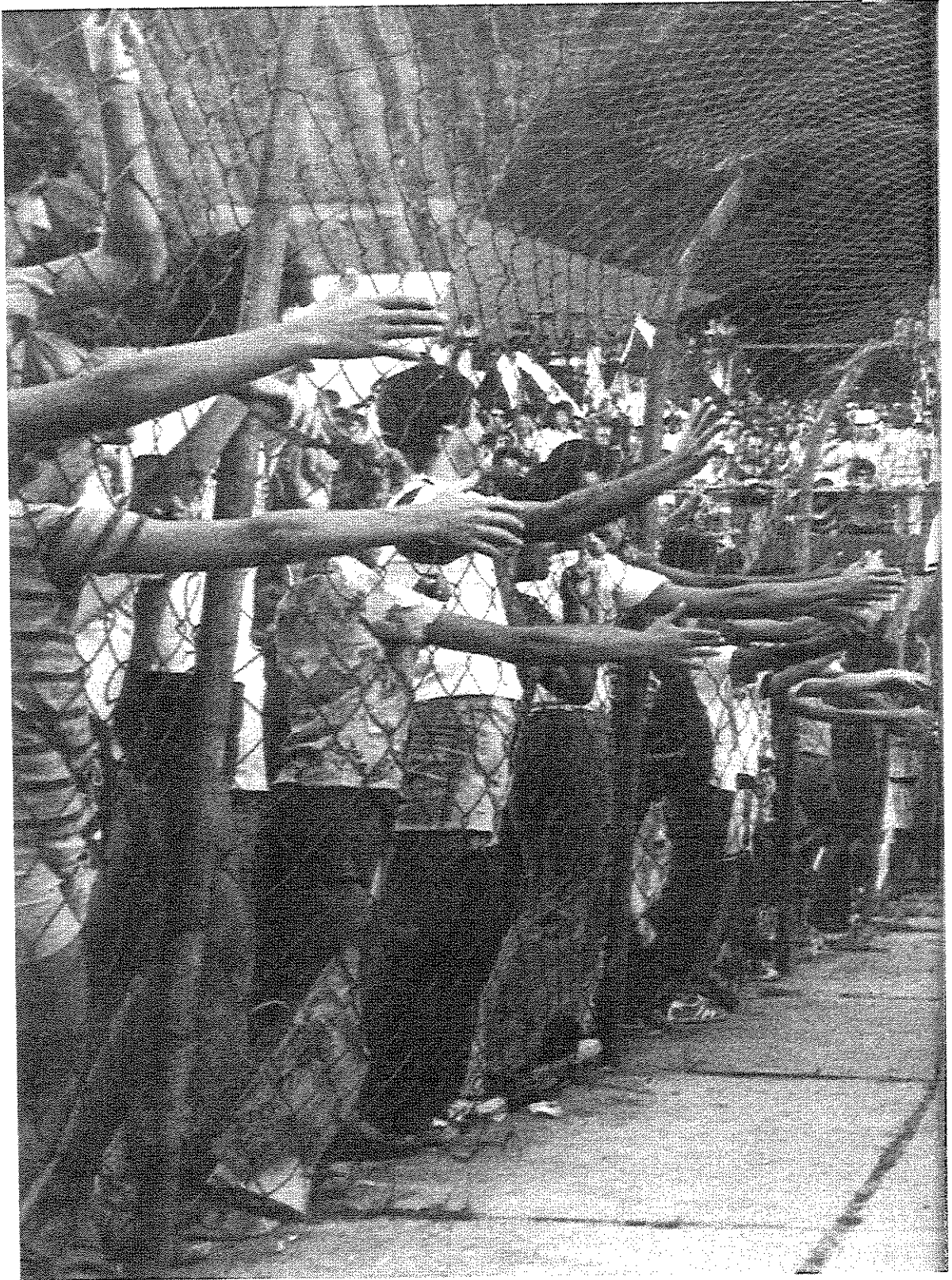


Figura 1 – Torcedores à beira do túnel.

À GUISA DE INTRODUÇÃO

O gradil da casa onde passei a infância e a adolescência, na rua Barão de Mesquita, era todo enfeitado com a Cruz de Malta. Uma casa portuguesa com certeza? Uma casa vascaína, diria o meu pai, Adão Antônio Brandão, que copiou esta idéia do sogro, Alberto Baltahazar Portella.

Não posso lembrar da família sem lembrar do Vasco. A minha mãe, Rosinha, foi criada no clube, e eu segui o mesmo caminho. Não havia jogo ou regata que meu pai lá estivesse para prestigiar seu clube. Meus avós, Alberto e Avelina, nem se fala... eles iam aonde o Vasco estivesse. Fosse em São Paulo, fosse na 1ª excursão do time de futebol à Europa, lá estavam eles. Mas nada de mordomia. Cada um pagava sua despesa, "Contas do Porto" como dizia meu avô. Muitas das festas promovidas pelo clube eram organizadas pelo casal. Era comum, na época das grandes provas de remo, a família, junto com amigos, alugar um barco, e dali ver as regatas de perto. Era uma folia! Leitão assado, frutas e bom vinho português eram transportados em grandes cestas de pic-nic. Uma boa época...

(...)

Morre meu avô Alberto Baltahazar Portella, em 1962, aos 81 anos. A diretoria do Vasco mandou hastear o pavilhão do Clube a meio pau. Antes do jogo Vasco X São Cristóvão, um minuto de silêncio completou as homenagens.

Em 1963, meu pai foi convidado pelo clube a ir a Lisboa colocar uma placa comemorativa junto ao túmulo do Vasco da Gama, no Mosteiro dos Jerônimos. Ele compareceu, vestiu um uniforme de atleta, bandeiras do Vasco e do Brasil. Ficou feliz. Foram recebidos pelo Presidente de Portugal e pelo embaixador do Brasil, Negrão de Lima. Regina, minha irmã, que era solteira, acompanhou.

(...)

Meu pai sempre trabalhou muito, e sonhava que, quando se aposentasse, compraria uma casa na beira da praia na Ilha do Governador e teria um barco para remar. Aquelas águas ele conhecia bem: quando rapaz atravessou a nado o percurso Rio – Nitéroí. Eram águas límpidas as da Baía da Guanabara. Mas o destino não quis assim...

A maior, e mais incrível prova de paixão pelo Vasco, dada pelo meu pai, foi em 1971. Poucos meses depois de se aposentar, levou um tombo no banheiro e bateu com a cabeça. Ficou meio atordoado, mas voltou a si, bem, conversando e a queda ficou por isso mesmo. Dias depois, em um almoço de família, percebemos que ele não conseguia levar o garfo à boca. Médicos, exames, internação, UTI. Foi tudo rápido e Adão foi operado de um coágulo no cérebro. Duas vezes.

Saiu do Hospital dos Servidores do Estado, depois de seis meses, hemiplégico. No dia da alta, uma repórter do Jornal do Brasil solicitou uma entrevista. Impossível, Adão não se comunicava mais com o mundo. Começou a fisioterapia. Homem forte, que na juventude começava a remar às 4 horas da manhã e para se exercitar ia correndo ao trabalho, logo apresentou melhoras. As

pernas foram ficando mais fortes, e lentamente começou a falar. Parecia entender as coisas, mas não se lembrava mais de nós. Aos poucos fomos ensinando: – “Pai, sou sua filha, olha a mamãe é a Rosinha”. Todas as manhãs, meu pai, quase que instintivamente, começava a fazer ginástica, hábito de uma vida inteira, agora sem o acompanhamento do dedicado fisioterapeuta, tentando levantar os braços e depois conseguindo. Melhorou a fala, já podíamos entendê-lo. Perguntávamos pela fábrica e ele não dizia nada. Um dia recebemos a visita de um amigo que, para puxar conversa, falou do Vasco. Tivemos uma grande surpresa ao perceber que do Clube ele não tinha esquecido, a paixão havia preservado a “Memória Vascaína”, e dentro deste contexto, até se lembrou da Rosinha: – “É mesmo, onde está a Rosinha?” – “Estou aqui Adão, não me conhece?” Ele ficou pensativo, sorriu e daí por diante foi uma festa. Parecia que tinha se aberto uma nova dimensão. O campeão estava de volta! Colocamos em uma escrivaninha todo acervo fotográfico, reportagens e livros sobre o Vasco, além de caderno, tesoura, cola. Passava os dias a catalogar fotografias, medalhas, anotações. Lembrava de tudo do Vasco. Só do Vasco (...).

(Depoimento de Yolanda Portellla Brandão Campos no livro “Estórias de amor vascaíno – uma coletânea de declarações de amor ao clube no seu Centenário”, organizado e editado por Ribeiro, J.F., Prais, M. e Bohadana, A. Rio de Janeiro, 1998).

BOLA EM JOGO

Tudo começa e tudo acaba, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontrolável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: – ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas¹.

Minha primeira casa era na Av. Maracanã, esquina com a Rua São Francisco Xavier, na cidade do Rio de Janeiro, aproximadamente a uns 500 metros do maior estádio de futebol do mundo. Depois de uns cinco anos, mudei para a Praça Saens Peña, um pouco mais longe, porém não mais que 2.000 metros do Estádio Mário Filho, mais conhecido como Maracanã.

Faço esse anúncio para dar a dimensão do quanto era difícil não ser envolvido pelo futebol. Na minha primeira moradia, o grande programa era ver a multidão passar rumo ao Maracanã para buscar a vitória de seu time. Além dessa cumplicidade geográfica com o futebol, eu tinha a cumplicidade familiar. Meu pai, filho de portugueses, já era torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama² em “vidas passadas” e, nesta última, parecia ser mais ainda. Orgulhava-se de dizer que em sua estréia em estádio de futebol, em 1926, como vendedor ambulante, o Vasco perdeu para o São Cristóvão, time campeão daquele ano, mas que, mesmo assim, manteve-se vascaíno.

As brigas nos campos de futebol, o time de 29, a Copa de 50, o "Expresso da Vitória", o cachorro de casa que só avançava em pessoas com a camisa do Flamengo, a conquista do Supersuper Campeonato de 58... Em vez das tradicionais histórias contadas às crianças, eram essas narrativas que povoavam minha imaginação.

¹ RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

² A partir deste momento, estarei me referindo ao Clube de Regatas Vasco da Gama como Vasco.

Desde que me lembro participante de grupos sociais, sou reconhecido como Silvio/vascaíno. Minhas brincadeiras preferidas eram futebol e jogo de botão; meu melhor amigo era vascaíno, aliás, isso era critério fundamental para eu gostar de alguém. Meu programa preferido era ver o Vasco jogar... Enfim, a paixão pelo Vasco sempre me acompanhou.

Toda pessoa um dia pensa o que vai fazer quando crescer. E como o futebol já tinha me ensinado tanto, como já tinha me dado muitos amigos, quis ser jogador de futebol, mais especificamente goleiro e, se possível, do Vasco. Das gloriosas e inesquecíveis peladas na Quinta da Boa Vista, resolvi ir aos clubes. Fui, treinei, fiz testes, sonhei, chorei...mas tenho que reconhecer que existiam outros melhores, e eu teria de me contentar em jogar no time de amigos. Já estava mais velho, e a tal dúvida persistia. Uma luz me trouxe a solução. Se não podia ser goleiro, seria técnico de futebol. Então, para isso, resolvi fazer Faculdade de Educação Física.

Ao entrar no curso, tive logo várias oportunidades de trabalho, mas todas ligadas à área escolar e de natação. Com o amadurecimento dos estudos, fui vendo quanto era seletivo e cruel o mundo do esporte de alto nível. A partir daí, deixei de lado o desejo de ser técnico de futebol e passei a ver o esporte como um meio de atingir objetivos mais amplos do que simplesmente a vitória pela vitória.

Vale ressaltar que nos anos 80, na área de Educação Física, o esporte de alto nível recebeu críticas severas³. Fazia-se relação direta do esporte de alto-rendimento com a ditadura militar, com o modelo americano de universidade, com a lógica higienista e eugenista dos governos fascistas. E o futebol, então, o que dizer: a Copa do Mundo de 70 teria servido ao governo Médici – em meio a todo um conflito

³ Sobre essas críticas, consultar CARMO, A. A. do. Educação física: crítica de uma formação acrítica. Um estudo das habilidades e capacidades intelectuais solicitadas na formação do professor de Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1982; MEDINA, João, P. S. *Educação física cuida do corpo...e “mente”*. Campinas: Papyrus, 1983; CAVALCANTE, K. B. *Esporte para todos – Um discurso ideológico*. São Paulo: Ibrasa, 1984; BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Local*, v.2, p.62-68, 1986.

político, milhões de brasileiros se alienavam comemorando a conquista da taça Jules Rimet. O futebol era o ópio do povo!

Lembro-me de que, envolvido nas discussões que permeavam a Educação Física naquele momento e influenciado pelas publicações de teor crítico que surgiam, acabei adotando um discurso contrário à prática do futebol na escola. Nas minhas aulas, as crianças queriam jogar futebol, e eu dizia: "futebol vocês jogam na rua"! Hoje avalio que cometi um equívoco, já que a paixão que eu e as crianças tínhamos pelo futebol era a mesma e, ao invés de negá-lo, poderíamos tê-lo "re-significado".

Talvez esse incômodo causado pela própria contradição tenha me feito ver a necessidade de continuar estudando. Fui para Santa Maria (RS) fazer o mestrado ligado à Educação Física Escolar, mais especificamente na área de Crescimento e Desenvolvimento Humano. Lá tive oportunidade de trabalhar com futebol. Montei, com a ajuda de outros profissionais⁴, uma escolinha de futebol, trabalho esse que continua existindo na Universidade Federal de Santa Maria.

O contato com a paixão que as crianças demonstravam pelo futebol, a emoção dos jogos, o cheiro da grama, o barulho da bola na rede me fez novamente absorver o desejo de trabalhar com esse esporte. Queria falar ao mundo acadêmico sobre aquilo que via e sentia, mas não podia. Primeiramente, tinha receio de que, ao não explicitar com o meu estudo uma discussão engajada politicamente – e isso era um “pecado” naquele momento histórico –, conseqüentemente poderia estar contribuindo para as desigualdades sociais que assolavam (e ainda assolam) o nosso país. Além disso, na área da Educação Física não havia lugar para problemáticas subjetivas.

Após o mestrado, iniciei minha carreira acadêmica na Universidade Federal de Viçosa, na área de Recreação e Lazer. Preparando-me para lecionar as disciplinas ligadas ao lazer, fui utilizando com maior intensidade uma bibliografia, com a qual

⁴ Entre as inúmeras pessoas que contribuíram nesse projeto, sinto-me na obrigação de lembrar os nomes dos professores Cyro Knacfuss, Édila Cantarelli e Alex Fensterseifer.

já tinha tido contato, que trazia à tona a questão do lúdico, do prazer, da alegria, da emoção... Comecei a ver que existiam pessoas que estudavam coisas sobre as quais eu pensava. Vi que um problema de pesquisa poderia ter também um teor subjetivo e que conhecer o indivíduo, ou determinado grupo de indivíduos, era importante para conhecer a sociedade.

Veio a necessidade do doutoramento e, junto com ela, o reconhecimento de que a Educação Física estava mais próxima de outras áreas das Ciências Humanas, de que já se utilizava um referencial metodológico qualitativo e de que já era permitido pesquisar a partir de questões subjetivas, embora eu ainda não tivesse a coragem de me aventurar em falar de subjetividade, de paixão, de emoção...

Fui selecionado para o curso e ao conviver com os professores Nelson Carvalho Marcellino e Jocimar Daolio, ao cursar disciplinas na Faculdade de Educação Física e na Faculdade de Educação, ao assistir a defesas de doutorado e mestrado, ao participar de outros eventos acadêmicos e ao ser estimulado por algumas pessoas, convenci-me de que seria possível tratar de um assunto que sempre apaixona milhões de pessoas e a mim, particularmente.

NA CARA DO GOL

É significativa a quantidade de exposições, filmes, programas de televisão, trabalhos literários e acadêmicos que têm sido produzidos sobre futebol⁵. As mais diversas áreas do conhecimento têm realizado pesquisas sobre esse esporte. Através da observação do cotidiano brasileiro, tem-se a dimensão do tanto que esse esporte faz parte do dia-a-dia da nossa sociedade.

No que diz respeito ao surgimento do futebol no Rio de Janeiro, a versão mais conhecida⁶ é de que, em 1897, o descendente de ingleses Oscar Cox resolve seguir o exemplo de Charles Miller, em São Paulo, e traz da Europa bolas e demais equipamentos necessários à prática futebolística. De acordo com a “história mais contada”, os primeiros praticantes pertenciam à elite carioca, e o linguajar do novo esporte era todo em inglês. Porém, logo se difunde por fábricas e indústrias, passando a ser também praticado por trabalhadores. Todavia, crê-se que o futebol já se fazia existir no Brasil em razão do contato que havia nos colégios, nos cais e nas fábricas com aqueles que já tinham experiências de convívio com a cultura européia.⁷

O Rio de Janeiro passava, naquele instante, por bruscas reformas urbanas, que modificavam a disposição geográfica da maior população brasileira da época⁸. A maioria das pessoas morava no centro da cidade e se via obrigada a ir para a Zona Sul (aqueles com mais recursos econômicos), para a Zona Norte (os remediados) e

⁵ Como forma de exemplificar esta afirmação, cita-se, entre inúmeros outros trabalhos, o filme *Boleiros: era uma vez o futebol*, de Ugo Giorgetti, programa em série com a temática futebol no canal de televisão GNT, e o livro *Brasil bom de bola*. Fortaleza: Editora Tempo d'Imagem, 1998, sob a coordenação editorial de Ed Viggiani.

⁶ Falo em versão, acreditando que toda e qualquer história não possui uma única versão.

⁷ Sobre a questão da história do futebol no Rio de Janeiro, é importante consultar: PEREIRA, L. A. M. *Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁸ Sobre esse assunto, consultar: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 1987; EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Xenon, s/d; NEEDEL, Jeffrey, D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Ed. Cia. Letras, 1993; DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (Org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985; SEVCENKO, Nicolau & Novais, Fernando A. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

para os morros (os mais pobres). De acordo com Mattos⁹, os clubes também fizeram parte desse esforço modernizador e cosmopolita que contagiou o Rio na virada do século. A autora recorreu a Needel¹⁰, que, em seu estudo sobre a *Bela Époque*, relacionou a criação dos clubes ao desejo de estabelecimento de um convívio social da elite.

Atualmente, a assim chamada “cidade maravilhosa” apresenta aos seus habitantes e àqueles que a visitam inúmeras possibilidades de lazer. O futebol aparece como uma dessas opções e consegue grande atenção de boa parte da população carioca. Através de minha intensa (con)vivência nessa cidade, observo que a manifestação individual desse interesse aparece nas mais diversas formas: na assídua assistência aos jogos na televisão ou nos estádios, na escuta do rádio, no acompanhamento do noticiário esportivo, nas peladas com os amigos e nas discussões de botequim, dentre outras.

Conforme relatado anteriormente, minha formação é na área de Educação Física; especificamente, estou ligado ao estudo do lazer, com grande interesse nas manifestações sociais, particularmente o futebol. Tenho grande paixão por um clube e penso que, mesmo tendo havido nos últimos tempos número significativo de trabalhos que versam sobre o tema, ainda existe uma lacuna nos estudos produzidos na universidade que tratam da relação específica do torcedor com seu clube e a respeito da explicitação dessa relação.

Quando uso o termo lacuna, não penso em falha, falta ou omissão, penso sim, em vácuo, espaço que pode ser preenchido. Usando linguagem futebolística, posso dizer que “dá para fechar mais esse meio campo” e “tornar o time mais compacto”, dialogando com as pesquisas já realizadas e, sobretudo, buscando penetrar em pontos que não foram ainda tocados. Apresentando esses estudos, tentarei deixar claro onde sinto uma lacuna – ou seja, o que há ainda para ser pesquisado nessa temática já tão brilhantemente estudada.

⁹ MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

¹⁰ NEEDEL, Jeffrey, D. *Belle époque tropical*. São Paulo. Cia. Letras, 1993.

Vou começar a apresentação por um trabalho marcado pelo pioneirismo, pela coragem de pesquisar naquela época (década de 80) tal temática, assim como pela competência com que foi desenvolvido. Trata-se da pesquisa de César¹¹, que buscou explicitar alguns aspectos do futebol como fenômeno de manifestação coletiva, centrando sua análise nas características e peculiaridades de determinada torcida organizada: a Gaviões da Fiel¹².

Através de acompanhamento intensivo de seus integrantes e de suas atividades, aquele autor procurou traçar um perfil histórico dessa torcida, pesquisando também sua dinâmica interna, suas relações com o exterior, suas condicionantes, suas ramificações, suas interferências, suas influências e os condicionamentos pelos quais passava.

A obra “Universo do Futebol”¹³, coletânea de diversos autores, merece destaque pela qualidade, pela época (também década de 80) em que foi editada e pela atualidade que sustenta. Duas perguntas margeiam os quatro ensaios desse livro e dão pistas sobre o objetivo de seus autores. São elas: por que o futebol assume tal popularidade no Brasil? E por que ele acabou por ser uma imensa tela onde se pode projetar não apenas um drama técnico, mas toda uma complexa e sutil rede de argumentos e ilações relativas à vida, ao destino e às relações sociais?

Em um dos ensaios, Flores¹⁴ indicou, entre outras coisas, como o futebol fascina o público pelo que veicula de igualdade e possibilidades de exercer escolhas – de exercitar a liberdade.

Em outro ensaio, Guedes¹⁵ apontou, primeiramente, a falta de atenção para com o futebol, por parte do mundo acadêmico. Em seguida, estudou o fenômeno futebol, revelando como um grupo de operários suburbanos pode sonhar com essa

¹¹ CÉSAR, Benedito Tadeu. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*. Campinas: IFCH/UNICAMP/Antropologia Social. Dissertação de Mestrado, 1982.

¹² Uma torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista.

¹³ DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

¹⁴ FLORES, Luiz F.B.N. *Na zona do agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol*. In: DaMatta (Org.), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

¹⁵ GUEDES, Simone, L. *Subúrbio: celeiro de craques*. In: DaMatta (Org.), *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

possibilidade de bem viver, numa sociedade onde a vida com segurança só é permitida, de modos gradual, lento e seguro, aos membros de certas famílias, bairros ou corporações. Nesse caso, segundo a autora, *o jogo de futebol cumpre funções simbólicas e sociais complexas, atualizando inclusão e exclusões, reforçando, criando e cortando laços sociais, atuando como mecanismo reprodutor e reinterpretativo de ideologias* (p.74).

Já o ensaio de Vogel¹⁶ indicou como o futebol tece uma teia e uma cadeia de episódios que ampliam essa cidadania positiva, que nossa identidade nacional descobriu. Para esse autor, o futebol e as conquistas das Copas do Mundo são referências para a construção de uma história positiva do Brasil.

Ainda nesse livro, DaMatta¹⁷, em seu ensaio sobre o futebol brasileiro, quando falou do futebol em diferentes sociedades, relatou que a palavra futebol para os brasileiros nunca surge sozinha. Ela é sempre precedida do qualitativo jogo¹⁸ (jogo de futebol), diferentemente dos países anglo-saxões, que vêem o futebol como um “sport”. Segundo esse autor, para o brasileiro, o futebol é uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, mas também depende das forças incontrolláveis da sorte e do destino. Além disso, na associação do futebol com a Loteria Esportiva, vários jogos de futebol são jogados em planos diferenciados, mas simultaneamente. Há o jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores; há outro jogo que se passa na vida real, jogado/apostado pela população brasileira, na sua busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo jogado no “outro mundo”, onde as entidades do plano espiritual são chamadas a influenciar nos resultados. Segundo DaMatta¹⁹, o torcedor torce, indicando a idéia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si mesmo. Segundo ele, chamar os espectadores de um

¹⁶ VOGEL, Arno. *O momento feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*. In: DaMATTa (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

¹⁷ DaMATTa, Roberto. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DaMATTa (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

¹⁸ Para fazer uma análise mais pormenorizada sobre o jogo, indica-se o clássico HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

¹⁹ DaMATTa, Roberto. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DaMatta (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

jogo de futebol de torcedores é algo que só pode ser completamente entendido quando se levam em conta todas essas importantes conotações sociais do esporte no Brasil. Para esse autor, o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte (como uma atividade individualizada com conotações específicas), mas também como um jogo a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações sociais. O futebol deve ser visto como “um fato social total”²⁰.

Outra obra que merece atenção é o livro de Meihy & Witter²¹, cujos autores fazem uma reunião de artigos de professores universitários sobre o futebol brasileiro. O objetivo dos referidos autores com essa coletânea foi, de maneira generalizada, abordar a paixão do brasileiro pelo futebol. Esse trabalho é considerado importante, justamente por ter sido um dos primeiros a reunir pesquisadores tratando do tema dentro de uma dimensão social.

Um trabalho que pode, e deve, ser citado como observador da relação futebol/torcedor é o da socióloga americana Janet Lever²². Em um dos capítulos da sua pesquisa, ela analisou o papel do futebol na vida dos torcedores brasileiros, entrevistando 200 homens da classe trabalhadora. Ao final, em suas conclusões, ela rebateu a noção muito arraigada entre os teóricos da época de que o futebol pode ser o ópio do povo. Para Lever, o contrário acontece, ou seja, embora as divisões entre clubes e os rituais dos torcedores possam permanecer os mesmos, o futebol, nosso esporte maior, paradoxalmente é capaz de atuar como força para promover mudança social.

Seleciono também o trabalho de Daolio²³. O autor vem ao longo dos anos contribuindo, na área da Educação Física, com pesquisas e artigos, utilizando-se de uma abordagem cultural. Nessa coletânea são apresentados quatro artigos sobre

²⁰ Expressão criada por Marcel Mauss que traz a idéia de que o “fato” não pode ser analisado isoladamente, na medida em que o social só é real quando está integrado a um sistema. Sobre o assunto, ver: MAUSS, Marcel. *Antropologia*. Organizador [da coletânea] Roberto Cardoso de Oliveira; [tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldi Meirelles e Ivone Toscano]. São Paulo : Ática, 1979.

²¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

²² LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

²³ DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

futebol, mostrando sempre que esse esporte não é apenas um conjunto de regras, técnicas e táticas, mas sim uma manifestação da sociedade brasileira.

Outra pesquisa que interessa destacar aqui foi realizada por Mattos²⁴, que se propôs estabelecer uma relação entre quatro mitos da imagem²⁵ (auto-imagem e imagem pública) carioca e a história dos quatro principais clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro. Acaba assim, através de quatro pequenas histórias exemplares de Vasco da Gama, Fluminense, Botafogo e Flamengo, estabelecendo quatro modelos míticos de comportamento do Rio de Janeiro e dos cariocas.

A torcida de futebol, mais uma vez, ganhou destaque no trabalho de Toledo²⁶. Nele se buscaram identificar e analisar alguns dos principais aspectos que constituem o modo de vida dos torcedores organizados. Foram relatadas determinadas práticas que, organizadas a partir da paixão por times de futebol, responderam a determinado padrão de sociabilidade, constituindo uma entre as tantas formas de interação social características em uma metrópole. Para esse autor, a condição de torcedor de futebol é apenas mais um entre tantos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade. E, a partir dessa condição, existe a possibilidade de se pensar, através da maneira como a sociedade é classificada pela preferência por times e torcidas de futebol, sobre o modo de vida nela contido.

Reis²⁷ também deve ser lembrada, na medida em que analisou as manifestações dos espectadores e torcedores de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo, utilizando-se da teoria sócio-histórica de Elias & Dunning²⁸. Nessa tese, a autora concluiu que o tipo de violência manifestada pelos

²⁴ MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²⁵ São eles: Fluminense e a origem nobre, Flamengo e a pobreza turbulenta, Vasco e a mestiçagem e Botafogo e a elite irresponsável.

²⁶ TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. – (Coleção educação física e esportes).

²⁷ REIS, Heloísa Baldy. *Futebol e violência: As manifestações da torcida*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1998.

²⁸ Sobre Elias e Dunning, ver principalmente:

ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en la civilizacion*. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995.

torcedores do Palmeiras, durante o Campeonato Brasileiro de 1996, foi a violência simbólica. Além disso, ela fez considerações no sentido de que se implementassem medidas de segurança que impedissem a transformação da violência simbólica em violência real.

Para fechar esse rol de trabalhos com temáticas próximas à que se elegeu para esta pesquisa, cito o trabalho de Damo²⁹. Dentre os trabalhos aqui citados, considero-o com maior proximidade com o tema eleito. Todavia, essa similaridade fica restrita à temática, posto que se buscaram, no presente trabalho, clube, torcida, metodologia e referencial diferentes. Além disso, Damo (“gremista, pela necessidade de optar”) teve a preocupação de deixar claro que, por estar se tornando antropólogo, sentiu que era necessário não confundir-se (no sentido de prender-se) aos gremistas, pois tinha de estar no lugar, considerado por ele, mais apropriado.

No meu caso, o presente trabalho é de um professor de Educação Física, que não tem a intenção de tornar-se antropólogo, nem sociólogo, nem historiador (sem desmerecimento a essas áreas e reconhecendo a contribuição dessas abordagens na presente pesquisa), mas que, por opção, será sempre um torcedor vascaíno, assumindo os riscos de falar “de dentro” do grupo. Conforme relatou Minayo³⁰:

A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévi-Strauss (1975): ‘numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação (p.14).

²⁹ DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier – O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação de Mestrado do Programa de pós-graduação em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

³⁰ MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 3. ed. Petrópolis. Vozes, 1994.

O trabalho de Damo foi resultado de uma pesquisa etnográfica, realizada no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e com seus torcedores, acerca do pertencimento clubístico. Tendo esses torcedores como referência, foram abordados vários aspectos da relação torcedor/clube de futebol no Brasil. Considerou-se essa relação como a mola propulsora do gosto pelo futebol, e investigaram-se os aspectos simbólicos constitutivos das rivalidades entre os clubes e, por extensão, entre seus torcedores.

Segundo esse autor, tais rivalidades transcendem o universo específico do futebol, e busca-se identificar, através delas, os pontos de interseção entre esse esporte e outras esferas da sociedade brasileira. Sendo o Grêmio um clube da cidade de Porto Alegre, RS, e as rivalidades locais as mais densas, é por oposição ao Sport Club Internacional, o “outro” porto-alegrense, que os gremistas se preocupam primeiramente. Também “se pensam” entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento traduzida pelo termo “nação”. E quando o Grêmio vence equipes de outros estados, especialmente do centro do país, permite-se aos gremistas expressar os antigos e, ao mesmo tempo, atuais sentimentos regionalistas.

Com base no que foi apresentado justifico o uso do termo “lacuna”, e que esta tese, apesar de ter temática próxima à de outros trabalhos realizados, mantém sua especificidade, qual seja: investigar a relação do torcedor com um clube, mais particularmente um clube carioca de origem portuguesa. Busco assim, contribuir com o referencial produzido sobre o assunto. Parto então, de um estudo de caso, em que se foi buscar dos torcedores do Vasco a compreensão do torcer por esse clube.

A importância deste trabalho, no qual se localiza, a meu ver, a diferença primordial em relação aos trabalhos anteriormente citados, reside na atenção dada à motivação do indivíduo no momento em que opta por vivenciar seu tempo disponível³¹. Acredito que essa preocupação deva ser levada em consideração no

³¹ Recorreu-se a expressão “tempo disponível” em vez de “tempo livre”, com base na alegação de MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas : Papyrus, 1990, de que, “tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social”.

momento em que se pensa na relação lazer/sociedade. O que leva milhões de pessoas a torcer por um clube de futebol, especificamente pelo Vasco? Qual o significado do clube eleito em suas vidas? Como essas pessoas vivenciam essa experiência? Quais são as características peculiares desse torcer vascaíno?

O pressuposto aqui defendido³² e confirmado é de que o torcedor se interessa por um clube, em geral por vínculos familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem e, ou, história do clube ou por vivenciar, nessa fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso dessa equipe.

O Vasco representa para esse torcedor a possibilidade de “expressão pública de sentimentos”, que, segundo Geertz³³, apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer. Tal expressão dá sentido ao indivíduo perante a sociedade. A relação intensa do torcedor com o clube faz com que ele não separe a identidade sujeito/torcedor. Essa identidade é alcançada através de experiências, que incluem momentos de alegria e tristeza nessa história/relação.

No que diz respeito às características específicas visualizadas nessa relação torcedor e Vasco, encontrou-se o anticlube – o clube arqui-rival – no caso, o Clube de Regatas do Flamengo. Percebeu-se, também, uma tensão entre as diversas formas de torcer, em que se busca hierarquizar o “ser vascaíno”. O torcedor do Vasco identifica seu clube e a sua torcida como diferentes dos outros clubes e das outras torcidas por uma série de valores, demonstrados pelo grupo estudado.

E é, então, do esmiuçamento dessas questões que esta pesquisa se pautará daqui por diante.

³² Esta pesquisa constituiu-se em um estudo de caso. Assim, as conclusões neste trabalho se referem aos torcedores do Vasco. Todavia, intuo que algumas dessas conclusões podem ser estendidas à relação de outros torcedores com seus respectivos clubes.

³³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. - Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

A CONSTRUÇÃO DA JOGADA

Nesta pesquisa, fiz a opção pelo referencial cultural, pois vejo nele o melhor guia no trajeto a ser percorrido. DaMatta³⁴ ajudou justificar essa opção quando, ao escrever sobre o pesquisar nas ciências sociais, afirmou que a Antropologia é a matéria devotada ao estudo do homem que melhor estabelece uma ponte entre dois universos (ou subuniversos) de significação, sendo tal ponte, ou mediação, realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação.

Relatei neste trabalho, embasado na observação e no contato humano, de modo artesanal e paciente, como sugeriu aquele autor citado, a relação do torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama com o clube. Sempre fui muito ligado ao Vasco e à sua torcida, por isso tive que buscar o distanciamento necessário; distanciamento e pertencimento – idéias-chave nesta pesquisa. DaMatta³⁵ afirmou que, para vestir a capa de etnólogo, é preciso aprender a transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. De acordo com ele, a segunda transformação parece corresponder ao momento presente da Antropologia, quando a disciplina se volta para a nossa própria sociedade. O problema é, então, tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e, assim, descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação³⁶.

Geertz³⁷ também auxiliou na fundamentação desta discussão quando diz que

O alargamento do universo do discurso humano pode ser considerado o objetivo da antropologia. De fato, esse não é seu único objetivo – a instrução, a diversão, o conselho prático, o

³⁴ DaMATTa, Roberto. “O ofício do etnógrafo, ou como ter ‘anthropological blues’”. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

³⁵ DaMATTa, Roberto. *Op.cit.*

³⁶ As noções de reificação e legitimação são usadas por BERGER e LUCKMANN em *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

³⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das cultura*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano são outros, e a antropologia não é a única disciplina a persegui-los. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, ou comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (p.24).

Sendo o futebol parte da cultura brasileira e considerando que cultura é contexto, o futebol deverá ser sempre contextualizado. Por isso, o processo de análise da relação torcedor/clube só poder realizar-se contextualizadamente significa dizer, localizado num tempo e num espaço, determinado por e determinante para múltiplas relações.

Buscando iniciar, como afirmou Geertz na citação anterior, a descrição do contexto na minha pesquisa, inseri-me no campo no segundo semestre de 1998. Achei que ir à sede principal do clube seria a opção mais correta. No início, pareceu-me um pouco estranho estar entrando em São Januário como pesquisador e não como torcedor. Realmente não sabia como cada um (o pesquisador e o torcedor) iria se portar, mas a convivência entre os dois foi melhor do que o esperado.

Em razão desta pesquisa, resolvi me associar ao clube. O fato de ser sócio abriu-me várias portas: desde a entrada facilitada no clube, dando-me a possibilidade de estar lá em vários momentos significativos até o conhecimento de pessoas-chave, importantes na história do clube, o que me possibilitou opções diversas sobre quem entrevistar.

A principal sede do Vasco, local onde se realizou a maior parte desta pesquisa, foi inaugurada em 27 de abril de 1927, situa-se no Bairro de São Cristóvão e é chamado de Estádio de São Januário (Fig. 2). Numa área de 56 mil metros quadrados, concentram-se o campo de futebol, em condições de receber um público de 40 mil pessoas, o parque aquático, o ginásio polivalente, com capacidade para 5 mil torcedores; as quadras esportivas ao ar livre; a concentração para moradia de

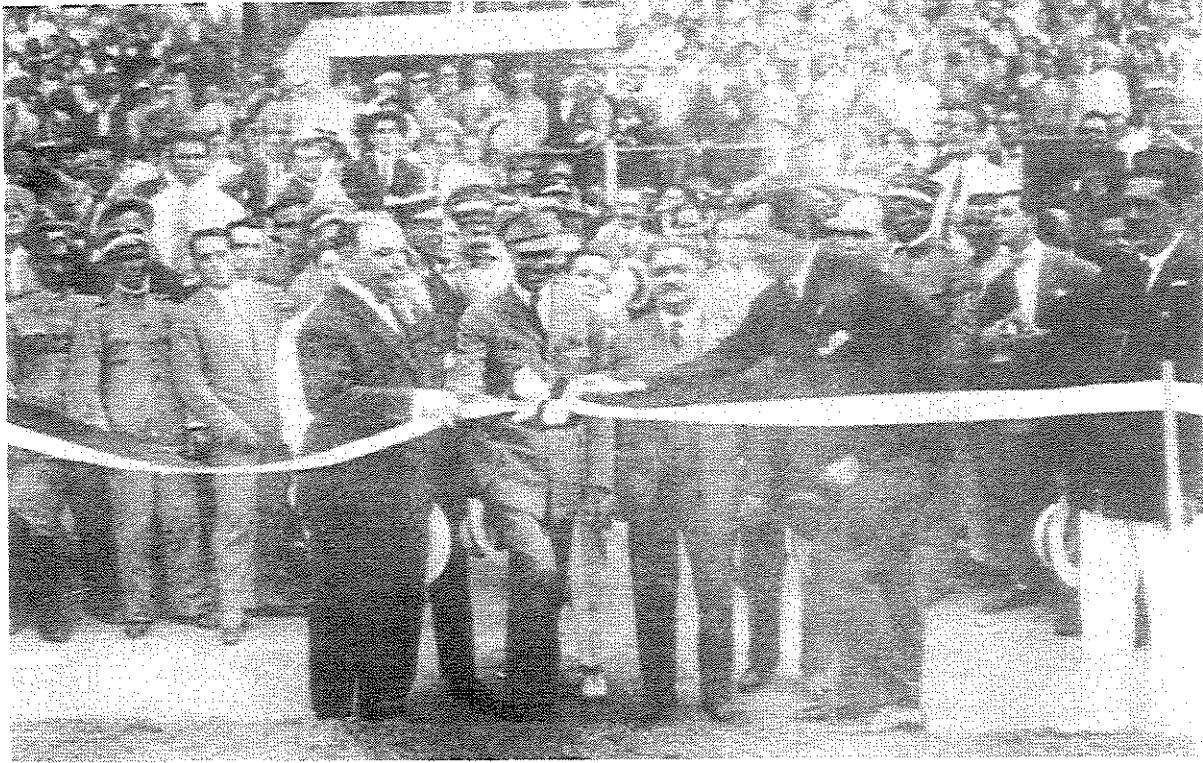


Figura 2 – Inauguração do Estádio de São Januário.

atletas amadores; uma capela; sala de troféus; bar; restaurante; boutique; etc. São Cristóvão hoje é um bairro industrial, mas que já foi nobre, moradia da Corte Portuguesa. Mantém ainda algumas casas com estilo arquitetônico do início do século XX e, do meu ponto de vista, é ainda um bairro “com identidade”, ou seja, com características muito próprias, que faz com que se sabe estar em São Cristóvão, possuidor de certo charme e simpatia. O número de moradores pertencentes à colônia portuguesa é grande, assim como os botequins de propriedade desses patrícios. Todavia, essa localização do clube, em um bairro industrial e vizinho à favela da Barreira do Vasco, não se mostra atrativa à frequência social. Nota-se que os frequentadores de São Januário são, na sua maioria, torcedores e atletas das mais diversas modalidades esportivas.

O Vasco possui também duas outras sedes e começa a construir uma terceira, que servirá de centro de treinamento, na Rodovia Wasghinton Luís, na Baixada Fluminense. A sede do Calabouço, com fins sociais e de menor porte que a de São Januário, está situada na Rua Jardel Járcolis, s/n, em frente à Baía de Guanabara, entre o Museu de Arte Moderna e o Aeroporto Santos Dumont. Já a Sede Náutica da Lagoa fica localizada na Rua General Tasso Fragoso, em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, e atende especificamente ao remo vascaíno. Entretanto, o autor não freqüentou essas sedes para realizar este estudo.

Algumas vezes, o torcedor ajudou este pesquisador. Em contato com alguns entrevistados, eu sentia que faziam um certo “tipo” para o “moço da Unicamp” (forma como alguns me chamavam), mas, na medida em que sentiam que eu tinha muitas informações sobre o Vasco, eles se tornavam mais naturais. Para exemplificar uma dessas situações, em entrevista a uma ilustre torcedora organizada, chefe de torcida, e ela me contou que seu sentimento de rivalidade pelo Flamengo se iniciou num jogo decisivo do campeonato de 1944, quando um jogador do time da Gávea teria cometido falta no zagueiro vascaíno no momento em que marcou o gol da vitória. Sentindo seu esforço para lembrar o nome do goleador flamenguista, eu disse: "Valido"! Ela se espantou e exclamou: – “ele conhece”!

O assunto que sempre introduzia a conversa era o Vasco, normalmente sobre algum assunto em voga naquele momento. Todavia, ouvi muitas declarações de ordem pessoal, e o “jogo de cintura” era fundamental nessas ocasiões. Numa delas, um senhor português, vascaíno de longa data, ao introduzir a história de como tinha se tornado torcedor do Vasco, fez-me a seguinte pergunta: – "sabes quem foi Salazar"? Inseguro pela direção a tomar, respondi-lhe em voz baixa: "O ditador"? Ele se ofendeu e disse em voz alta: – "O Estadista"! Dei uma disfarçada, e continuamos a conversa. Ofícios da etnografia...

Esses fatos fizeram retornar a Geertz³⁸, quando afirmou que

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (p.20).

Dessa forma, não foram só as palavras que se transformaram em informações para o trabalho. Diversos tipos de silêncio, expressões, conversas paralelas, manifestações ajudaram-me, como escreveu aquele autor, “a construir uma leitura de”.

As observações se deram até janeiro de 2000. Mesmo antes da pesquisa, eu acompanhava-se o dia-a-dia do Vasco, através dos noticiários, indo aos jogos e ao clube e conversando com outros vascaínos. Ao iniciar a pesquisa, continuei fazendo o mesmo, só que com um aguçar no olhar e a preocupação do registro. Mais uma vez Geertz³⁹ me ajudou a justificar minhas opções metodológicas, na afirmação de que

O pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública – seu habitat natural é o pátio de casa, o local do mercado e a praça da cidade (p.225).

Fui, então, atrás do pensamento vascaíno em seu "habitat", onde foram feitas 12 entrevistas. A escolha dos sujeitos se deu por indicação de pessoas ligadas ao Vasco e dos próprios entrevistados. Procurei um universo múltiplo, no que diz respeito às características dos entrevistados. Decidi que o número de entrevistados era suficiente na medida em que os dados não iam apresentando novidades. Na

³⁸ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

³⁹ GEERTZ, Clifford. *Op.cit.*

verdade, o meu universo de sujeitos era maior do que os doze que foram ouvidos. Além do meu tempo de observação, que me propiciou um diário de campo, e da minha experiência sobre o assunto, tenho livros, reportagens e filmes que retratam esse torcer vascaíno. Tudo isso foi fonte de inspiração.

As pessoas⁴⁰ entrevistadas variavam em idade, sexo, formação, profissão, local de moradia, condição econômica e mesmo em suas condições de torcedores ou torcedores organizados⁴¹. São elas:

E1 – 36 anos, solteiro, morador de Botafogo, no Rio de Janeiro, formado em administração de empresas; trabalha com o pai no açougue da família. Seus pais são portugueses, e a mãe é botafoguense. Lê muito sobre futebol (jornais, revistas e livros). Nesse estudo ganhou o nome de Marcelo.

E2 – 36 anos, professor de Educação Física e árbitro de Futebol, nasceu no Engenho Novo e criou-se na Tijuca, no Rio de Janeiro, mas, atualmente, trabalha em uma universidade fora de sua cidade natal; tem dois filhos. Seus pais são brasileiros, mas o avô paterno era português (torcedor do América). Aqui é chamado de Augusto.

E3 – 36 anos, nascido na Tijuca, no Rio de Janeiro, mora na Lagoa. É casado e tem dois filhos. É engenheiro civil e filho de portugueses. Seu nome aqui é Renato.

E4 – 67 anos, carioca, nascida em São Cristóvão, é filha de português e chefe de torcida organizada, sendo conhecida como uma torcedora-símbolo. Tem dois filhos, é viúva (foi casada com um conhecido jogador dos anos 50) e mora em Copacabana. Ganhou o nome de Glória.

⁴⁰ As quais foram identificadas pela letra “E” (entrevistado) mais um número e com nomes fictícios.

⁴¹ REIS, Heloísa, B. *Futebol e violência: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1998, classificou os torcedores em três categorias. São elas: espectador (aquele que vai ao estádio, mas só assiste ao jogo, sem se manifestar); torcedor (aquele que torce sem estar ligado a nenhuma torcida organizada) e torcedor organizado. Em minha pesquisa denominarei como torcedor aquele que torce pelo clube, em casa ou no estádio, sem participar das torcidas organizadas.

E5 – 55 anos, carioca, nascida e moradora da Penha, filha de português, viúva, dois filhos, pensionista e membro de uma torcida organizada. No presente texto se chama Aparecida.

E6 – 54 anos, filho de português, casado, dois filhos, médico, professor da UERJ, nascido no Méier, mas morador da Tijuca. É co-autor de um livro que homenageia o Vasco. Aqui é o Rodolfo.

E7 – 86 anos, nascido em Portugal, comerciante aposentado, vive no Brasil desde os 15 anos, morador do Méier. Seu nome aqui é Joaquim.

E8 – 16 anos, estudante, recém-ingressado na torcida organizada, carioca, morador da Zona Norte. Seu nome aqui é Flávio.

E9 – 16 anos, estudante, carioca, morador da Zona Norte do Rio de Janeiro, recém-ingressado na torcida organizada. Neste trabalho é Pedro, primo de Flávio.

E10 – 40 anos, advogada, carioca, casada, três filhos, mora atualmente em Teófilo Otoni, MG. Foi chamada de Cândida.

E11 – 56 anos, carioca, casado, filho de italianos, sem filhos, propagandista da indústria farmacêutica, aposentado, morador de Copacabana. Neste estudo, ele é Henrique.

E12 – 48 anos, nascido em São Cristóvão, separado, policial rodoviário federal, morador do município de Seropédica, RJ, fundador e chefe de uma torcida organizada. Seu nome aqui é Geraldo.

Marcelo, Augusto, Renato, Glória, Aparecida, Rodolfo, Joaquim, Flávio, Pedro, Cândida, Henrique e Geraldo tiveram comigo mais do que boa vontade. Reconheci neles um grande prazer em falar de suas relações com o Vasco da Gama, e houve momentos de emoção. Algumas entrevistas foram realizadas no próprio clube, outras em residências; uma aconteceu num restaurante e duas foram via internet.

Os documentos, em forma de livros, revistas e jornais, foram chegando às minhas mãos de maneira paulatina, por várias vias, trazendo elementos essenciais para o problema de pesquisa. Já a bibliografia, que deu base ao estudo, é a que trata do universo estudado e será utilizada durante todo o trabalho.

Além desses capítulos iniciais, nos quais se procurou dar uma panorâmica do trabalho, de sua justificativa, da trajetória no campo, do processo de construção do problema e dos procedimentos metodológicos, foram desenvolvidos outros quatro capítulos, em que foram apresentados os dados da pesquisa, fazendo-se o cotejo com a bibliografia. São eles: “Vasco...ah, meu Vasco...”, capítulo que trata do quanto o futebol em geral e o clube, particularmente, são meios de significação para os indivíduos. No capítulo “História de Vida Vascaína”, buscou-se trazer, conduzido pela narrativa dos entrevistados, o porquê de se tornarem vascaínos e a importância do Vasco em suas vidas. “Coisa de Vascaíno” é o capítulo onde se retratam as experiências de bons e maus momentos vivenciados por essas pessoas através do Vasco; é também o capítulo que diz respeito às características específicas visualizadas nessa relação torcedor/Vasco da Gama.

Como forma de dar “movimento e cor” a essa história, apresento uma série de imagens, que marcaram a trajetória do Clube de Regatas Vasco da Gama, as quais ilustram muitas narrativas dos sujeitos pesquisados.

VASCO...AH, MEU VASCO...

Aldir Blanc⁴² contou que sua família alugava um quarto para um senhor português, Seu Almada, homem educado, reservado, que só demonstrava seus sentimentos numa ocasião: quando voltava dos jogos do Vasco e o avô do compositor lhe oferecia uma bagaceira e perguntava:

- *E aí, patrício? Como é que foi o jogo?
Com os olhos rasos d' água, perdidos quem sabe numa cachopa
além-tejana ou em morena deixada n'África, o Seu Almada
limitava-se a balançar a cabeça e murmurar:*
- *Vasco...ah, meu Vasco...*

O futebol mostra-se, assim, veículo para um série de dramatizações no campo individual e no mundo social. Para DaMatta,⁴³ um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar a atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou virtualidade em dado sistema social. Todavia, segundo ele, ficar somente preso ao que o ritual revela seria um engano. Porque, para ele, o drama, precisamente por chamar atenção absoluta e, às vezes, exclusiva, para certo conjunto de objetos ou relações, dialeticamente esconde e mistifica outro conjunto. Quais sejam: ao mesmo tempo que traz à tona de consciência social valores como a lealdade a um time, a segmentação da sociedade em coletividades individualizadas e compactas, ou seja, vascaínos, palmeirenses ou flamenguistas e uma idéia de tempo cíclico, ele esconde os fatos cotidianos da distinção social dos clubes, das torcidas, o que impede a formação de uma entidade permanente. E aí é que surge uma interessante pergunta feita por DaMatta: *se somos*

⁴² Cronista e compositor carioca, narra essa história no livro: CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. *Livro Oficial do Centenário*. Rio de Janeiro: BR Comunicação, 1998.

⁴³ DaMATTA. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA (Org.). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

todos tão diferentes, como é que no momento do jogo podemos estar todos tão juntos e unidos? (p.29).

DaMatta questionou, com ar de dúvida, e tem motivo para isso. Essa dita união é relativa. A alegria de um gol, de uma vitória, da conquista de um campeonato ou a tristeza da perda de um jogo ou de uma decisão, é vivida de maneira diversa por cada sujeito que forma uma torcida. Nas investigações para esta pesquisa, evidenciou-se que não existe homogeneidade no torcer, visto que o sofrer, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente em cada/por cada sujeito torcedor e, portanto, geram sentidos diversos em cada um. No torcer, como na vida, porque torcer é também uma dimensão da vida, constroem-se caminhos diferentes de identidade. No entanto, parece que a resposta à pergunta de DaMatta está na necessidade de cada um em criar redes, vínculos e sentido para a vida. Nesse sentido, torcer, e nesse caso, torcer pelo Vasco, norteia/dá sentido, porque é referencial de tempo, de dia, de hora, de calendário, de identidade, enfim. Vale lembrar de casos que aconteceram no dia “tal” porque foi o dia do jogo do Vasco, lembrar com quem assistimos ao jogo, lembrar de alguém que não mais faz parte do cotidiano, lembrar de lugares onde comemorou e lembrar de como era o bairro, a cidade ou o país. Para Rodolfo, o Vasco torna-se contorno da vida:

Algumas das coisas que eu escrevi para aquele livro sobre o Vasco, na medida que os caras me traziam recordações, eu me emocionava. Servem até de referencial no tempo. Isso aconteceu naquele dia... É uma referência no tempo, nas amizades, é uma maneira de você fazer amigo...(E6).

Em um trabalho que objetivava saber como as pessoas presentes no Estádio Mário Filho vivenciaram a derrota da seleção brasileira de futebol para o selecionado uruguaio no 16 de julho, na final da Copa do Mundo de Futebol de

1950, Rigo & Silva⁴⁴ surpreenderam-se com a facilidade com que os entrevistados lembraram de detalhes daquela Copa, recordações essas que fluíram num ritmo que pouco lembrava tratar-se de um evento ocorrido 48 anos antes das entrevistas.

De acordo com Geertz⁴⁵, *somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura particularizada* (p.61). Ele exemplificou com a cultura do buana ou javanesa, acadêmica ou comercial, e eu, dando continuidade ao que venho tratando no texto, usei como exemplo o futebol. Ele é um tipo de cultura particularizada que norteia muitos brasileiros. Muitos grupos se formam através do futebol. São torcedores, são praticantes, são dirigentes que se encontram no clube, na rua, na praia, no campinho de várzea, nos estádios, no bar, enfim, que têm em sua história de vida o futebol como pano de fundo.

O próprio DaMatta⁴⁶ também contribuiu na discussão da polêmica lançada por ele mesmo, quando justificou a imensa popularidade do futebol:

Nós choramos vendo o nosso time seguir à risca as regras do jogo, estabelecendo um novo padrão de excelência, padrão que atualiza claramente um estilo nosso, que em outras esferas da vida não podíamos distinguir com tanta precisão e facilidade. O futebol, portanto, permite também descobrir a nossa "alma" e o nosso "coração" de modo positivo, como uma coletividade que pode, sabe e faz muito bem as coisas(p.15).

O que parece é que o torcedor vai ao jogo buscando, muitas vezes, a alegria, a realização ou o sucesso que não conseguiu ter naquele dia ou nos últimos tempos em sua vida. O seu time, assim, pode representar uma parte da vida que dá certo. Um exemplo que pode ilustrar isso é o orgulho que a torcida do Vasco tem demonstrado com a parceria realizada com um banco americano e que tem dado ao clube

⁴⁴ RIGO, L.C & SILVA, S.R "Cicatrizes do futebol". *Motus corporis*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p. 128-140, nov. 1998.

⁴⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

⁴⁶ DaMATTA. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DaMATTA (org.), *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

excelente condição financeira. Como parte do clube, o torcedor tem a idéia de que “meu clube é rico”, “meu clube é vencedor”, “os dirigentes do meu clube são poderosos e eu, torcedor, participo disso”. “Participo porque me identifico, sou parte, membro, presença...” O clube, no caso específico o Vasco, acaba mediando uma relação desse indivíduo com o sucesso, com a lembrança, com a família, com sua origem etc.

Geertz⁴⁷ afirmou, apoiado em Max Weber, que o homem é *um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*. Assim, esse autor assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise, uma ciência interpretativa, estando à procura do significado. E só se pode falar de significação se partir de um conceito semiótico de cultura, ou seja, ela é um contexto, de signos interpretáveis, que deve ser lido. De acordo com Geertz⁴⁸, a cultura é pública porque o significado também o é.

Com base no que vem sendo discutido até então, cabe relatar que se tornou corriqueiro nesta pesquisa, e já o era antes de iniciá-la; ouvirem-se de torcedores e de companheiros do meio futebolístico frases que davam a entender que o futebol na vida dessas pessoas vinha, em ordem de importância, logo depois ou junto com a família e que eles deviam ao futebol a maior parte de suas relações sociais. A fala de Renato sobre sua relação com o pai trouxe essa idéia:

Normalmente, no sábado ou no domingo dou uma passadinha na casa dos meus pais, ou passo no bar dele, eu não viro uma semana sem vê-los. Mas é impressionante que 60 a 70% do tempo que eu falo com o meu pai, eu estou falando sobre o Vasco da Gama. É sobre o time, sobre a política, sobre as perspectivas de futuro, sobre os problemas do passado, é sobre os jogos do meu filho no Vasco da Gama. E o resto, fica prá saúde, pras perspectivas financeiras, pro que está acontecendo com o país, com Fernando Henrique Cardoso, pelo que vem aí, pela taxa de juros, pela saúde da minha mãe, pela saúde dos meus filhos e tal (E3).

⁴⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

⁴⁸ GEERTZ, Clifford. *Op.cit.*

Os entrevistados deram uma dica importante de que sua organização pessoal se dava por influência da organização cultural da sociedade. Além disso, deixavam claro como esse vínculo, essa rede lhes trazia sentido à vida. Geertz⁴⁹ tratou dessa questão da individualidade no contexto cultural mais amplo e somou à nossa discussão desta pesquisa quando afirmou o seguinte:

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (p.64).

Para ele, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um a um. É aí fica interessante perceber como o futebol é parte da nossa cultura. Dentro dessa lógica, parece que o futebol traz características específicas por região, país e até o clube onde é jogado. DaMatta⁵⁰, utilizando-se de generalizações, falou dessa especificidade futebolística nacional e de como ela se faz representar, distinguindo nosso futebol do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores, que são extremamente habilidosos com a bola. Para esse autor, o futebol é, na sociedade brasileira, fonte de individuação e possibilidade de expressão individual. Quem não conhece aquele rapaz tímido, cordato, humilde, que ao entrar em um campo de futebol vira uma fera, capaz de arrumar as maiores confusões?

Ainda sobre a questão da individuação através do futebol, afirmo que são comuns críticas e manifestações de espanto sobre o comportamento de um torcedor apaixonado que deseja externar sua paixão e o faz, ao ver na televisão ou ouvir no rádio um jogo do seu time querido ou, então, quando resolve viver seu torcer intensamente e viaja inúmeros quilômetros para assistir a um jogo que estará sendo

⁴⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

⁵⁰ DaMATTA. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DaMATTA (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

televisado ou, ainda, quando se submete ao desconforto de um estádio lotado, arriscando-se, muitas vezes, a algum tipo de agressão. Há, ainda, aqueles que gastam o dinheiro que lhes faz falta para outras coisas com ingressos, com a compra de objetos que lembram o seu time, com deslocamento para outras cidades e estádios, justamente porque acredita que a sua presença será importante para o bom desempenho do time.

As falas de Renato e Geraldo servem de exemplo a tudo isso que se relatou:

Eu me envolvo demais com o Vasco, eu compro tudo que é do Vasco...Eu tenho umas seis ou sete camisas do Vasco, uns três ou quatro shorts e outros pares de meia do Vasco; a minha casa é fantasiada de Vasco da Gama: é caneta, é quadro, é adesivo, é plástico colado por aí, é boneco no quarto da minha filha, do meu filho... tudo que eu acho do Vasco bonito, eu compro. Acabo de comprar agora o livro do centenário, a fita, jornal, tudo que fala do Vasco... Eu tenho arquivado aqui jornais velhos, que eu guardo de recordação de feitos do Vasco. Sou sócio, pago o Vasco, a mensalidade, pago pela ginástica olímpica da minha filha, pelo futebol de salão do meu filho... Quer dizer, a minha despesa extra na minha vida é toda por conta do Vasco da Gama (E3).

Fui convidado também a Guaiaquil e lá teve muita briga para a gente poder ver o jogo, eu inclusive tava com a camisa da torcida toda ensangüentada, pois ganhei uma garrafada, e a grande alegria foi nós da torcida termos sido convidados para jantar com Dr. Eurico Miranda. São momentos marcantes...Na final do Campeonato Brasileiro contra o Palmeiras foi também uma grande emoção. Entrei no estádio com 84kg e saí com 82kg de pura adrenalina(E12).

É curioso notar como o sentimento de sacrifício está presente no torcer. A vitória suada, o gol no final do jogo, a partida difícil, a briga na arquibancada, a derrota inesperada etc. trazem uma marca definitiva do fato que se aloja de vez na memória do torcedor. O jogo fácil de placar comum, com estádio vazio, não faz

parte do recordar de uma torcida. Para Geertz,⁵¹ *os significados só podem ser “armazenados” através de símbolos (p.144).*

Diante dos relatos descritos, Geertz⁵² trouxe sua ajuda na compreensão desses fatos, afirmando que o homem *encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive, por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos.* Para ele,

O estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro(p.228).

Como forma de diálogo com Geertz, utilizarei um exemplo de um fato por mim vivido em janeiro de 2000, portanto durante o andamento da presente pesquisa, quando presenciei uma verdadeira batalha campal com polícia de choque, bombas de efeito moral, brigas etc. na porta do Estádio de São Januário. Na ocasião, os torcedores do Vasco tentavam comprar ingresso para o jogo final do Campeonato Mundial Interclubes contra o Corinthians. Muitas pessoas passaram o dia na fila, com um calor típico do Rio de Janeiro nessa época do ano e, pior, muitos ficaram sem o ingresso. Aquele sacrifício vivido pela disputa dos poucos ingressos que foram colocados à disposição para um jogo que iria passar na televisão só pode ser entendido pela necessidade que essas pessoas têm de ser parte do momento histórico, de dizerem: “eu estava lá”, “eu ajudei o meu time”.

Durham⁵³ afirmou que *na tradição antropológica pergunta-se sempre sobre o significado da conduta socialmente padronizada.* Segundo essa autora:

(...) formular o objeto da investigação nesses termos implica reconhecer que a vida social, em qualquer agrupamento humano,

⁵¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

⁵² GEERTZ, Clifford. *Op.cit.*

⁵³ DURHAM, Eunice R. Cultura e ideologia. Dados – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro. v.27, n.1, p.71-89, 1984.

não é um caos incompreensível, mas se ordena através do costume(p.72).

Dessa forma, esse comportamento apaixonado do torcedor pode parecer sem sentido para muitos, mas para ele é totalmente normal, na medida em que encontra em outros torcedores atitudes semelhantes. A idéia fundamental, de acordo com Durham,⁵⁴ é *que a vida social é ordenada através de símbolos organizados em sistemas (p. 72)*. Mais uma vez, a opção metodológica desta pesquisa é justificada, agora, com o auxílio de Magnani⁵⁵, que disse:

(...)enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre as diferenças que, de forma sempre renovada, continuarão a ser o domínio da antropologia(p.17).

Todavia, esse mesmo autor alertou que *importa não só o reconhecimento e o registro da diversidade cultural, mas também a busca do significado de tais comportamentos (p.18)*.

Tenho certeza da impossibilidade da realização de uma análise cultural completa, visto que, segundo Geertz⁵⁶, *ela é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa (p.39)*.

Apoiado em tudo o que foi discutido até aqui, pretendo apresentar no próximo capítulo, conduzido pela narrativa dos entrevistados e pelas observações realizadas, o(s) porquê(s) de se tornarem vascaínos e a importância do Vasco em suas vidas.

⁵⁴ DURHAM, Eunice R. Cultura e ideologia. Dados – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro. v.27, n.1, p.71-89, 1984.

⁵⁵ MAGNANI, J.G de “Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia na cidade”. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs). *Na Metrópole*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

⁵⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

HISTÓRIA DE VIDA VASCAÍNA

Chartres é feita de pedra e vidro, mas não é apenas pedra e vidro, é uma catedral, e não somente uma catedral, mas uma catedral particular, construída num tempo particular por certos membros de uma sociedade particular. Para compreender o que isso significa, para perceber o que isso é exatamente, você precisa conhecer mais do que as propriedades genéricas da pedra e do vidro e bem mais do que é comum a todas as catedrais. Você precisa compreender também – e, em minha opinião, da forma mais crítica – os conceitos específicos das relações entre Deus, o homem e a arquitetura que ela incorpora, uma vez que foram eles que governaram a sua criação. Não é diferente com os homens: eles também até o último deles são artefatos culturais (p.63).

*Clifford Geertz*⁵⁷

É a partir do entendimento de que nossos valores, nossos atos e até nossas emoções são produtos culturais, que se tentou desenvolver os próximos capítulos. Uma torcida não é só um grupo de pessoas que escolheu um time para torcer. O torcer por um clube contém especificidades que são relíquias da história cultural do homem, da torcida, do clube e da cidade. São essas especificidades vascaínas que me animaram a partir de então.

Pelo que pude observar, a influência familiar é preponderante na escolha que os sujeitos fizeram em torcer pelo Vasco, como visto nas falas de Augusto, Cândida, Pedro, Flávio e Henrique:

Bom, eu tive influência da família: o meu pai era vascaíno, de origem portuguesa, um avô meu, avô paterno, era português, o meu pai era vacaíno também, quer dizer, também não, também igual a mim, porque o meu avô não era vascaíno, apesar de ser português; era americano, se não me engano (E2).

⁵⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

Bem, na verdade eu não me tornei vascaína, eu nasci assim. Ser vascaína no meu caso é quase que uma herança genética, tenho a impressão que tá ali, sob o olhar de um microscópio, grudado no meu DNA. Nunca pensei em pintar o cabelo, fazer uma plástica, mudar de nome, de nacionalidade ou não ser vascaína (E10).

Comecei a ser vascaíno pelo meu avô, até porque, meu pai é flamenguista. Eu morei com meu avô até os 4 anos, então fui escutando jogo, pela alegria do meu avô, eu fui vendo... (E9).

Meu pai é vascaíno, meu avô também era vascaíno, mas acho que isso não influenciou muito na escolha, porque meu irmão é flamenguista, não houve pressão (E8).

Através de meu pai, homem muito culto, de personalidade forte, adepto da lógica, da coerência e da justiça. Italiano, grande admirador de Portugal e das coisas portuguesas, conheceu o Vasco em Portugal, em 1933, tendo chegado ao Brasil no mesmo ano, onde viveu até morrer em 1980. Aqui se inteirou da história do Vasco e ao nosso clube se entregou inteiramente, fazendo de seus dois filhos, minha irmã e eu, mais dois vascaínos natos e hereditários, como dizia o genial tricolor Nelson Rodrigues (E11).

Apesar de Cândida recorrer à genética para justificar sua escolha pelo Vasco, acompanhei Durham⁵⁸ para analisar os depoimentos anteriormente descritos. Esta autora afirmou que toda ação humana e a própria sobrevivência da espécie ficam condicionadas à constituição de orientações extrínsecas, construídas socialmente através de símbolos, reforçando a idéia, aqui apresentada, de que é a cultura que nos orienta e nos dá sentido.

Conforme afirmou Mauss⁵⁹, *uma vez criada, a tradição é o que se transmite (p.197)*. Do meu ponto de vista, a instituição “família” dá a idéia de continuidade. O

⁵⁸ DURHAM, Eunice R. Cultura e ideologia. *Dados- Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.27, n.1, p.71-89, 1984.

⁵⁹ MAUSS, Marcel. *Antropologia*. Organizador [da coletânea] Roberto Cardoso de Oliveira ; [tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldí Meirelles e Ivone Toscano]. São Paulo: Ática, 1979.

pai, ao educar o filho, apresenta-lhe, às vezes até de forma arbitrária, uma proposta de vida. Por trás dessa proposição estão as experiências vividas e uma concepção de homem, de mundo e de sociedade e o desejo do que há de melhor para o caminho desse filho. Assim acontece na escolha da religião, da profissão, do clube ao qual se deve torcer e em outras escolhas. O depoimento de Augusto traz o exemplo de uma atitude propositiva, em detrimento da possibilidade de uma “escolha errada”, que não traz acoplados a ela os valores daquele que se sente responsável pela formação de alguém.

Teve um período que eu me afastei muito do clube, do ser torcedor, por conta da arbitragem, não exatamente por necessidade, mas por poder experimentar a situação, numa outra posição. Nessa posição que eu estou, eu sinto a emoção, a própria torcida do Vasco e a equipe do Vasco de uma outra forma de quando eu era torcedor. Quando eu tenho a crise do meu casamento, que eu me separo, que eu volto a conviver mais com o meu pai, que era vascaíno doente, e também com o meu filho e vejo surgir as influências do avô materno, da família materna, querendo que ele fosse Fluminense. Então, eu começo a ver de uma outra forma essa questão da importância do meu filho ter uma torcida, um clube, e o que isso significaria para ele. A partir desse momento eu volto a gostar do Vasco. Então, eu torço atualmente de uma forma amadurecida, eu torço pelo Vasco porque eu tenho uma história, com meu pai, agora com meu filho, meus amigos, e tal (E2).

Morin⁶⁰ emprestou um óculos para que se pudessem melhor "enxergar" esses dados quando afirmou:

A identidade individual e coletiva afirma-se, já não na dependência imediata de cada grupo, como na sociedade primática, mas sim pelo e no conjunto dos fios noológicos que ligam o indivíduo a seu parentesco real e mítico e que dão a cultura sua identidade singular. O nome liga a identidade individual a uma filiação sócio-cultural: estabelece, ao mesmo tempo, a diferença e a dependência: quando diz “filho de”, tem-se em mente não apenas os genitores,

⁶⁰ MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

mas também os antepassados, a descendência social. O mito alimenta a recordação, o culto e a presença do antepassado, mantendo-se por isso mesmo, a identidade coletivo-individual. Este tema do antepassado, das origens e da genealogia retorna sempre, obsessivo, nos símbolos, nas tatuagens, nos emblemas, nos adornos, nos ritos, nas cerimônias e nas festas (p.169).

Ao que esse autor relatou sobre filiação sociocultural, poder-se-iam acrescentar: vascaíno, descendente de portugueses, suburbano e cruzmaltino, entre outras identidades.

O fato de o Vasco ter sido fundado por portugueses e ter se consolidado como um clube representante da colônia lusitana no Rio de Janeiro também foi fundamental na escolha pelo Vasco. As falas de Marcelo e Aparecida apresentam essa idéia:

Meu pai já era Vasco em Portugal. Tinha gente que vinha pra cá e ele já ouvia notícia do Vasco lá. Já sabia dessa representação do Vasco com a colônia Portuguesa. Representação essa que tem a ver com a minha origem (E1).

Meu pai era português, fanático pelo Vasco e aí ele fez os filhos vascaínos (E5).

Como se pôde constatar nessas falas, família e origem são fatores que se misturam, ficando difícil dizer se a escolha se deu exclusivamente por um ou por outro fator. Tem-se também o exemplo de quem chegou ao Brasil nas primeiras décadas do século, proveniente de Portugal, sem laços familiares e que acabou sendo influenciado pela colônia lusitana já existente no país. Joaquim é um exemplo disso:

Estou no Brasil desde 1928. Cheguei no Brasil com 15 anos, vim sem ninguém. Tinha um primo distante que esperava que fosse me acolher e o primo só apareceu seis meses depois e então sem uma família para se identificar e conviver, encontrei no Vasco essa família (E7).

Rocha⁶¹ fez uma pesquisa sobre a história dos primeiros 25 anos do Vasco, auxiliando aqui a pensar o que representou esse clube para a colônia portuguesa no Brasil, bem como os desdobramentos dessa representação em gerações futuras.

Segundo esse autor, no Rio de Janeiro de fins do século XIX, rapazes pertencentes à classe caixeiral (os comerciários de hoje) passaram a ver no esporte uma possibilidade de agrupamento social. Muitos desses jovens vinham de Portugal em busca de melhores condições de vida, mas encontravam barreira no que se refere à aceitação para o convívio com as tradicionais famílias da cidade. Viram então, na formação de clubes, uma possibilidade de convívio social. Assim, os chamados “pioneiros”⁶² tiveram a idéia de fundar um clube de remo e, para isso, mobilizaram outros entusiastas da época. Já existiam, naquele momento, diversos clubes de regatas, e a partir destes se fundou, em 1897, a União de Regatas Fluminense, que divulgava ambicioso projeto de regatas na enseada de Botafogo.

De acordo com Rocha⁶³, era o ano de 1898. Comemorava-se o IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para as Índias, e o nome do navegador Vasco da Gama andava em alta. Assim, o grupo que se reunia na Rua Teófilo Otoni, 80, resolveu homenagear o almirante português e, naturalmente, a sua própria colônia, batizando a agremiação que estava por se fundar com o nome de Clube de Regatas Vasco da Gama (Fig. 3). A fundação ocorreu no dia 21 de agosto de 1898, na sede da Sociedade Dramática Particular Filhos de Talma, situada na Rua da Saúde, 293, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Contando com a presença de 62 fundadores,

⁶¹ ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama. Histórico*. Rio de Janeiro: Olimpica. 1975. v.1.

⁶² Henrique M. Ferreira Monteiro, Luiz Antônio Rodrigues, José Alexandre D’Avellar e Manoel Teixeira de Sousa Junior, citados por ROCHA (*Op.cit.*).

⁶³ ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1975. v.1.

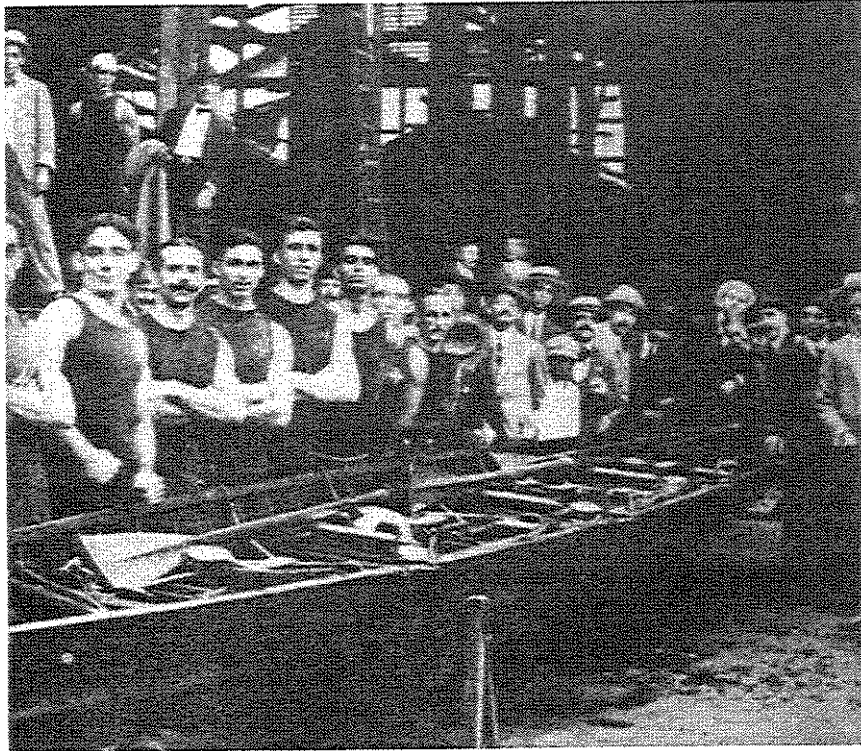


Figura 3 – Remadores do Clube de Regatas Vasco da Gama à época de sua fundação.

foi eleito como primeiro presidente o Sr. Francisco Gonçalves do Couto Junior, homem com prestígio comercial e político e proprietário de barcos apropriados para regatas. Nesse momento, a canoa Zoca e as baleeiras Vaidosa e Volúvel tornaram-se as primeiras embarcações a defender as cores do clube luso-brasileiro.

Cabe aqui se pensar na presença portuguesa no Rio de Janeiro entre fins do século XIX e início do século XX. Está-se falando de uma época em que se convencionou chamar de "Belle Époque", cujo maior ícone era a admiração às coisas da Europa, tida como mais civilizada. É importante lembrar que civilização, entretanto, era sinônimo de França e Inglaterra. Era desses lugares que vinham as coisas dignas de admiração, os bons produtos, o bom comportamento. Vivia-se numa época, igualmente, que tudo o que se queria esquecer era a nossa filiação com Portugal – porque dali herdamos o “atraso”, o mau-gosto...

Talvez a figura/situação mais emblemática desse “querer esquecer” está personificada na figura de nosso Imperador, cujo gosto duvidoso fazia-o, p.ex., chegar molhado como um pinto ao palácio depois de “guerras” de limão-de-cheiro no entrudo carioca. É bom lembrar que se vivia numa época, a primeira República, de grande repressão às manifestações populares, sobretudo àquelas que podiam caracterizar-se com o atraso: foi assim com o carnaval, o entrudo, o samba e a capoeira, entre outras. Não à-toa que é possível perceber grande simpatia por parte dos populares ao antigo regime, afinal a República não havia trazido o sonho esperado... a grande massa era, pasmem, monarquista.

Ao contrário, a elite fluminense, republicana, trata de tentar “varrer” esse passado arcaico que a atormenta. Exemplo disso é a grande resistência da elite com a Festa da Penha, festa de origem portuguesa⁶⁴, que aos poucos vai se misturando com elementos africanos.

Fiz essa breve incursão na história do Rio de Janeiro, com base em Sohiet⁶⁵, para dar conta de que não é à-toa que o Clube de Regatas Vasco da Gama parece sofrer certo tipo de discriminação da sociedade. Ora, o Vasco vai representar justamente aquilo que se quer esquecer em determinada época. Vai representar o português monarquista, o português da padaria, do bar, de gosto duvidoso, de comportamento grotesco. No entanto, a fundação do clube nesse contexto vai dar a seus fundadores grande dignidade, afinal vai “dar uma resposta” de vitória, e justamente com elementos que a “Belle Époque” tropical vai valorizar: o estímulo à prática do esporte. Nesse sentido, o Vasco é um capital simbólico nas mãos de seus fundadores.

Mesmo falando sobre três décadas após a fundação do Vasco, Joaquim confirmou o sentimento de que o Clube de Regatas Vasco da Gama acolhia, pela sua representação, àqueles que chegavam de Portugal:

⁶⁴ Interessante notar que as barracas nessa festa tinham, a princípio, nomes que lembravam a terra distante: A Lusitana, Barraca de Camões, Castela do Moura etc. Nessas barracas, podia-se tomar o delicioso “binho verde”.

⁶⁵ SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da “Belle Époque” ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Mas como todo português eu gosto muito do mar. Fui ver com outros colegas ali onde está o aeroporto (Praia das Virtudes). Ia nadar e ver as regatas. Já salvei 2 aqui e 2 em Portugal. E aquilo me agradou. Depois fui ver ali em Botafogo e o Vasco ganhou as regatas e me entusiasmei com o clube (E7).

Esse acolhimento se traduzia em oportunidades, em criação de grupos, de uma rede, para quem precisava de um “lugar ao sol” em terra que não fosse a sua. Ainda no depoimento de Joaquim, vê-se como esse fato se configura e como, mais uma vez, o Vasco se faz presente na história de vida de seus torcedores:

Vim pra aqui e encontrei um velhinho que me disse: – és português? Me arrumou um emprego na Rua da Cruz Vermelha. Cheguei aqui numa Quinta-feira e na segunda já me apresentei lá. Mas antes eu estava a tomar um café e ouvi dois caras, um com outro, próximo à Praça Tiradentes: Vamos ao jogo do Vasco? Eu fui atrás deles... Pegaram o bonde na Praça Tiradentes e eu também. Foi um jogo de uruguayos e Vasco da Gama, que o ponta do Vasco, Santana, fez o gol olímpico (E7).

Quem está desvinculado precisa de vínculos, e nesse sentido o clube torna-se uma ótima opção. Essa vinculação ao grupo pode ser na frequência social à sede, na prática de esportes, na direção administrativa da agremiação ou nas arquibancadas, gerais e cadeiras de um estádio de futebol. Nesse aspecto, o clube passa a ser aquilo que Magnani⁶⁶ chamou de “pedaço”, ou seja:

Espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (p.32).

⁶⁶ MAGNANI, José.G C. *Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia na cidade*. Organizado por Magnani, J.G. C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs). Na *Metrópole*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

DaMatta⁶⁷ trouxe também pistas para esse assunto quando tratou da oposição entre casa e rua. Segundo ele,

Todos os papéis sociais que implicam, para sua articulação, uma ideologia substantiva (ou de substância) e estão, conseqüentemente, ligados ao corpo e ao sangue (como é o caso dos papéis relacionados a parentesco) devem ocorrer e ser engendrados pela casa. Mas todos os papéis sociais que implicam escolha e vontade (essas coisas da “alma” e da “moral”), como é o caso das associações voluntárias, como os clubes, partidos e outras formas de corporação civil, são parte do mundo público, do domínio da rua (p.75).

A idéia de “pedaço” parece mais adequada do que a defendida por DaMatta, a qual parece dicotômica. Quem vai para o clube está querendo sair de “casa”, mas não está querendo ficar na “rua”. O clube amplia o leque de relações, se se comparar com a “casa”, e reduz se se comparar com a “rua”. Todavia, traz a segurança de saber com quem está se relacionando e a oportunidade de vincular-se. O clube não é “casa” e não é “rua”. Dessa forma, o clube é um híbrido, um meio termo, portanto um “pedaço”.

Outro fator que se mostra importante na escolha pelo Vasco é a região da cidade do Rio de Janeiro onde o torcedor passou sua infância. É importante ressaltar que é nesse momento que acontece a escolha do clube pelo qual se vai torcer “pelo resto da vida”. Pelas observações e pelo relato das pessoas entrevistadas, o torcedor do Vasco tem sua origem na Zona Norte do Rio de Janeiro, conhecida como subúrbio carioca. E isso fica claro na fala de Rodolfo:

Desde que eu me lembro de mim, eu sou vascaíno. Eu não lembro de mim que não seja como vascaíno. Família vascaína, criado na Zona Norte, o que eu acho que isso é muito a identidade do Vasco.

⁶⁷ DaMATTa, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Não que não tenha Vasco na Zona Sul, mas eu acho que se a gente funchar bem, é cara que veio da Zona Norte para a Zona Sul! (E6).

Pode-se relacionar essa identidade portuguesa com a identidade suburbana. Ambas são periféricas, margeiam, não estão dentro daquilo que seria o centro, o protagonista, o incluído. A própria cidade do Rio de Janeiro costuma ser classificada em “dois Rios” – um antes do túnel, no caso o Rio suburbano; e outro depois do túnel, o Rio da Zona Sul, das praias, da mídia, do turista. Vê-se que o vascaíno percebe esse sentimento social, e as falas de Augusto, Renato e Cândida corroboram essa afirmação:

Eu identifico, o torcedor vascaíno, o clube Vasco, mais ligado a uma questão de desenvolvimento, de luta, menos arrogante do que os outros clubes aqui do Rio. Na infância, na adolescência, quando se falava em Vasco, não se tinha status que outros clubes tinham, então, me sentia meio que fazendo parte de um grupo que era, de certa forma, um pouco periférico. A elite, os mais reconhecidos, eram os rubro-negros, por questão da massificação, em torno daquele clube. Os tricolores muito elitizados do ponto de vista social, identificados com uma classe social mais alta, e os botafoguenses, sempre se referindo muito a alguns mitos do futebol que passaram pelo Botafogo e que foram à seleção, enfim, que tiveram ligados a conquistas. O Vasco não, a gente pouco ouvia falar. Muito menos em relação aos outros. Agora, eu reconheço o peso que o Vasco tem na história do futebol, mas enquanto jovem eu não conseguia, eu sentia o Vasco desvalorizado em relação a esses clubes... Então, de certa forma, isso tem alguma contribuição para minha personalidade, por eu me identificar mais com as pessoas desprivilegiadas socialmente (E2).

Eu recebi um mail interessante de uma menina chamada Ingrid, aqui da UERJ, onde ela conta a dificuldade que ela tinha de ser vascaína num colégio chamado Bennett, na Zona Sul. Ela ia ao Maracanã e quando chegava no colégio, ser Vasco era uma coisa brega. Para mim não, eu morava e estudava na Zona Norte (E3).

O único momento negativo que com um esforço de memória consigo identificar é que quando era pequena com uns 8, 9 anos talvez, era duro ser vascaína. Ninguém era vascaíno na escola de classe média onde eu estudava e existia preconceito sim. A gozação sempre presente de que vascaíno era o garrafeiro, o padeiro, o dono do botequim. Ou seja, eram os nossos imigrantes portugueses, como os meus avós. Eu me lembro que era difícil me revelar vascaína no meio daquele monte de Fluminenses... (E10).

Além dessa identificação com o subúrbio carioca, o fato de a sede principal do Vasco estar localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, fazendo do clube o único entre os de maior torcida na cidade a se localizar nessa região, também influenciou para que os moradores próximos ao Estádio de São Januário, que buscavam ali o convívio social e o espaço de lazer, acabassem se interessando por esta agremiação. Isso fica transparente nas falas de Geraldo e Glória:

Eu nasci numa favela chamada "Barreira do Vasco" e como eu tinha problemas respiratórios, meu pai, que é São Cristóvão doente⁶⁸, me colocou no Vasco da Gama para eu fazer natação. Virei um atleta do Vasco, mas não fiquei bom da bronquite. Me transformei num vascaíno ilustre. Eu não entendia nada de futebol, mas eu era apaixonado pelo Vasco. Isso foi a partir de 10 anos (E12).

Eu nasci de frente ao Vasco, na Rua Amazonas, ali do lado da piscina onde está a rua... uma ruazinha aqui que tem entrada, mas não tem saída. Então, garota, vinha para o clube; papai me trazia aqui ao Vasco, Vasco Português...(E4).

É interessante notar que, ainda, outro fator importante foi mencionado por alguns torcedores ao escolherem o Vasco: "Uma fase de sucesso pela qual passa o time". Essa fase é importante e faz pesar na balança quando coincide com a hora da escolha. Como fatores determinantes dessa fase, cita-se a conquista de títulos e o aparecimento de ídolos.

⁶⁸ O São Cristóvão é um clube pequeno do Rio de Janeiro, mas já chegou a ser campeão carioca em 1926.

Deve-se ressaltar que uma longa fase de insucessos também é motivo para que uma torcida se torne fiel, apaixonada e chegue até a crescer. Como lembrança de fidelidade clubística e paixão desenfreada na busca do título que há anos não era conquistado, pode-se exemplificar, nas últimas décadas, o “jejum”⁶⁹ do Botafogo no Rio de Janeiro e do Corinthians e do Palmeiras em São Paulo.

O estudo sobre a história do Vasco e as entrevistas realizadas fizeram considerar que quatro momentos históricos foram fundamentais na história do Vasco e significativos para o aumento de sua torcida.

Os anos 20, principalmente pelas vitórias nos campeonatos de 1923 e 1929, trouxeram ao clube destaque que não conhecia até então. O título de campeão de 23 (Fig. 4) foi importante por ter sido o primeiro deles na primeira divisão⁷⁰ e, também, o desencadeador da crise⁷¹ no ainda incipiente futebol carioca. Já a equipe⁷² campeã carioca de 29 (Fig. 5) é até hoje escalada de “trás para frente e de frente para trás” por muitos vascaínos. Esse time, além de vencedor, tinha a presença de um ídolo, um ídolo capaz de chamar a atenção de muitos torcedores. Esse ídolo da equipe de 29 era Jaguaré. Um goleiro que tinha como característica marcante o desafio que fazia aos atacantes, prometendo-lhes que, ao realizar a defesa, iria rodar a bola em seu dedo indicador. A partir dessa mística, criaram-se inúmeras histórias, em que os chutadores, mais do que o querer fazer o gol, tentavam nocautear o goleiro com seus chutes. Além disso, em 1927, foi inaugurado o Estádio de São Januário, até hoje motivo de orgulho para seus torcedores não só por ter sido construído em 10 meses ou por ter sido até 1942 o maior estádio de futebol do Brasil; não só por ter recebido a contribuição financeira de muitos vascaínos ou por ter sido palco de grandes eventos da história do Brasil⁷³; mas, por tudo isso junto, que acabou fazendo desse estádio um símbolo de afirmação para os torcedores do Vasco.

⁶⁹ Expressão utilizada no meio do futebol para explicar a ausência de títulos, de gols ou de vitórias.

⁷⁰ Os campeonatos eram disputados em três divisões. O clube vencedor da terceira divisão obtinha o direito de participar da segunda divisão, assim como o vencedor desta tinha o direito de participar da primeira divisão, onde se encontravam os principais times de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

⁷¹ Assunto que será abordado mais adiante.

⁷² Jaguaré, Brilhante e Itália; Tinoco, Fausto e Mola; Pascoal, 84, Russinho, Mário Mattos e Santana.

⁷³ Foi lá que no dia 1º de maio de 1940 Getúlio Vargas anunciou para todo o país a criação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Foi em São Januário também que se realizou o jogo de despedida entre Brasil e Uruguai, em homenagem aos pracinhas da FEB (Força Expedicionária Brasileira) que partiam para a Segunda Grande Guerra na Europa.

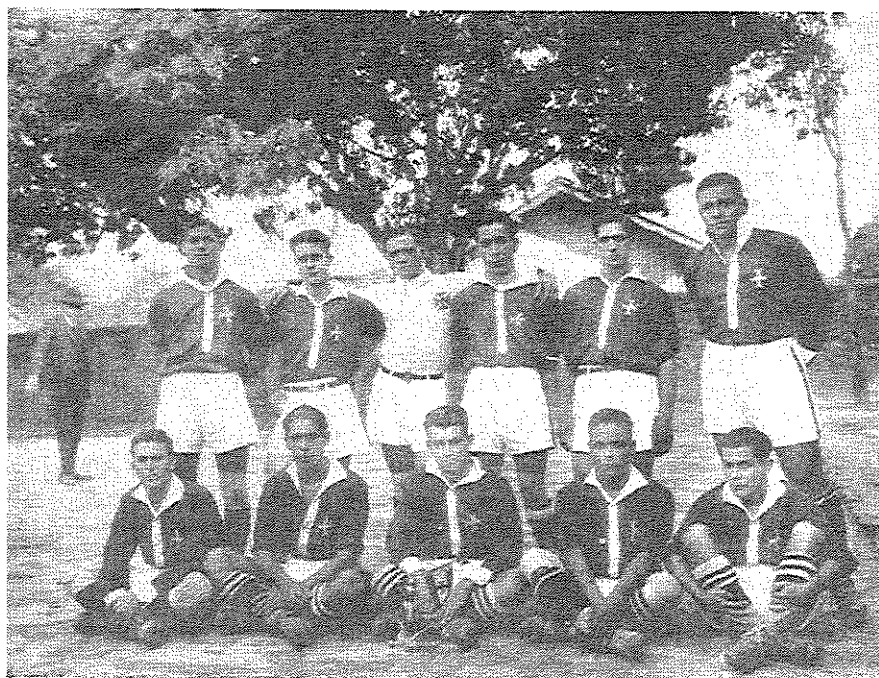


Figura 4 – Equipe de futebol do Vasco campeã carioca de 1923.



Figura 5 – Equipe de futebol do Vasco campeã carioca de 1929.

Joaquim, entrevistado, que chegou ao Brasil em 1928, trouxe, através de seu depoimento, uma idéia do sentimento que permeou aquela época:

Juntou o Flamengo, Botafogo e América e tiraram o Vasco da Liga, depois dele ganhar o campeonato de 23. Não foi por ele ganhar, mas por ter pretos no time. Ele levantou o campeonato de 23 com 9 pretos e dois brancos. Quando foi em 24, eles achavam que estava bom, mas não diziam que era por causa dos pretos, que a Constituição não permitia. Na Moraes e Silva era o campo da Portuguesa. Eles alegavam que o Vasco não tinha campo. Ele jogava ali. Ficou aquela polêmica de joga, não joga e voltou a jogar em 26. Fazia falta na renda, pois o Vasco levava gente. Mas diziam...Não tem campo...O que fez o Raul Campos e outros poucos importantes, mas com dinheiro? O Visconde de Moraes comprou o terreno, que era uma chácara e em um ano ficou pronto (E7).

Outro momento considerado de fundamental importância para o crescimento da torcida do Vasco foi aquele denominado de “Época do Expresso da Vitória” (Fig. 6). Esse time começou a ser montado em 1944 e ganhou o primeiro campeonato carioca invicto para o Vasco em 1945. Esse feito se repetiu em 1947 e 1949, e mais os títulos sem invencibilidade de 50, 52, 56 e 58.

Além disso, essa equipe conquistou, de forma invicta, o primeiro campeonato Sul-Americano de Clubes, no Chile, e foi o time-base da seleção brasileira de futebol que disputou a Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Era uma equipe⁷⁴ de muitos ídolos e que também estava na “ponta da língua” de inúmeros torcedores.

⁷⁴ A base do “Expresso” era : Rodrigues, Augusto e Rafanelli; Berascochea, Eli e Argemiro; Djalma, Ademir, Lelé, Isaias, Jair e Chico. Ao longo desses anos de glórias, participaram das equipes do futebol vascaíno: Barbosa, Danilo, Jorge, Alfredo, Friaça, Maneca, Dimas, Wilson, Ipojuca, Laerte, Tesourinha, Djair, Nestor, Mário e Heleno de Freitas, entre outros.

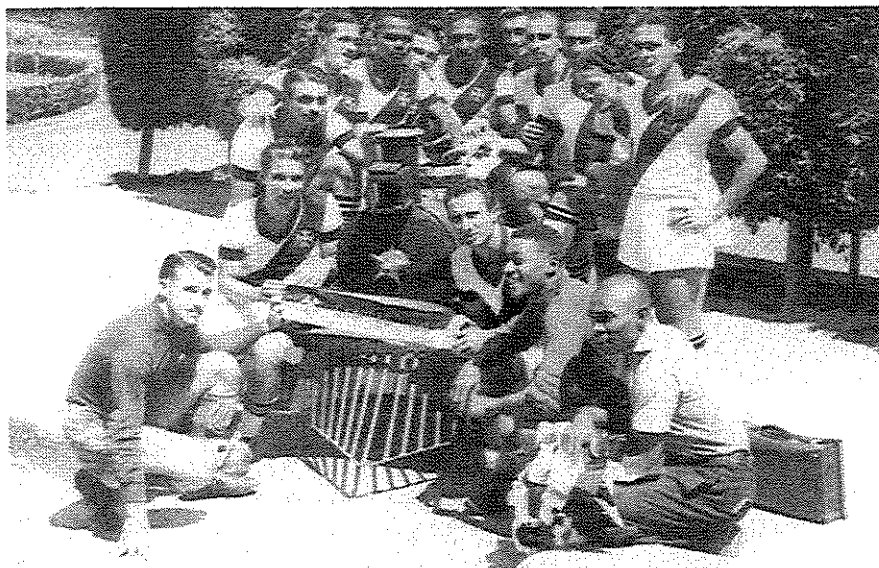


Figura 6 – O "Expresso da Vitória".

Os depoimentos de Rodolfo e Glória fundamentam esta conclusão:

Meu time de botão era Friaça, Ademir, Maneca... É bem verdade que peguei aquela fase ruim, pós-58, mas já era cabeça feita. Até pelo contrário, acho que nessas horas quando passa uma fase ruim, aquilo até te ajuda a cristalizar, fica geralmente mais fanático. O "Expresso da Vitória" ficou em evidência de 45 até 58 e a maioria dos vascaínos que está aí se formou por conta dessa época. E tem uma coisa, o Rio era a Capital do Brasil e ser campeão carioca, repercutia não só no Rio, mas em todo país.

O time que eu me lembro de mais ter visto jogar, eu já era crescendo, foi o de 56 até 58 – Belinni, Vavá, Pinga, Almir, Paulinho, Sabará... Eu era fã do Pinga. A gente ouvia no rádio, Taça Tereza Herrera, jogar contra o La Coruña etc... (E6).

Eu tinha a minha casa, o colégio e o Vasco; quer dizer, conforme eu fui crescendo, foi ficando aquela amizade, e eu peguei os anos áureos do Vasco, o "Expresso da Vitória", foi a época mais fabulosa pra mim, que eu vibrei muito naquele tempo... Eu era garota, doze, treze, quatorze anos... e o Vasco. Aí tinha jogos sul-

americanos aqui, tinham todos os campeonato, eram aqui dentro do Vasco... Ainda não existia o Maracanã... (E4)

Meus estudos e minha observação ainda indicaram um terceiro momento significativo para afirmação da torcida vascaína que se deu no início dos anos 70. Após a fase áurea do “Expresso da Vitória”, seguiu-se um período de muita dificuldade para o time de São Januário. O Vasco ficou 12 anos sem ganhar um campeonato. Esse jejum só foi quebrado em 1970, com a conquista do título carioca (Fig. 7). Além desse feito, o Vasco ganhou seu primeiro campeonato brasileiro de futebol em 1974 (Fig. 8), tornando-se, naquela oportunidade, o primeiro clube carioca a ter esse mérito.



Figura 7 – Equipe de futebol do Vasco campeã carioca de 1970.



Figura 8 – Equipe de futebol do Vasco campeã brasileira de 1974.

Em meio a esse período surgiram três ídolos, porém apenas dois deles tiveram história longa no clube. O primeiro deles foi o goleiro argentino Andrada, a quem muitos vascaínos atribuem a responsabilidade da conquista daquele campeonato carioca de 1970. O outro foi Tostão, contratado pelo Vasco em 1972, tornando-se, ainda que por pouco tempo, motivo de orgulho para a torcida vascaína. Esse jogador tinha sagrado-se, em 1970, tricampeão mundial de futebol no México, pela seleção brasileira, e o Vasco não tinha em sua equipe, naquele momento, nenhum jogador com tal prestígio. Num acidente em campo, o jogador sofreu uma contusão no olho e teve de abandonar o futebol. O terceiro, e maior ídolo do clube, foi Roberto Dinamite, que veio das divisões de base e se tornou o maior goleador da história do Vasco.

Os depoimentos dos vascaínos Renato, Marcelo e Glória confirmam esses relatos:

Era 1970, eu tinha 8 anos de idade, um campeonato que o Vasco ganhou em cima do Botafogo, gol do Gilson Nunes e do Valfrido no Maracanã, num jogo a noite. É... depois comprei até um disco disso, eu tenho uma raiva porque eu consegui deixar esse disco rodando uma madrugada inteira e ele derreteu em cima do prato... um trauma que eu tenho na minha vida. Mas eu me lembro que fiquei em casa com minha mãe, escutando o jogo, eu já entendia que o Vasco estava disputando um título...(E3).

A primeira vez que pisei em São Januário foi no segundo jogo do Tostão em 72, foi um deslumbramento, eu nunca tinha ido a São Januário, e quando fui, eram 4 da tarde um sol maravilhoso, céu azul e chegamos em cima do jogo, o campo estava lotado para ver o Tostão, me lembro bem que era contra o Bangu. Aí entro pela aquela entrada por cima que você sai no meio da arquibancada. Aí eu tô subindo aquelas escadas, o sentimento vai crescendo, criança, nove anos de idade, aí eu chego na arquibancada e vejo aquele colorido... Me lembro bem que foram as cores vivas daquele estádio, daquelas pessoas, aquele povo todo, colorido de uma cor só e ver duas pessoas... O Tostão no campo e o Zizinho no banco (E1).

Tinha o aspirante⁷⁵ naquela ocasião. Aí eu conheci o Roberto Dinamite na entrada. Quando eu vinha saindo, seu Tadeu Macedo disse: “Glória⁷⁶, onde você vai?” Eu disse: “Eu vou embora para minha casa”. Aí ele disse: “Não vai não, vai ficar aqui meia hora; que você vai conhecer teu futuro ídolo.” Eu disse: “Ah, seu Tadeu, já tive tanto ídolo...” Ademir... e vamos embora... Aí, vi o Célio de Souza: “Não Glória, espera aí”... Aí passou aquele rapaz magrinho; era o Roberto. Ele disse: “Nós vamos fazer tudo por esse menino... e ele vai chegar à seleção brasileira, que ele sabe jogar bola. Vai ser um grande ídolo do Vasco”(E4).

Andrada é o meu grande ídolo, número um, do Vasco da Gama, com todo respeito a todos os goleiros que passaram, com todo respeito ao Carlos Germano, a pessoa que chama meu filho pelo nome hoje em São Januário, que pega meu garoto no colo, conversa comigo, já pagou um guaraná pra mim num bar lá,

⁷⁵ O aspirante era um time do clube, composto por jogadores que não estavam atuando no time principal.

⁷⁶ Lembre-se mais uma vez de que se trata de um nome fictício.

conversando sobre o Vasco da Gama tal... mas com todo respeito, o Andrada sem dúvida nenhuma, pra mim, é o que marcou mesmo” (E3).

De acordo com Mattos⁷⁷, o conceito de mito é bem diverso, mas é possível definir, de maneira ampla, que o mito é uma narrativa; e de maneira mais reduzida, como uma narrativa de eventos marcantes, de certa forma recuperáveis e que servem de modelo para o comportamento humano.

Pelo que se ouviu e observou, as jogadas de Tostão, os gols de Roberto Dinamite, as defesas de Andrada foram mitificadas pelos torcedores vascaínos. Esses vascaínos ouviram as histórias de Jaguaré, Barbosa, Ademir, Sabará e Bellini, dentre outros, e hoje narram não só essas mesmas histórias, como as de outros ídolos que foram surgindo ao longo desse torcer. Existem fatos que, de tão repetidos, tão mitificados, acabam trazendo a idéia ao narrador de que ele realmente o presenciou mesmo quando não estava presente. O torcedor sequer questiona a veracidade dos fatos!

A quarta fase, e mais recente, ocorreu, do meu ponto de vista, na década de 90. O Vasco conseguiu um tricampeonato carioca de futebol, sagrou-se campeão brasileiro em 1997, campeão carioca em 1998 e também campeão da Libertadores da América. Ainda em 1998, comemorou seu Centenário. Naquele ano, o Vasco fez uma grande comemoração: inúmeros eventos, como missa, competições, jantares, shows etc., marcaram a importante data, que, sem dúvida, tomou grande vulto na mídia e no dia-a-dia dos vascaínos.

Várias publicações aconteceram no período. Jornais, revistas, livros e filmes ficaram a disposição do vascaíno para que ele pudesse comemorar o Centenário de seu clube. Foi um somatório de recordações e declarações de amor ao Vasco.

No dia 21 de agosto de 1998, vários jornais cariocas fizeram menção ao fato, e o Jornal do Brasil fez uma promoção, em que, num caderno extra, denominado de Vascarinho (Fig. 9), o torcedor do Vasco poderia publicar uma frase alusiva aos

⁷⁷ MATTOS, C. Cem anos de paixão: *uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

100 anos do clube. Pagando por essa publicação, o vascaíno estaria concorrendo a sorteio de brindes. Foram quase 300 mensagens publicadas, e nelas estavam contidas mensagens de famílias, mensagens de orgulho pela história do clube, mensagens de provocações aos rivais e mensagens de fidelidade.

A diretoria reforçou também as equipes dos esportes amadores, e o remo voltou a vencer um campeonato, depois de um longo período da perda de sua hegemonia; as antigas histórias, a questão do mito do racismo, os grandes feitos, algumas derrotas, os grandes ídolos, enfim, tudo isso se somou ao sonho do título de campeão mundial de clubes, fato esse que não acabou acontecendo. Mesmo assim, os momentos de vitória mantiveram a postura positiva dos vascaínos no período do Centenário.

No campeonato carioca do ano de 1998, o time vascaíno foi melhor e sagrou-se campeão. Na Libertadores da América⁷⁸, o Vasco teve que passar por equipes como Grêmio, Cruzeiro, Palmeiras e River Plate antes de disputar a finalíssima com o Barcelona de Guayaquil, do Equador. Essa final se deu em dois jogos, no primeiro o time brasileiro venceu, em casa, por 2 x 0 e no segundo, no Equador, também obteve êxito, com o placar de 2 x 1.⁷⁹

Chegando ao Brasil, o time de São Januário desfilou em carro aberto pelo Rio de Janeiro (Fig. 10), em cujo trajeto se incluiu a Zona Sul da cidade, mais especificamente a sede do Clube de Regatas do Flamengo, localizada na Gávea. Foi um grande delírio para a torcida vascaína, que teve a oportunidade de comemorar, em seu Centenário, dois importantes títulos de campeão de futebol. Além disso, os cruz-maltinos puderam saborear o sentimento com relação ao seu antitípo, que em seu centenário não conseguiu ganhar um campeonato sequer. Desfilarem na frente da sede de seu arqui-rival é, nesse sentido, simbólico.

⁷⁸ Torneio de que participaram os clubes campeões e vice-campeões dos países da América do Sul e mais um ou outro convidado, com o intuito da conquista do título de campeão sul-americano de futebol.

⁷⁹ Esses dados foram obtidos nos jornais do dia 27.08.1998. O Globo, Jornal do Brasil e O Dia.



Figura 10 – Desfile em carro aberto da equipe do Vasco campeã da Copa Libertadores da América de 1998.

Além das conquistas, da data simbólica, dos grandes jogadores contratados e da participação vitoriosa nos esportes amadores, outro ingrediente que influenciou a idéia de que esse momento histórico ficasse marcado como um dos períodos de crescimento da torcida vascaína foi a rivalidade com o Flamengo⁸⁰. Isso sempre existiu, mas nesses últimos anos tem havido exacerbação, principalmente pelo enfraquecimento das outras duas grandes equipes do futebol carioca, no caso de Botafogo e Fluminense.

⁸⁰ Assunto tratado mais aprofundadamente num próximo capítulo deste trabalho.

Nas falas que se seguem de Cândida e Flávio, pode-se observar como os fatos aqui citados tiveram importância, justificando a idéia de que o final dos anos 90 tem significado ímpar para o torcedor vascaíno:

Trabalho em uma instituição para crianças abandonadas, negligenciadas, abusadas ou em risco. Desde o final de 97, motivada pela excelente campanha do Vasco no futebol e o centenário, ensinei as crianças a gritar Vasco. Toda vez que eu chego, começa a gritaria... Vasco, Vasco!!! É uma festa! Uma das nossas crianças foi adotada por um casal de Holandeses. Logo depois da primeira noite que passaram juntos, de manhã bem cedo, me telefonaram intrigados : What Vasco means? Hoje em dia os mais velhos vão ensinando aos mais novos e por aí vai aumentando a nossa torcida (E10).

Na final do Brasileiro contra o Palmeiras, eu estava no Maracanã. Estava no Rio-São Paulo, estava na final da Libertadores contra o Barcelona de Guaiaquil... Tudo isso faz parte dos bons momentos que eu frenqüentei (E8).

Encontrei também em minhas observações e nos depoimentos dos entrevistados a justificativa de interesse pelo Vasco pelo fato de este clube ser reconhecido como um clube identificado com as camadas populares. O Vasco é tido como o clube que permitiu a entrada de negros e pobres em sua equipe na década de 20, época em que as equipes dos principais clubes cariocas eram formadas pelos jovens de boa condição social e financeira. Essa discussão é polêmica, mas é motivo de orgulho para muitos vascaínos, como se pode perceber nas falas de Marcelo, Rodolfo e Henrique:

Só quem não conhece futebol é que pode não gostar do Vasco. Um clube com a história que o Vasco tem... O primeiro clube a aceitar negros... Clube de zona norte... Primeiro clube a abrir as portas para os pobres, fugindo da elite de Botafogo, Flamengo, Fluminense, América. Fez São Januário para fugir da perseguição.(E1).

E eu ouvia as histórias do pessoal mais antigo sobre Expresso da Vitória, a história famosa da questão do negro e do profissionalismo. Essa é uma história interessante: Eu estudei num coleginho no Engenho de Dentro, no primário – acho que nem existe mais. E o professor, dono do colégio, tinha um pai, um sujeito vascaíno de quatro costados⁸¹, que freqüentava lá, se misturava com os garotos e contava histórias dele. Então ele gostava de contar a história de um dos primeiros times do Vasco. Não sei se era verdade ou não, mas ele dizia: “aquele time, grande parte era daqui do Engenho de Dentro”. “O pessoal veio pegar eles aqui.” Mais tarde eu vim a aprender que esse time que ele falava era o tal time, ou pelo menos foi um deles, da bulha de que o Vasco botou negro no futebol. Era o de 23 ou talvez um pouquinho antes. Ele falava disso: Os caras pegaram, o pessoal pagava, tinha que pagar! Do que eles iam viver? Ajuda de custo mesmo! O patrão não liberava o cara para ele treinar, era isso mesmo! Isso me marcou! (E6).

O Vasco representa a luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação. É um clube que cresceu por si mesmo, sem ajuda de qualquer espécie, pelo contrário, tendo que "matar um leão por dia" para se afirmar, ocupar seu lugar e vencer. O Vasco representa a filosofia da igualdade e do respeito ao ser humano(E11).

Para explicar a polêmica citada anteriormente, recorri ao trabalho de Rocha⁸², que trouxe dados sobre a participação do Vasco no campeonato carioca de futebol de 1923 e que nos situa sobre a crise ocorrida no futebol do Rio de Janeiro, abrindo espaço para se entender a polêmica entre autores da atualidade.

Segundo Rocha⁸³, a Confederação Brasileira de Futebol sediou em 1919 o Campeonato Sul-Americano de Futebol, sendo o campo do Fluminense Football Club preparado para o evento. Um certame de tal envergadura, aliado à vitória do selecionado brasileiro, deu ao país e ao Rio de Janeiro, em especial, um impulso à prática futebolística. De acordo com esse autor:

⁸¹ Dando a idéia de que os quatro avós também eram vascaínos.

⁸² Rocha, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1975. v.1.

⁸³ *Op.cit.*

(...) os clubes adestravam e reforçavam suas representações notando-se nos jornais quase diariamente transferências de jogadores, alguns até do interior do país atraídos pelas seduções da então Capital Federal (p.253).

No Vasco da Gama, clube fundado através do remo e então com apenas três anos de prática futebolística, não foi diferente: a equipe buscou nos campos suburbanos da cidade reforços para a disputa daquele ano. Apesar de reforçado, o time ficou em quinto lugar no campeonato da segunda divisão⁸⁴. Todavia, dava mostras de que era uma tendência irreversível o investimento no futebol. Tal atitude trouxe ao clube a terceira colocação em 1920 – 1921 e o primeiro lugar em 1922. Essa última conquista deu ao clube a oportunidade de participar no ano posterior do Campeonato de Futebol da primeira divisão na cidade do Rio de Janeiro.

Deve-se ressaltar aqui que o ano de 1921 teve uma peculiaridade na história do Vasco, visto que foi o ano em que foi aberto às mulheres a possibilidade de ingressar no quadro de associados.

Independentemente de essa atitude administrativa ter sido uma atitude revolucionária ou de estar redimindo uma das muitas injustiças cometidas contra as mulheres, no patriarcalismo da época, é de se questionar por que esse fato não é comentado ou sequer conhecido pela imensa maioria dos vascaínos.

Os bons resultados esportivos e administrativos dos anos citados anteriormente trouxeram ao clube um número cada vez maior de associados, o que resultou em investimentos, formando-se, assim, um ciclo interessante para o Vasco. Como fundamental investimento, podem-se citar a locação e a benfeitoria do campo de futebol situado na Rua Moraes e Silva, no Engenho Velho. O imóvel tinha sido usado pelo Sport Clube Rio de Janeiro. De posse do local, o Vasco da Gama passaria ao trabalho de preparar suas equipes de futebol e iniciar os movimentos de outras modalidades, como o basquetebol e o atletismo. Além do campo, o futebol

⁸⁴ Como já foi explicado anteriormente, a segunda divisão funciona como um campeonato que dá direito ao clube campeão de participar do principal campeonato da cidade no ano posterior.

vascaíno, no ano de 1922, recebeu o reforço do uruguaio Ramon Platero, um treinador experiente, que usava como expediente a preparação de período integral, com corridas matinais, treinos com bola e boa alimentação.

A ascensão à primeira divisão levou os torcedores do Vasco à euforia total, com muitas idas ao Bar Capela, situado na Lapa, centro do Rio de Janeiro, onde os vascaínos comemoravam suas vitórias após os jogos. Já para o meio futebolístico da época, essa subida trouxe surpresa e aumento súbito de público. A equipe de 1923⁸⁵ venceu no turno todos os seus adversários, só perdendo um único jogo no retorno⁸⁶ para o Clube de Regatas do Flamengo. Aquele ex-time da segunda divisão chegava entre os grandes clubes de futebol da cidade para se sagrar campeão.

Em 1924, o Clube de Regatas Vasco da Gama disputou o campeonato da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, juntamente com outros clubes pequenos e novamente sagrou-se campeão. Há uma conhecida versão de que o Vasco da Gama não teria concordado em participar da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), fundada naquele ano por Fluminense, Flamengo, Botafogo, América e Bangu, por entender que o cumprimento das exigências⁸⁷ feitas pelos fundadores o levaria a desfazer-se da maioria de seus jogadores negros, pobres, suburbanos e analfabetos. Em razão dessa "rebeldia", o Vasco da Gama ficou conhecido como o clube perseguido que enfrentou o racismo no futebol.

Soares⁸⁸ contestou a versão de que foi uma trama racista (em razão da conquista do Campeonato Carioca de 1923 pelo Vasco da Gama) o motivo da fundação da AMEA. Segundo ele, essa versão debilitou-se pela ausência de dados, e a partir de novos levantamentos a criação da AMEA foi mais bem explicada pela

⁸⁵ Formada por Nelson, Cláudio, Leitão, Nicolino, Bolão, Arthur, Paschoal, Torteroli, Arlindo, Ceci e Negrito.

⁸⁶ Existem versões de que este jogo teria acabado em pancadaria por conta de um gol vascaíno não considerado pelo árbitro Carlito Rocha, porém tanto o *Jornal do Brasil* (18/04/99) quanto ROCHA (1975) insistiram que durante o jogo não houve conflito, mas depois os torcedores adversários fizeram o que os vascaínos vinham fazendo em dias de vitórias: passeata até a Lapa, região central da cidade, para comemorar no Capela.

⁸⁷ As exigências seriam: ter instalações esportivas e prática generalizada de esportes; indicar o nome do atleta por extenso, assim como endereço e profissão, e jogar aos sábados com os outros clubes não-fundadores.

⁸⁸ SOARES, Antonio Jorge. *O racismo contra o Vasco da Gama e a fundação da AMEA*. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*.

hipótese da manutenção da ética do amadorismo num esporte que teria rapidamente se popularizado. Nesse sentido, a “trama racista” só tem servido à construção de uma identidade positiva dos vascaínos.

Do meu ponto de vista desta pesquisa, não há como negar, naquele instante, a existência de uma disputa de poder, em que, de um lado, estavam os clubes pertencentes à elite carioca que gostariam de se manter vitoriosos e “sem misturas” com outras classes em suas partidas de futebol e, de outro, um clube com grandes pretensões, que fez uso de um “semiprofissionalismo” para se afirmar perante os demais.

Com relação à resistência à “mistura”, era comum noticiarem opiniões como esta:

(...) todos são favoráveis à passagem de um determinado projeto mas não têm coragem de em público manifestar as suas convicções. Há de fato na aparência, naqueles (felizmente muito poucos) que não sofrem as conseqüências da má educação de pessoas que não estão de acordo com o nível moral e social do sport, uma espécie de democracia, que não passa no fundo de uma refinada hipocrisia...Nós pensamos, e conosco pensam todos aqueles que fazem da sinceridade um culto: o futebol só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo!(...).

De modo que nós que freqüentamos uma Academia, Salão Naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao five o' clock; mas quando nos resolvemos a praticar sport entramos para o Icarahy Club, distinto filiado à 3ª Divisão Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, corrieiro mecânico, chauffeur e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do sport torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.⁸⁹

⁸⁹ Sports, Ano I, nº 1, 6 de agosto de 1915. Cabe ressaltar que outros autores trabalharam com essa notícia. Exemplo: HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *O futebol e o jogo do bicho na "Belle Époque" carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

Silva⁹⁰ opinou que o pioneirismo do Vasco da Gama não foi o de ter em sua equipe principal jogadores pobres e negros, pois outras agremiações já o faziam, mas sem dar condição aos seus jogadores de enfrentar os grandes adversários, na sua maioria, pertencentes à elite carioca. Assim, foram esses os principais motivos que levaram às pessoas entrevistadas a começar a torcer pelo Vasco, e certamente são motivos que mobilizaram outros vascaínos, os quais não foi possível ouvir. Essas pessoas, fazendo parte de determinado contexto social, sentiram-se “naturalmente” levadas a esse torcer.

Essa escolha tem desdobramentos, os quais foram chamados de “importância do Vasco em suas vidas”. Para Geertz⁹¹, os recursos culturais são ingredientes e não acessórios do pensamento humano. Mais uma vez, recorreu-se a esse autor, que afirmou que o pensamento humano é, basicamente, um ato aberto conduzido em termos de materiais objetivos da cultura comum, e só secundariamente um assunto privado. O referido autor trouxe um exemplo que coube perfeitamente na situação em análise. Ele disse que

(...) no sentido tanto do raciocínio orientado como da formulação dos sentimentos, assim como da integração de ambos os motivos, os processos mentais do homem ocorrem, na verdade, no banco escolar ou no campo de futebol, no estúdio ou no assento do caminhão, na estação de trem, no tabuleiro de xadrez ou na poltrona do juiz (p.97).

Ou seja, as experiências, de forma isolada ou concomitantemente, trazem ao indivíduo o eixo norteador para formulação de seu pensamento. No caso específico do objeto investigado, percebeu-se que o Vasco é para o torcedor referência de tempo, de espaço, de afeto, de pertencimento etc.

⁹⁰ SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. O Vasco é o time da virada, O Vasco é o time do amor. *Revista Eletrônica Lecturas: Educación Física y Deportes*. Año 4, nº 13. Buenos Aires, março, 1999. (<http://www.sirc.ca/revista/>)

⁹¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

O torcedor vascaíno exerce outros papéis na sociedade que formam outras redes de significação, mas esse torcer pelo Vasco parece ser especial; talvez o seja, por acompanhá-lo praticamente por toda a vida, talvez por estar relacionado a outros signos, como a família, o local de moradia, a origem étnica etc. As falas de Marcelo e Renato dão essa dimensão da importância do Vasco em suas vidas:

Já tive para sair do Rio, mas deixei de ir para não ficar longe das coisas que mais gosto. Futebol e Vasco da Gama, principalmente Vasco da Gama... O Vasco me dá alegria. Me dá prazer de viver. Não é uma coisa de razão, é sentimento... A razão é pela história... O sentimento é uma coisa que representa algo mais que o simples futebol.. A paixão! (E1).

Ser reconhecidamente um vascaíno, é uma coisa que cada dia que passa, você vê mais forte na minha vida, todas as pessoas ao meu redor, quando tem que puxar um assunto comigo, começam falando do Vasco. Essa paixão pelo Vasco começou e virou um casamento que, sem dúvida, eu não tenho receio em estar enumerando, é uma das coisas mais importantes da minha vida (E3).

Guiddens⁹² trouxe uma pista sobre essa questão de o clube ser importante na vida do torcedor. Esse autor ofereceu uma nova e provocativa interpretação das transformações sociais associadas à modernidade. Segundo ele, nesse momento histórico *uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana (p.83).*

Guiddens⁹³ referiu-se a desencaixe como deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo/espço, ou seja, vive-se uma realidade de impessoalidade nessas relações, em que o sujeito se sente perdido, sem vínculos, sem o que lhe traga

⁹² GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

⁹³ GIDDENS, Anthony. *Op. cit.*

mobilização, sem paixões. Contrariamente às culturas tradicionais em que, de acordo com esse autor, o passado é honrado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações.

Parece, assim, que os torcedores se sentem atraídos por aquilo que Guidenns chamou de “compromisso com rosto”, que em sua definição significa *relações verdadeiras que são mantidas por, ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença (p.84)*. Quer dizer, a passionalidade, a emoção, o sentimento de companheirismo, de grupo e de pertencimento típicos no torcer se tornam uma forma de dizer não ao que está posto em termos de relações sociais.

Outros torcedores testemunharam a importância do Vasco em suas vidas. São declarações relacionadas a fidelidade, afeto, dedicação e encontro de um espaço para ocupação do tempo disponível. Os depoimentos de Glória, Aparecida, Flávio e Augusto trazem essa idéia:

Vasco na minha vida... sempre foi isso: um sangue que já vem, sei lá, não sei se é... desde criança. Então articulei: casamento, me casei uma vez só não casei mais; meu clube só foi um... Vou trocar de clube por quê?. Isso é bom prá criancinha de 2, 3, 4 anos que não sabe, ainda não tem a cabeça... Mas eu já vim numa época com a cabeça formada (E4).

Eu me divirto em São Januário, nas festas, em dia de jogo...Eu não sinto solidão, o Vasco preenche esse lado afetivo da minha vida. Eu conserto faixas, bandeiras, vendemos salgados, já até pinteí a sala da torcida. (E5)

O Vasco faz parte do meu divertimento. Primeiramente a gente tem que ter a nossa família, a nossa saúde, mas faz parte do nosso divertimento. Eu gosto tanto de vir ao estádio pelas músicas, pelos jogos, o contato de estar com jogadores, eu acho que isso é muito legal (E8).

Eu tenho até hoje um radinho vermelhinho, que ganhei do meu pai para ouvir os jogos. Eu ouvia na minha cama, no meu quarto e isso me uma boa recordação, porque me faz lembrar da minha infância, do meu pai.... Depois quando eu já tinha autonomia, pude freqüentar mais, o futebol passou a ser um espaço para eu demonstrar minha emoção, quando em outros espaços eu tinha muita dificuldade. Eu vivi muitas emoções e acho que ser torcedor é a primeira forma do sujeito sentir o êxtase. É um orgasmo não sexual, mas um orgasmo em termos de prazer, de energia (E2).

Outro autor que pode ajudar a entender a importância do Vasco na vida dessas pessoas é Sennet⁹⁴. Ele investigou as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Em sua pesquisa, o referido autor olhou para o ambiente de trabalho moderno, verificando nele, claro, alguns avanços no que diz respeito à monotonia e à insalubridade das “linhas de montagem” do início do século. Entretanto, ele chamou a atenção para a ênfase do mercado moderno: trabalhos de curto prazo, execução de projetos e flexibilidade. Segundo Sennett, essa ênfase impede que as pessoas desenvolvam experiências ou construam uma narrativa coerente para suas vidas. E, talvez, a questão mais importante é a denúncia que Sennett fez sobre essa nova forma de trabalho. Diz ele: *essa nova forma de trabalho impede a formação do caráter*. Caráter depende de virtudes estáveis, como lealdade, confiança, comprometimento, integridade, confiança nos outros e ajuda mútua – características quase ausentes do novo ambiente de trabalho no novo capitalismo, mas essenciais, segundo gerações anteriores, para a formação do caráter. Seria, então, essa vinculação ao clube, à torcida, ao ídolo mais uma maneira de o torcedor encontrar sentido para sua vida e driblar a fluidez das relações hoje impostas? Seria o torcer uma forma de resistência às mudanças impostas pela modernidade?

Não existe ingenuidade, no sentido de não ver quanto a lógica de mercado se impregna no futebol. Tem-se hoje um futebol muito diferente daquele, em que o

⁹⁴ SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcus Santarrita 3ª tiragem Rio de Janeiro: Record, 1999.

ídolo jogava com amor à camisa e passava toda, ou quase toda, a sua carreira num mesmo clube.

Existe hoje um calendário futebolístico ditado pelas emissoras de televisão, muitas vezes impróprio para o torcedor, que costuma ir ao estádio prestigiar seu time. Ronda o clube, nos dias atuais, a figura do empresário, que só pensa no valor pecuniário da transação, não considerando o sentimento da torcida, que pede para seu craque não ser transferido. Porém, ponto de vista desta pesquisa, apesar de todas essas influências mercadológicas, o torcer, o vínculo, a paixão, a emoção e o lúdico, que são inerentes à relação torcedor/clube, podem tornar-se uma forma de resistência à lógica fria desse totalitarismo capitalista que nos tem assolado nos últimos tempos.

Escolhe-se um time “para a vida toda”. Nessa escolha não entra a lógica do descartável, marca do mundo moderno. Não é à-toa que o sujeito que muda de time é chamado de “vira-casaca” não só porque muda a camisa do time, mas porque, com isso, muda de pele, vira outra pessoa... Manter-se fiel a um time “pela vida toda” é manter seu caráter, suas idiossincrasias, é ter um rosto definido.

A crítica saudosista e linear de que não existiria mais a paixão no futebol, de que o futebol profissionalizou-se tanto a ponto de ser um grande representante do capital e de que o futebol é somente um negócio faz lembrar a idéia existente nos anos 70, por parte de grupos de esquerda, que combatiam a ditadura vigente, de que o futebol era o ópio do povo. Essa tese já foi contestada por vários autores, entre eles DaMatta⁹⁵, com o argumento de que o futebol é "aquilo que dele fazemos." Ele contestou a idéia de uma relação de oposição do esporte com a sociedade, em que *o esporte faz alguma coisa para, com ou contra a sociedade (p.21)*.

Daolio⁹⁶, baseado em DaMatta, também tratou do assunto e, numa mesma ótica, afirmou:

⁹⁵ DaMATTa, R. Esporte na sociedade: um Ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

⁹⁶ DAOLIO, Jocimar. O drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica, In: *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Na verdade, o que está por trás dessas considerações é a concepção de futebol – ou, para ser mais abrangente, de esporte – que impera na nossa sociedade. O esporte, ao contrário do trabalho, da economia, ou, ainda, da guerra, seria uma atividade menos séria – como o carnaval, a arte, a religião –, que estaria associada a valores como amor, o divertimento, a recreação. Seria uma atividade menor, que teria o único objetivo de enganar ou distrair a população dos problemas realmente sérios, atribuições da classe dominante (p.103).

Concordo com DaMatta, quando ele afirmou que a tese que insiste em colocar o futebol contra a sociedade tem sabor utilitarista/funcionalista. E mais, fez crer que a massa *permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano (p.22)*. Ao contrário, o povo tem sua lógica própria de agir e o faz de acordo com aquilo que acredita ser o certo, e várias situações ocorridas podem indicar isso: já se presenciou, no início dos anos 80, o Maracanã lotado, em voz única gritando por *Diretas Já* e o nome de um candidato da esquerda, naquele momento. Exemplo que evidencia que torcedores reunidos para assistir a uma partida de futebol não “esquecem” outras dimensões da vida em sociedade. Nesse sentido, acredita-se que o binômio futebol/alienação tratado mecanicamente não cabe mais nos dias atuais.

Daolio⁹⁷ chamou atenção para as *contradições do futebol brasileiro* existentes na mesma medida em que sua expressão traduz um país de contrastes e ambigüidades. Para esse autor, o futebol é popular em nosso país por ter havido combinação entre o código do futebol e o contexto cultural brasileiro. Ainda de acordo com Daolio:

com todas as contradições possíveis, o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se numa forma do brasileiro expressar-se (p.36).

⁹⁷ DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: *Futebol: paixão e política*. Paulo Cesar R. Carrano (Org). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Assim, dizer que o futebol virou somente um negócio é desconsiderar a relação torcedor/clube, dimensão fundamental deste esporte.

De forma diferente, em outros esportes como voleibol, basquete e futsal, foi imposto um modelo, em que o que vai para a quadra é determinada marca. Um dia tal “marca” está sediada em uma cidade, no outro se transfere para outra cidade. De acordo com o faturamento da empresa que patrocina, a equipe pode ser desfeita de uma hora para outra. E o que acaba acontecendo é certo desânimo do público em relação a esses jogos. O vínculo torcedor/marca não existe. Muitos vão assistir aos jogos porque ganham o ingresso na empresa que trabalham, junto com a camiseta e o boné, que serão propagandas da marca no estádio. Ultimamente, esses esportes de quadra têm tido, novamente, os clubes em suas ligas, e aí se pode perceber que o público é outro. É aquele que vai buscar a vitória de seu time e não exercer o papel de mero espectador.

No futebol, essa possibilidade de mudança de cidade de um time não existe. Imagine-se o que aconteceria se um grande clube fosse transferido do Rio de Janeiro para São Paulo ou fosse extinto. É toda uma história, é todo um lastro que faz do futebol uma teia de significados.

Esse clube que o torcedor acompanha não foi escolhido de maneira aleatória, como se viu anteriormente. Essa escolha tem um sentido. Ela está vinculada a família, local de moradia, origem étnica, grupo de amigos, ídolos, histórias, enfim, a símbolos que resgatam uma posição contrária à fluidez das relações impostas pela modernidade.

Do ponto de vista deste trabalho, é esse vínculo que traz ao torcedor a idéia da importância do seu clube, no caso o Vasco, em sua vida. Nas falas de Cândida, Henrique, Geraldo e Rodolfo, têm-se mais alguns exemplos dessa vinculação do torcedor com o Vasco:

Eu tenho o privilégio de, aos 40 anos, conviver com a minha avó de 92. Se eu pergunto para ela ou para a minha mãe fatos importantes da nossa vida familiar, como por exemplo: como ela conheceu

meu avô, a resposta começa assim; eu estava no Vasco... E a festa das bodas de ouro dos meus bisavós como foi: O salão do Vasco estava decorado com... e a festa de casamento dos meus pais: um almoço na sede náutica do Vasco infinitos momentos familiares tiveram o Vasco como palco ou pano de fundo. As primeiras fotos no álbum da família/Vasco datam de 19..." (E10).

O Vasco é fundamental na minha vida. Ele é parte inseparável da minha personalidade (E11).

Há 3 anos atrás eu tive a oportunidade de fundar a torcida, montar essa sede e atualmente, no meu tempo vago, eu me dedico ao Vasco, eu gosto. Me dedico ao Vasco num todo, nos vários esportes, até enterro do Vasco eu vou, até funeral do Vasco eu vou., missa do Vasco eu vou... porque eu gosto de estar com o pessoal do Vasco (E12).

No campo afetivo, o Vasco é importantíssimo para mim... Amigos... Eu sou conhecido como sendo fulano de tal, médico, professor, vascaíno. Isso faz parte da definição da minha personalidade. Agora o espaço que ocupa também é cultural... As pessoas gostam de futebol e dentro disso é o Vasco. Meu filho, que é vascaíno, mas consegue assistir um jogo do Chicago Bulls X Los Angeles Lakers... Eu não consigo! Se fosse Vasco e Chicago Bulls, aí eu assistiria. Eu não consigo assistir um troço que eu não tenha uma relação de emoção. Não me toca (E6).

Essas considerações lembram uma frase⁹⁸ de Bill Shankley, técnico e *manager* escocês do Liverpool, quando afirmou: *É claro que o futebol não é uma questão de vida ou morte, o futebol é muito mais importante que isso (p.61).*

E o clube do coração faz parte disso. Posso afirmar que em determinados momentos “é ele que me dá identidade, é ele que me faz ser parte de um grupo, é ele que me dá rosto. É ele que me faz estar junto das pessoas que comungam da mesma

⁹⁸ Citado na entrevista com o jornalista Juca KFOURI, realizada pelos professores Marcos GOMES e Paulo Cesar R. CARRANO, intitulada *O futebol entre palcos e bastidores* no livro *Futebol, paixão e política* da DP&A Editora em 2000.

visão, ou seja, que me conhecem, que me entendem, que respeitam meus sentimentos. Ele dá sentido ao que penso, ao que sinto, ao que faço."

Nesse sentido, vale lembrar mais uma vez Geertz⁹⁹, no estudo sobre a cultura balinesa, em que, apoiado em Schutz, apresentou a classificação desdobrada da noção de "companheiros". Esse autor desmembrou a referida noção em "consócios", "contemporâneos", "predecessores" e "sucessores". Na definição de Geertz:

"Consócios" são indivíduos que se encontram realmente, pessoas que se encontram umas com as outras em qualquer lugar no curso da vida cotidiana. Eles compartilham, assim, embora breve ou superficialmente, de uma comunidade não apenas no tempo, mas também no espaço. Eles estão "envolvidos na biografia do outro", pelo menos em caráter mínimo; eles "envelhecem juntos", pelo menos momentaneamente, interagindo direta e pessoalmente como egos, sujeitos, individualidades...(p.230).

"Contemporâneos" são pessoas que partilham uma comunidade no tempo, mas não no espaço: eles vivem (mais ou menos) no mesmo período da história e muitas vezes mantêm relações sociais muito tênues entre si, porém não se encontram – pelo menos no curso normal das coisas. Eles se ligam através de um conjunto generalizado de pressupostos formulados simbolicamente (isto é, culturalmente) sobre os modos típicos de comportamento um do outro...(p.230-31).

"Predecessores" e "Sucessores" são indivíduos que não partilham nem mesmo de um comunidade no tempo e portanto, por definição, não podem interagir. Assim, eles formam uma espécie de classe única em relação a ambos, tanto os consócios como os contemporâneos, que podem interagir e o fazem. Todavia, do ponto de vista de qualquer ator particular, eles não têm exatamente o mesmo significado. Os predecessores, já tendo vivido, podem ser conhecidos ou, de forma mais correta, pode-se saber bastante sobre eles, e os atos que executaram podem ter influência sobre as vidas daqueles de quem são predecessores (isto é, seus sucessores), embora o reverso, pela natureza do caso, não seja possível. Os

⁹⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

sucessores, por sua vez, não podem ser conhecidos, nem se pode saber nada sobre eles, pois eles são os ocupantes ainda não nascidos de um futuro ainda não chegado. Embora suas vidas possam ser influenciadas pelos atos executados por aqueles de quem são sucessores (isto é, os seus predecessores), novamente o reverso não é possível (p.231-32).

O que as histórias de vidas vascaínas permitem até aqui dizer é que Marcelo, Augusto, Renato, Glória, Aparecida, Rodolfo, Joaquim, Flávio, Pedro, Cândida, Henrique e Geraldo, vozes desta pesquisa, não são indivíduos isolados, cada qual com sua história particular. Olhando-os assim, vendo-os como “consócios”, “contemporâneos”, “predecessores” e “sucessores” uns dos outros e de toda uma legião de vascaínos, pode-se passar a entender que este estudo, inspirado em histórias particulares, revela mais do que um jeito “particular” de relacionar-se com um clube. Revela um contorno, um perfil e um conteúdo, um modo de comportar-se, um jeito de torcer, um estilo de toda uma torcida – com a certeza de que muitos vascaínos que não foram ouvidos contariam histórias parecidas...

Sobre esse “jeito de torcer” e de que maneira essas pessoas vivenciam essa experiência é o assunto do próximo capítulo.

COISA DE VASCAÍNO

*Quem já passou por essa vida e não viveu
pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá pra quem se deu,
pra quem amou, pra quem chorou,
pra quem sofreu
Quem nunca curtiu uma paixão
Nunca vai ter nada, não...¹⁰⁰*

O torcedor (con)vive com momentos alegres e tristes na trajetória do seu torcer. Identifiquei alguns desses momentos muito especiais, carregados que estavam da idéia de que “se está vivendo” ao passar pela vida. São eles que fazem curtir a paixão ou sofrer por ela. São eles que fazem chorar e sorrir. A fala dos torcedores sobre esses momentos e sobre sua participação neles deixa clara a noção de paixão – noção de que a vida “só se dá pra quem se deu”.

Como outros torcedores, tive, por meio do clube, momentos maravilhosos e tristezas inesquecíveis. As tristezas são tão importantes quanto as alegrias, pois ajudam a dar significado aos momentos felizes. Sem elas não seríamos, os torcedores, capazes de valorizar os gols, as vitórias e as conquistas, que são portadores da alegria.

Encontrei também, no decorrer desse estudo, um grande valor simbólico que o torcedor dá ao clube, mais especificamente, à sede principal e ao seu patrimônio. Os vascaínos verbalizam, ainda, sobre outros símbolos importantes para eles: o uniforme, a bandeira, o hino, o mascote, a flâmula, o escudo, o grito de guerra... Sobre essas falas, vinham as perguntas: quais os símbolos de distinção que o Vasco oferece? Como o clube opera para que esses símbolos sejam aceitos? Se o são, como isso acontece, do ponto de vista do torcedor? Qual a relação que os torcedores têm com esses símbolos – como se utilizam destes, o que falam deles, como vêm

¹⁰⁰ Parte da música “Como dizia o poeta”, de Vinícius de Moraes e Toquinho.

esses símbolos? Por que, afinal, os adotam? Qual o poder que esses símbolos exercem sobre eles?

Para discutir sobre essas questões, fiz breve reflexão a partir dos conceitos de Bourdieu¹⁰¹ sobre símbolos e distinção simbólica. Antes, é importante que se diga que não se teve aqui a intenção de discutir a dominação do poder e a alienação decorrente dessa dominação. Não se acredita aqui nesse mecanicismo. Entretanto, é claro que existem relações de poder entre o clube (e os símbolos prestam-se também para isso) e os torcedores. Nem por isso se consideram os torcedores alienados, como se não percebessem nessa relação. O torcedor sabe que o clube, de certa forma, tem “poder” sobre ele e lança no mercado símbolos que possam “comprá-lo”. Mas o amor que o torcedor tem pelo clube ultrapassa essa relação e, consumindo símbolos, o que o torcedor faz, mais do que “vender” seu torcer, é declarar ao mundo o amor que tem pelo clube.

Nesse sentido, cabe pensar, com Bourdieu, que a idéia de poder sugere o domínio pela força. Ora, não é isso que acontece aqui! Todavia, o sábio poder não se apresenta de forma explícita, ele é dissimulado, sutil, subliminar. Esse autor apresentou em sua obra o processo histórico das lutas entre grupos sociais responsáveis pela imposição de uma matriz de significação dominante que formam um arbitrário cultural.

Logo no início do trabalho de campo, como já frisado em capítulo anterior, o autor desta pesquisa foi a São Januário para se associar ao clube. Ao me dirigir à Secretaria, local da inscrição de novos sócios, presenciei a cena de um senhor passando ao seu filho que estava completando 18 anos o seu título de sócio-proprietário. Havia naquele senhor uma emoção digna de uma cerimônia, de um rito de passagem. Aquele presente tinha muito mais do que um valor material, tinha um grande valor simbólico.

¹⁰¹ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

Outro fato que me chamou à atenção foi quando, andando pelo clube tentando “achar” quem poderia ser uma boa fonte, deparei-me com uma mulher de aproximadamente 55 anos, presenteando sua mãe de 82 com uma visita ao Clube de Regatas Vasco da Gama. Para tal, a filha requisitara um amigo que tinha livre acesso a todas as dependências do clube, a fim de que nada deixasse de ser mostrado à velha senhora, que realizava, segundo ela, um sonho. Acompanhando um pouco daquela visita e ao longo dela, várias histórias foram lembradas. Falou-se de momentos históricos, perspectivas para o clube e de pessoas, vascaínos ilustres e desconhecidos, entre eles o já falecido pai e esposo, respectivamente, das senhoras que ali estavam.

Apesar de o Vasco não ser um clube com grandes atrativos sociais, de não estar situado em um bairro agradável e de fácil acesso, de não ter um bom restaurante, de ser basicamente um clube voltado para os esportes, em que a frequência maior se dá por conta dos treinamentos e das competições que lá acontecem, historicamente sempre teve número significativo de associados. O vascaíno tem orgulho de seu clube, e isso fica claro também na fala de Joaquim:

Quando São Januário foi inaugurado, eram só os dois lados da arquibancada. Eu trabalhei na obra para fazer aquela curva. Nós trabalhávamos em dias de jogos. Eu e outros garotos. Nós ganhávamos a entrada. Vou dizer-lhe também quem inaugurou o Vasco da Gama... Foi o Presidente da República, Whasghinton Luís e o Comandante Sarmento, Capitão da Aviação Portuguesa, primeiro a fazer um vôo direto de Portugal aqui.

Corroborando a idéia de que o vascaíno importa-se com o patrimônio do clube, uma chefe de torcida organizada contou que teve uma desavença política com um presidente do Vasco na década de 70. Segundo ela, o motivo principal da rixa era o fato de a sede estar malcuidada e *ter uns bancos horrorosos nas sociais*¹⁰² do

¹⁰² Local do estádio onde os associados do clube assistem aos jogos.

estádio. A solução encontrada pela torcedora foi apoiar o Sr. Alberto Pires Ribeiro, candidato de oposição naquele momento, que, ao vencer as eleições para presidente do clube, cumpriu a promessa de reformular as instalações, inclusive colocando cadeiras nas sociais. Além disso, a torcedora falou, com muito orgulho, da sala de troféus e da alegria de ver pais trazendo filhos para conhecê-la.

Os símbolos fazem parte da relação torcedor/clube. Vê-se isso acontecer em todas as torcidas. O torcedor, se pudesse, pintaria o mundo com as cores do clube do coração. Mas como isso acontece com a torcida do Vasco? Quais são os símbolos que dizem respeito ao torcer vascaíno? Vale à pena uma breve incursão na história.

De acordo com Rocha¹⁰³, em assembléia realizada para dar posse à diretoria, uma semana após a data de fundação, foi proposto e aceito que o nome e as cores do Clube de Regatas Vasco da Gama por motivo algum mudariam¹⁰⁴. O escolhido para simbolizar o novo clube foi a cor negra com a faixa branca e a Cruz de Malta no centro.

Ainda segundo esse autor, num sobrado da Rua da Saúde, o Clube de Regatas Vasco da Gama teve uma de suas primeiras sedes (Fig. 11).

Criado em 1903, o escudo do Vasco era redondo (Fig. 12), com fundo preto e a caravela ao centro; em torno do fundo negro, a expressão C. R. Vasco da Gama em forma circular, inserida por seis cruces de Cristo.

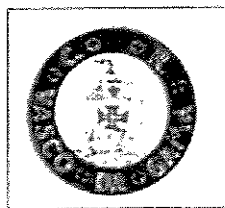
A partir da década de 30, o clube adotou o escudo atual (Fig. 13) com o fundo negro e uma faixa branca em diagonal. A caravela desenhada no centro da faixa rompe a parte branca e atinge a preta, tanto na parte inferior quanto na superior; na vela da frente da nave, a Cruz de Malta. Sob a caravela, um desenho simula água. Na parte preta superior, as iniciais CR em letras entrelaçadas; na inferior, as iniciais VG também entrelaçadas. Já o primeiro uniforme esportivo do Vasco, destinado aos atletas do remo, inspirou-se na roupa usada pelos atletas das demais modalidades

¹⁰³ ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1975. v.1.

¹⁰⁴ Vale ressaltar que o negro simboliza os mares desconhecidos e as descobertas por Vasco da Gama e a cor branca, a rota vencida pelo almirante. Existe polêmica sobre a adoção da Cruz de Malta como símbolo, uma vez que a cruz que Vasco da Gama ostentava em seu estandarte era a Cruz de Cristo. Há, portanto, evidências de equívoco nessa adoção. Ver sobre essa polêmica em ROCHA, *Op. cit.*

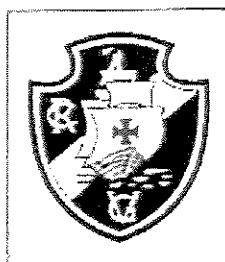


Figura 11 – Sede do Vasco, localizada na Rua da Saúde.



PRIMEIRO ESCUDO
Criado na
administração do
presidente Alberto
Carvalho, em 1903.

Figura 12 – Primeiro escudo do Vasco.



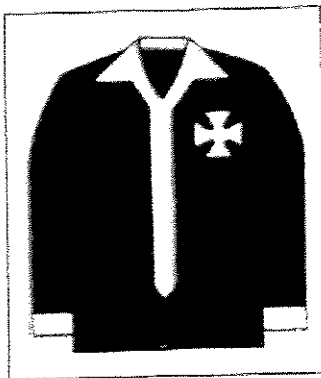
ESCUDO ATUAL
Adotado a partir
da década de 30,
com a criação
do departamento
de futebol.

Figura 13 – Atual escudo.

esportivas nos primeiros anos do século XX. Era composto de boné preto com borda alvinegra, camisa preta com gola larga, faixa branca, tendo a Cruz de Malta no peito; cinto branco, calção preto, meias e sapatos brancos.

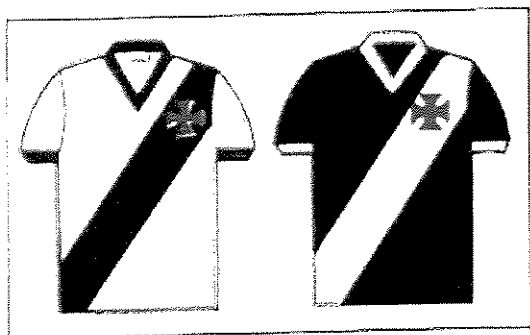
O Livro Oficial do Centenário¹⁰⁵ traz a informação de que, no futebol, a primeira camisa (Fig. 14) era preta, com gola e punhos brancos, com a Cruz de Malta à altura do coração, lembrando muito o da Seleção Portuguesa de Futebol, que esteve no Rio de Janeiro em 1913, realizando algumas partidas. A faixa diagonal (branca nas camisas pretas e preta nas camisas brancas) no peito e nas costas da camisa (Fig. 15) foi adotada em 1945, por sugestão de Ondino Vieira, técnico uruguaio, que comandou a equipe na conquista do campeonato invicto daquele ano.

¹⁰⁵CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA: *livro oficial do centenário*. Projeto e Coordenação Editorial de Marcos MALAFAIA, Bernardo Monteiro de SOUZA e Fernando Horacio DaMATTA. Texto: Sérgio CABRAL. Rio de Janeiro: BR Comunicação, 1998.



PRIMEIRA CAMISA
O primeiro uniforme de futebol do Vasco era igual ao da Seleção Portuguesa que esteve no Rio em 1913. E ao do Lusitânia, um dos clubes com os quais o Vasco se fundiu.

Figura 14 – Primeira camisa do Vasco.



CAMISA ATUAL
Criada na década de 30 pelo técnico uruguaio Ondino Vieira, inspirada na do River Plate, da Argentina. A camisa original, no entanto, continuou sendo usada até 1945.

Figura 15 – Camisa atual do Vasco.

Outros símbolos representam o Vasco. Existem a flâmula, a bandeira, o hino, o grito de guerra e o mascote.

A flâmula (Fig. 16), em forma de triângulo., é preta, cortada no centro e no sentido horizontal por uma faixa branca, também triangular. Na parte superior, próximo à tralha, as iniciais CR em letras entrelaçadas; na inferior, as iniciais VG, também entrelaçadas; e na faixa branca, a Cruz de Malta.

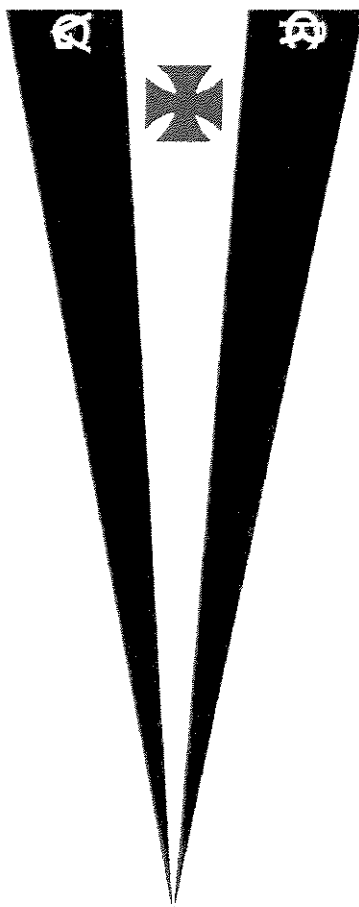


Figura 16 – Flâmula do Vasco.

A bandeira, da mesma forma que o uniforme da equipe de remo, era preta com uma faixa branca horizontal (Fig. 17). Já a bandeira atual (Fig. 18) manteve o fundo negro, com a faixa diagonal e seis estrelas douradas no canto superior direito. Elas simbolizam o tricampeonato brasileiro, o sul-americano de 1948, a Libertadores de 1998 e o Estadual ganho no ano do Centenário.



PRIMEIRA BANDEIRA
Como o uniforme da
equipe de remo, a
primeira bandeira do
Vasco era preta com uma
faixa branca horizontal.

Figura 17 – Primeira bandeira do Vasco.



BANDEIRA
ATUAL
A bandeira
atual manteve
o fundo negro,
com a faixa
diagonal e cinco estrelas douradas no canto
superior direito. Elas simbolizam o
tricampeonato brasileiro (1974, 1989 e
1997), o sul-americano de 1948 e o Estadual
de 1998 ganho no ano do centenário.

Figura 18 – Bandeira atual.

Quanto aos hinos, são dois. Um de 1918, do compositor Joaquim Barros Ferreira da Silva, pouco conhecido; e o outro, mais conhecido e escrito nos anos 60, é o hino que os vascaínos conhecem e cantam nos estádios, com letra e música de Lamartine Babo:

*Vamos todos cantar de coração
A Cruz de Malta é o teu pendão
Tens o nome do heróico português
Vasco da Gama...
Tua fama assim se fez*

*Tua imensa torcida é bem feliz
Norte-Sul, Norte-Sul deste país
Tua estrela na terra a brilhar
Ilumina o mar*

*No atletismo é um braço
No remo és imortal
No futebol és traço
De união Brasil-Portugal*

Nas quadras, nos estádios, enfim, onde o Vasco está competindo, após uma grande vitória se pode ouvir o grito de guerra, que ecoa assim:

*E ao Vasco nada?
Tudo!
Então, como é que é, que é, que é?
Casaca, casaca, casaca (Asaca, Asaca)
A turma é boa, é mesmo da fuzarca.
Vasco, Vasco, Vasco!*

No que diz respeito à figura do mascote, dois representam o Vasco. O primeiro deles foi criação do cartunista Molas e tem o Almirante como personagem-símbolo (Fig. 19). O segundo é do comerciante português, de tamancos e camisa do clube, que ganhou o apelido de “Bacalhau” (Fig. 20), dado pelo cartunista Henfil.



Figura 19 – O Almirante.



Figura 20 – O Bacalhau.

Essa questão do símbolo é levada a sério por grande parte dos torcedores. Ao visitar o torcedor Geraldo para entrevistá-lo, fiquei surpreso com a grande quantidade de símbolos referentes ao Vasco existente em sua casa e usada por ele no próprio corpo.

A casa situava-se na Baixada Fluminense e possuía uma grande área externa, com dimensões de uma chácara. Tudo lembrava o Vasco: desde a churrasqueira, o "playground", os muros, as cercas etc. Na parte interna da casa, incluindo quartos, sala, cozinha, banheiros, a decoração era feita com símbolos vascaínos (Fig. 21).

Geraldo usava muitos anéis, pulseiras e medalhas com o escudo do Vasco. E tem uma explicação para tal atitude:

Eu uso todos esse anéis e tenho todos esses símbolos do Vasco aqui em casa, a princípio para me proteger do rubro-negro, porque o rubro-negro tenta convencer qualquer torcedor de qualquer outro time a ser rubro-negro, então eu evito qualquer possibilidade de por exemplo se falar qualquer coisa sobre Flamengo aqui, que além da festa tudo aqui gira em torno de Vasco da Gama, eu toco o hino do Vasco, pelo menos de vinte em vinte minutos. Volta e meia aqui em festa, algumas peças vascaínas são danificadas, eu já acostumei com isso. Eu tenho peças do Vasco até nos banheiros. Aí eu renovo! (E12).

Renato também fala da sua relação com os símbolos no seu torcer:

Ando com a camisa do Vasco a todo instante, ando pelo meio da rua toda hora fantasiado, sempre que eu tenho oportunidade. Ontem eu fui ao dentista, e eu levo uma bolsinha do Vasco aí com a carteira dentro, fui de bicicleta... Num determinado momento me toquei que o escudo do Vasco estava virado pra trás, na minha direção. Eu achei aquilo um absurdo, me repreendi imediatamente: "Não, vamos botar isso pra frente, pra pessoas que estiverem me vendo de frente, verem lá o escudinho do Vasco. Eu sou preocupado com esse tipo de detalhe. Sou aquele cara que, enquanto jovem, ficava contando no meio da rua, adesivos de carro, eu anotava e fazia resumo no meu caderno: tantos do Vasco, tantos do Flamengo, tantos do Fluminense, tantos do Botafogo, querendo comparar (E3).

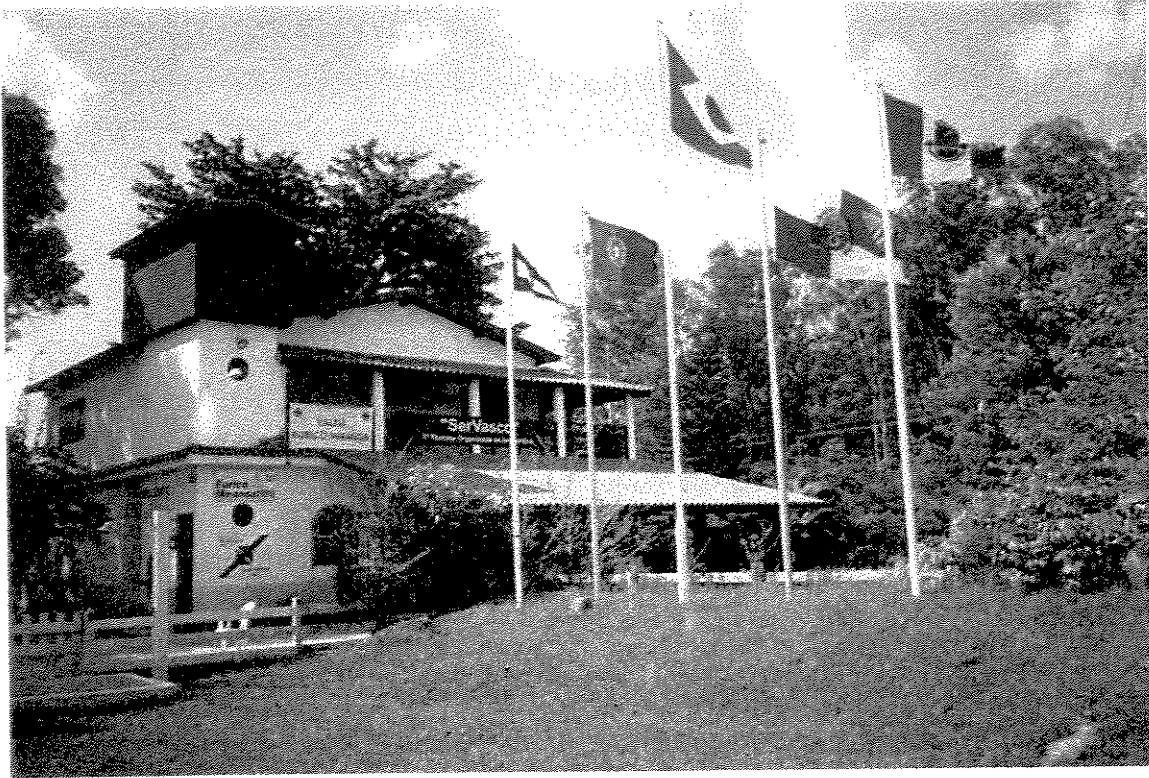


Figura 21 – Residência de torcedor decorada com símbolos do Vasco.

Toda essa referência ao símbolo está muito mais aguçada hoje em dia, em que o símbolo não é só a forma de representação do clube; é, antes de tudo, uma marca que gera lucro.

O Vasco foi o clube brasileiro que mais investiu nas Olimpíadas de Sidney 2000, quando aproximadamente 40% da delegação brasileira era composta por atletas vascaínos. O dirigente responsável por esse empreendimento falou em vários momentos sobre a importância de ter a “marca” Vasco da Gama numa olimpíada.

No próprio Estádio de São Januário, os símbolos referentes ao Vasco não saem da frente do torcedor. As cadeiras e as arquibancadas têm o desenho da Cruz de Malta (Fig. 22). Nas sociais, os banheiros têm os azulejos com o escudo do Vasco. Existe em uma das entradas do clube uma boutique, onde se podem encontrar os mais diversos artigos vascaínos. São uniformes, canetas, roupa de bebê, toalhas, broches, adesivos etc.

Nesse sentido, é interessante notar que se está falando de um grupo que se reúne/identifica por conta de sua paixão pelo clube. Isso é importante para se pensar esse grupo e seus apegos por símbolos de distinção, não tanto através de classes sociais e econômicas, afinal suas posturas ultrapassam a questão meramente econômica.

Vale lembrar aqui Bourdieu¹⁰⁶ e suas reflexões sobre as classes sociais. Para ele:

uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-la em distinções significantes (p.14).

¹⁰⁶ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio de Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.



Figura 22 – Arquibancada do Estádio de São Januário.

Ou seja, o que os indivíduos buscam, nesse sentido, são marcas, particularidades que os distingam dos outros. Pensar o grupo de torcedores do Vasco nessa perspectiva significa dizer que, como grupo, unidos por outros “laços” que não os econômicos, precisam de símbolos de distinção, porque isso os particulariza, os expressa e os diferencia de outros grupos. Pode-se pensar, ainda de acordo com Bourdieu¹⁰⁷, que se existe aqui uma moeda, essa são os símbolos do clube. Ser possuidor desses símbolos é um reconhecimento de prestígio social entre esse grupo (mesmo que não o seja para outros, que têm o direito de repudiar esses mesmos símbolos). Aqui o que importa é o pertencimento a um grupo, nesse caso dos

¹⁰⁷ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

torcedores do Vasco, ligados por um sentimento de paixão, de querer bem a um clube.

O que meu contato com esses torcedores revelou foi que, independentemente de classes sociais, formação, raça ou nível econômico, todos se apegam, de forma mais ou menos intensa, tendo ou não consciência desse processo, aos símbolos de distinção que o Vasco oferece. Seria como dizer que aqueles “narradores” têm, independentemente de outras categorias a que possam pertencer em outros pedaços de suas vidas, em determinado momento de suas trajetórias, uma grande equivalência, qual seja de torcer pelo mesmo clube, ver os mesmos jogos, vestir a mesma camisa, estar do mesmo lado no estádio etc. E é isso que faz deles um grupo.

Da mesma forma que acontece com muitos outros torcedores, o torcer vascaíno tem contornos supersticiosos. Acompanhei nos estádios muitas manifestações a esse respeito: eram sinais-da-cruz feitos pelos vascaínos na hora em que adentravam em direção às arquibancadas ou cadeiras e, ou, na hora de o time entrar em campo. Vi, também, torcedores culpando o lugar onde estavam sentados pelo mau desempenho do time e, por isso, ficavam trocando de lugar até o time jogar bem.

Para se ter uma idéia de como essa superstição está presente no torcer vascaíno, muitos consideram que o título carioca conquistado em 1970, após um jejum de 12 anos, deu-se por conta dos “trabalhos do Pai Santana”, massagista do Vasco, que naquele ano, ao voltar ao clube, prometeu “se empenhar” para a conquista (Fig. 23). O folclórico massagista, por vezes, acendia velas no campo ou, então, anunciava que o Vasco estava sob a proteção dos “santos”, evocados por ele nos “terreiros” em trabalhos realizados antes dos jogos.

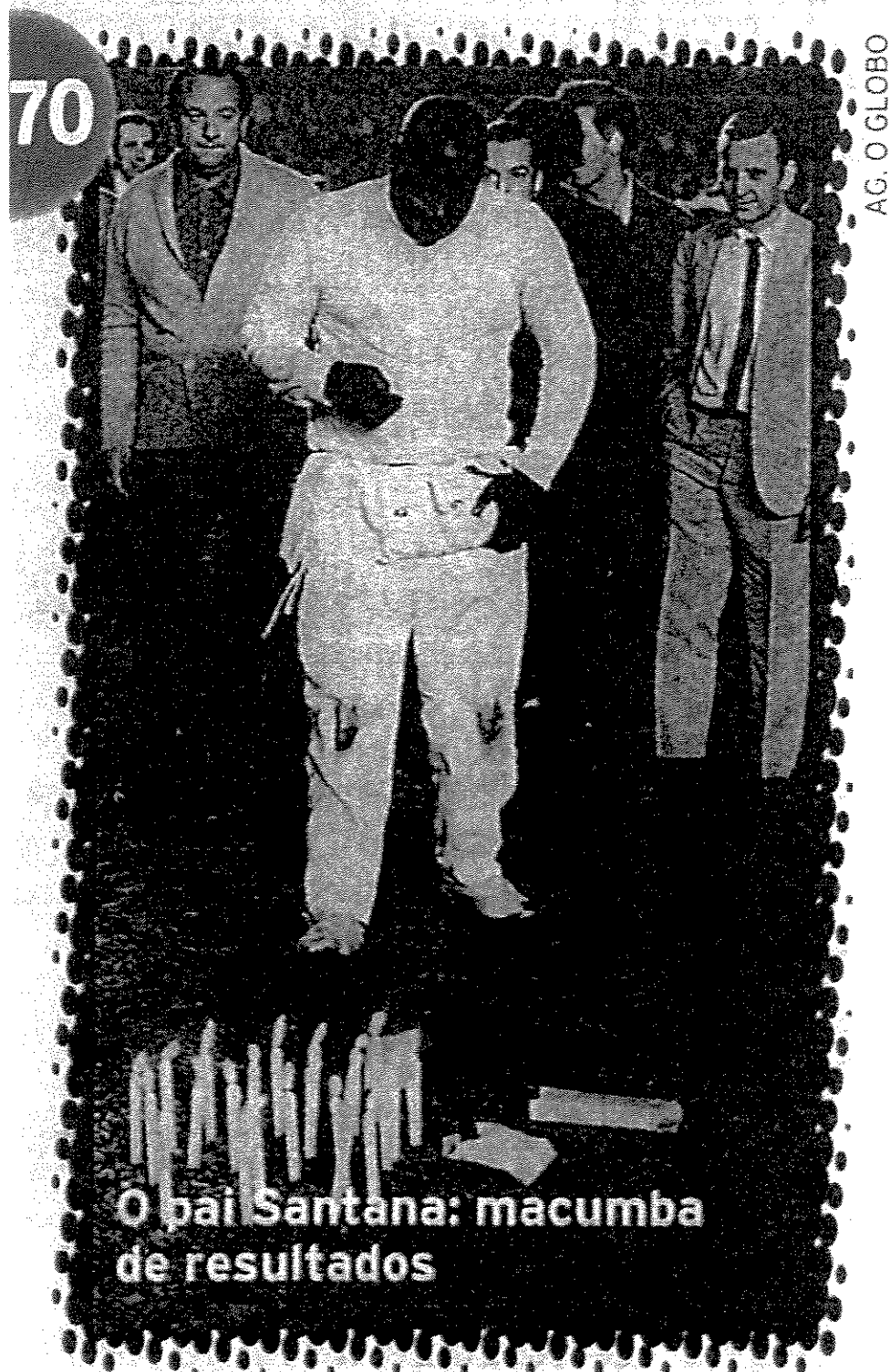


Figura 23 – Pai Santana.

Marcelo relatou que sua superstição era não ir ao estádio vestindo qualquer cor do clube contra o qual o Vasco jogaria e só dar o primeiro grito de "Vasco" após a bola rolar. Outra história curiosa foi contada¹⁰⁸ por outro vascaíno e merece destaque: "em 1977, o Vasco disputava sua terceira partida no campeonato carioca contra o América Futebol Clube e perdeu por 1 x 0. Ao descerem a rampa do Maracanã, os acompanhantes do torcedor narrador notaram que ele tinha ido ao referido jogo com uma camisa do Vasco nova e não com uma azul do jogo anterior, quando o Vasco tinha vencido o Bangu por 6 x 0. Dessa forma, elegeram a camisa nova como pé-frio e a azul como talismã e sugeriram, ou melhor, ordenaram ao amigo que não deixasse de usar a azul nos dias de jogo. Conclusão: o Vasco não perdeu mais até o final do campeonato e sagrou-se campeão carioca daquele ano. O dono da camisa, após a conquista, resolveu aposentá-la para que nunca perdesse a invencibilidade."

Para Daolio¹⁰⁹, o futebol expressa determinada visão de mundo da população brasileira, visão essa que busca explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis. O futebol é uma modalidade esportiva imprevisível, em que, às vezes, um time de craques é surpreendido por um time humilde, em que, de vez em quando, um artilheiro perde gols fáceis, quando, vez por outra, um goleiro não deixa a bola entrar em seu gol de jeito nenhum. Esses fatos, somados a outros de pouca previsibilidade, ocorrem no futebol ao longo de sua história e, na dificuldade de serem explicados no mundo natural, acabam tendo suas explicações através do sobrenatural.

De acordo com Daolio¹¹⁰, os atos mágicos, como entrar em campo com o pé direito na frente, fazer promessa para o time ser campeão, podem não ser eficientes em determinado momento, porém isso não implica a perda de sua eficácia simbólica,

¹⁰⁸ No livro "Estórias de Amor Vascaíno", de José Fernando RIBEIRO, Mauro S. PRAIS e Abrahão BOHADANA.

¹⁰⁹ DAOLIO, Jocimar & ZOPPI, Cláudio, C. Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro. In: *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.127-133.

¹¹⁰ DAOLIO, Jocimar. *Op.Cit.*

desde que permaneça a crença neles. Segundo esse autor, o pensamento supersticioso é autojustificável, mesmo quando não se atinge o resultado esperado.

Curioso foi encontrar, durante a pesquisa, que há entre os vascaínos muitos momentos considerados ímpares e que a eleição desses momentos acabam coincidindo entre os torcedores. Como ressaltado anteriormente, o torcer tem um “quê” de coletivo, mas também de individual. O momento que foi significativo para um pode não ter sido para outro e vice-versa, e o que torna o momento ímpar é também coletivo e individual. Acredito que, da mesma forma que acontece com as outras torcidas, as vitórias de virada, com gol em cima da hora de o jogo terminar, com placar dilatado, que valem o título de campeão e em cima do clube arqui-rival, são as mais significativas e as que ficam na memória do torcedor. Vogel¹¹¹ afirmou que *quanto mais decisiva for a partida, quanto mais elevado o status dos oponentes, e, portanto sua rivalidade, tanto mais fortes serão as expectativas, a torcida e as emoções da jornada* (p.80).

Sobre as vitórias que marcaram o torcer vascaíno, a mais citada em termos de goleada pelos entrevistados foi uma de 5 x 1 em cima do Corinthians. Aquele não era um jogo qualquer, era a volta do grande ídolo do Vasco, o jogador Roberto Dinamite, que tinha passado uma temporada jogando no Barcelona da Espanha e havia sido cobiçado pelo Flamengo. Houve a disputa pelo passe do jogador, e, saindo-se vitorioso nesse embate, o Vasco pôde ter o craque novamente vestindo suas cores. Além disso, houve um jogo preliminar entre Flamengo e Bangu. A torcida flamenguista juntou-se à corinthiana e fundaram a Fla-Fiel. Após o primeiro jogo da tarde, a torcida do Flamengo permaneceu no Maracanã, que naquele dia recebia mais de 100 mil torcedores. Para a inesquecível alegria da torcida do Vasco, o ídolo que ao seu clube de origem retornava fez cinco gols e saiu consagrado do campo de jogo. Os depoimentos de Augusto e Marcelo confirmam isso:

¹¹¹ VOGEL, Arno. O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTa (Org.). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Aquele jogo que o Roberto voltou, que ele fez cinco gols numa partida contra o Corinthians, uma coisa, assim, excepcional não só porque foram cinco gols mas como era o ídolo que tinha voltado (E2).

A volta do Roberto e nesse dia foram duas, na preliminar teve o jogo do Flamengo contra o Bangu e formaram a Fla-Fiel. Talvez seja essa a segunda maior alegria que eu tive no campo, depois do lance do Edmundo, aquele gol contra o Botafogo nos juniores. Foi o gol mais bonito ao vivo que eu já vi, pela arrancada dele, por aquele jeito dele e talvez ele só dê sorte no Vasco por isso, porque ele tem o espírito do Vasco, aquele espírito que parte para cima, que quer resolver, que quer vencer...(E1).

Em termos de vitória marcante, em que o Vasco saiu em desvantagem no marcador e conseguiu reverter o placar, a chamada “vitória de virada”, chamou-me a atenção, pois não era um jogo decisivo e vejo pouco comentário na imprensa, o fato de os entrevistados lembrarem de uma vitória em 1975, quando o Flamengo fez 2 x 0 no início do primeiro tempo e o Vasco foi conseguir a virada no final do segundo tempo, com um gol do jogador Paulo Cesar “Puruca”. Os entrevistados Marcelo e Renato narram a situação vivenciada:

Virada contra o Flamengo em 75, primeira vez que eu chorei no Maracanã. Foi uma alegria, uma coisa de doido! A torcida estava mais ou menos meio-meio, como normalmente acontece, e a imprensa diz que a maioria é do Flamengo. Muita gente do Vasco já tinha ido embora com os dois a zero, mas quem ficou, foi aquela sensação de 81, quer dizer, o pessoal que ficou, acabou criando um clima positivo que acabou impulsionando o pessoal no campo (E1).

Isso foi fantástico. Uma virada em cima do Flamengo, em que, com 15 minutos do primeiro tempo, o Flamengo estava ganhando de 2 a 0, meu pai virou pra mim e falou: “Vamos embora?” Eu falei: “Não, de jeito nenhum”. E o Vasco acabou vencendo esse jogo por 3 a 2, fazendo um gol também aos quarenta e bordoadada do segundo tempo (E3).

Durante o trabalho de campo, percebi que, em termos de título, o de campeão carioca de 1970 foi o mais lembrado pelos torcedores e se mostrou muito importante, por ter sido conquistado em um momento difícil pelo qual o clube atravessava – já se passavam 12 anos sem conquistar um campeonato. Era época do refluxo do grande time dos anos 40 e 50. Além disso, nesse time, dois jogadores assumiram o papel de ídolo, o que acabou marcando ainda mais o torcedor. Eram eles o goleiro Andrada e o atacante Silva.

A fala de Rodolfo resume bem esse sentimento:

Eu casei em 70 e o Vasco não era campeão desde 58. Evidentemente, que a lua de mel primeiro, eu não ia adivinhar que naquele ano meu time ia cismar de ser campeão. O jogo que a gente foi campeão foi contra o Botafogo. Eu não sabia o que fazer... Não havia transmissão por tv e não dava para pedir no Hotel para sintonizarem uma rádio do Rio. Me lembrei do rádio do Fusca 68. Eu fui para garagem do hotel, sintonizei o Doalcei Camargo, a quem eu sou grato até hoje. Eu me lembro da minha alegria. A gente saiu de São Lourenço e foi para Ouro Preto, eu me lembro que tava um dia lindo e ligo o rádio do carro e pego, por incrível que pareça, um programa sobre o campeonato, Vasco campeão... (E6).

No que diz respeito à vitória inesquecível com gol em cima da hora do apito final do árbitro, o momento que mais povoa a lembrança do torcedor vascaíno é um gol marcado em 1981 pelo ídolo Roberto Dinamite, em um jogo contra o Flamengo, numa quarta-feira de muita chuva no Rio de Janeiro. Esse jogo fazia parte da final do campeonato carioca daquele ano, em que o Flamengo, ao longo do certame, tinha adquirido uma vantagem tal, que só perderia o título para o Vasco se perdesse as três partidas consecutivas.

Na primeira partida, que tinha sido disputada no domingo anterior, o Vasco venceu por 2 x 0, o que obrigou a realização do segundo jogo. Até três minutos antes do fim, o placar estava empatado, e a torcida flamenguista já comemorava o título,

quando o time vascaíno fez seu gol, levando a decisão para uma terceira partida. Esse jogo ficou marcado nos vascaínos Marcelo e Augusto:

Campeonato de 81. Primeiro jogo cheguei em cima da hora, a torcida do Flamengo tinha dois terços do Maracanã, mas eu nunca vi a torcida do Vasco tão aguerrida. Segundo jogo... Gol do Roberto na chuva.. E o terceiro jogo do ladrilheiro...(E1).

Um jogo inesquecível, uma decisão contra o Flamengo, aquela decisão histórica dos três jogos... um jogo à noite, chovia muito e o Roberto fez um gol no final do jogo, nos quarenta e pouco minutos...(E2).

Outro momento que é lembrado com insistência pelos vascaínos é o da decisão da Taça Guanabara de 1976. A decisão era contra o Flamengo, que tinha naquele instante como seu maior ídolo Zico, um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro. O jogo no tempo regulamentar terminou em 1 x 1; foi para prorrogação e cobrança de pênaltis. O Vasco logo perdeu sua primeira cobrança, e o último pênalti a favor do Flamengo, que até então havia convertido todos, seria cobrado por Zico, que até aquele instante na sua carreira não tinha perdido uma penalidade máxima sequer. Não só o goleiro do Vasco pegou o chute de Zico, como o Vasco se sagrou campeão naquela competição.

Para o torcedor vascaíno, representou-se ali não só a vitória da sua equipe, como a derrota do ídolo do seu arqui-rival. No depoimento de Renato, a seguir, pode-se conferir isso:

Eu estava no Maracanã e vi a torcida do outro lado gritando “É campeão!!!”, vi o Zico com a mão na cintura, com a bola. Naquele momento subiu, um pouco à cabeça dele tamanha fama e tudo mais, a certeza, a convicção de já ser um craque e que ele não perderia o pênalti, e perdeu... Perdeu não, o Mazaroppi agarrou, fez uma defesa maravilhosa, foi buscar a bola lá no cantinho. Lembro bem: a bola ia entrar, não era trave, era gol mesmo... Mazaropi tirou e aí

vem mais outra decisão por pênaltis de novo, Mazaropi tornando a agarrar um pênalti (E3).

Vale destacar a correção feita por Renato em sua fala, em que o motivo da perda daquele pênalti foi a destreza, habilidade, categoria etc. do goleiro do Vasco e não o excesso de confiança do ídolo flamenguista. Por vezes, uma vitória ou uma derrota, uma jogada, uma partida se torna especial ao olhar do torcedor, porque, através desse momento vivenciado no futebol, ele faz relação com outros momentos de sua vida. Rodolfo conta uma história em que se viu representado na luta contra a ditadura dos anos 70 no Brasil, através de uma vitória do Vasco. Foi assim:

Um outro jogo que me deu grande alegria, foi o da poça d'água contra o Flamengo, em 70, gol do Valfrido. Eu fui ao jogo, me lembro bem que era uma época braba, de militar. Isso aqui na UERJ, era uma coisa muito sentida, morreu gente, teve um menino do primeiro ano, que morreu, levou um tiro. Um rapaz da odontologia, levou um tiro na axila, jogaram bomba de gás lacrimogênio no segundo andar do hospital, onde fica a pediatria. Aquilo era considerado um centro de ocultação de comunista. Eu me formei em 68 e era turma "Ernesto Che Guevara". O cara mais quietinho da minha turma, seria um revolucionário, se comparássemos com a meninada de hoje em dia. Então eu vou ao jogo e pode parecer que não tem nada a ver com isso, um jogo de futebol... e o alto falante anuncia: "encontra-se presente o nosso Presidente Médici, que tanto nos ajudou a ganhar a Copa do Mundo". Aquilo foi um negócio que me irritou!!!... E o cara para se dizer popular, dizia que era Flamengo. Então a vitória foi um troço até mais emocionante ainda, porque parecia uma vitória, não só sobre o Flamengo, mas sobre o Médici, na verdade isso é meio infantil, mas não deixa de dar aquele gosto de que pelo menos ali no jogo, aquele f.d.p. perdeu (E6).

Existem também aqueles momentos felizes que se tornam marcantes na memória do torcedor e não foram vividos através de uma partida de futebol. Renato falou da alegria de ter sido ouvido pelo então presidente do Vasco ao tentar interceder na venda de dois jogadores:

Quando anunciaram a venda do Leandro e do Pimentel no mesmo dia, eu saí do trabalho, porque eu tinha nesses dois os meus grandes ídolos, daquele time. Fui a São Januário, e aí o Calçada chegou, eu estava ali esperando, pedi a ele um minuto de atenção, me identifiquei como sócio do Vasco, ele deu, foi comigo pra social do Vasco, nós sentamos, perguntei o que é que estava acontecendo, o porquê da venda dos dois jogadores, ele me explicou. O simples fato de ele ter me dado atenção, de ter falado comigo: “Pô, rapaz, você é um cara jóia, você se interessa pelo Vasco, participa do Vasco; são de sócios assim que a gente precisa”. Quer dizer, é um momento marcante, pra mim, o presidente do Vasco, sentou comigo pra me dar atenção, conversar comigo sobre essa situação – e olha, não foram cinco minutos não, foram de 20 a 30 minutos, sentados, eu e ele, dentro das sociais do Vasco. E saí do estádio, talvez triste com a confirmação da venda do Leandro, tristeza pela possibilidade da venda do Pimentel, mas muito satisfeito de ter feito o meu papel e ter tido essa oportunidade de conversar com o presidente (E3).

Outros depuseram como sendo um momento significativo em suas trajetórias de torcedor o fato de serem reconhecidos pelo clube ou pelo meio futebolístico por seus serviços prestados. Os depoimentos de Glória e Geraldo confirmam algumas dessas histórias:

Tive a honra de ganhar, no ano do Centenário, uma placa muito bonita do Roberto Dinamite. E ganhei depois a comenda Pedro Ernesto¹¹², esse foi o maior orgulho da minha vida... Porque, quando eu tinha onze anos, eu fui operada pelo Dr. Pedro Ernesto, de uma apendicite quase supurada. E o orgulho que eu tive, na Assembléia Legislativa, é que ficaram todos de pé... Pra mim, foi a maior emoção... Que pra mim, tudo isso não é Glória, é o Vasco. Que a Glória adora o Vasco, ama o Vasco... Que a maior dor, pra mim será o dia que eu falecer... que eu vou deixar de ver meu clube... Mas pode ser que, quando eu estiver em outro lugar, no andar superior, Deus vai me dar a oportunidade de eu, de longe, estar vendo meu clube jogar e vencer sempre. Esse é meu maior... meu maior orgulho, que eu quero ter na minha vida (E4).

¹¹² Homenagem feita pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro a pessoas de destaque na cidade.

Me senti honrado de ser convidado pelo Vasco para assistir a final do Mundial Inter-Clubes em Tóquio e a tristeza se deu pelo esforço que foi feito. Eu fui com o Vasco, pelo Vasco e me senti premiado pela dedicação que eu tenho ao Vasco (E12).

O torcedor, entretanto, não vive de bons momentos somente. Existem também nessa trajetória os momentos tristes, porém não menos inesquecíveis.

Vogel¹¹³ investigou como os brasileiros pensam sua comunidade nacional através do futebol e como se relacionam, a partir daí, com o sucesso e com o fracasso quando estes irrompem subitamente em suas vidas. Segundo esse autor, no futebol *se brinca com as hierarquias e posições sociais, perdendo e ganhando, e aprendendo o gosto da vitória e da derrota (p.113)*. Com a investigação, ele afirmou que aprendeu que *a tragédia é o inverso simétrico da apoteose. As duas se equivalem como eventos instauradores (p.114)*.

De forma inversa à alegria, a tristeza no torcer é marcada pela derrota que chega no último minuto do jogo, pela perda do título de campeão, pela derrota para o arqui-rival e pela derrota com placar dilatado, entre outras.

Nas minhas observações e entrevistas durante esta pesquisa, pude constatar que os momentos tristes do torcedor vascaíno por vezes coincidem quando estão relacionados a resultados de jogos, mas divergem quando estão ligados a questões como política do clube, disputas de torcida, violência presenciada etc.

O torcedor traz peculiaridades que merecem ser comentadas no texto quando se fala em derrota. Uma delas se refere ao fato de que existe no vascaíno certo orgulho de ter sofrido determinado gol. Não foi um gol qualquer, foi o milésimo de Pelé, considerado o maior jogador da história do futebol mundial. Renato deixa clara essa peculiaridade na sua fala:

¹¹³ VOGEL, Arno. O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

O milésimo gol do Pelé em cima do Vasco, que é uma coisa que eu me orgulho, acho bacana, porque é aquele negócio: falem de mim. O mundo inteiro viu o Pelé fazendo gol, e talvez até algumas pessoas lá na Nova Guiné possam não saber que time foi o que levou, mas viram a camisa do Vasco da Gama (E3).

Vale a pena fazer uma reflexão sobre a fala de Renato, a qual será iniciada com uma pergunta: se esse milésimo gol, mundialmente conhecido, tivesse sido de um jogador flamenguista? O Zico por exemplo, haveria esse orgulho vascaíno?

Sinto, na verdade, grande ambigüidade no que diz respeito ao sentimento do torcedor. A análise feita por Renato é datada quase 30 anos após o tal gol, ou seja: “não tendo jeito de voltar, o negócio é elogiar”. Afirmo isso porque ouvi, muitas vezes, histórias de torcedores vascaínos aborrecidos com aquele episódio histórico do futebol, inclusive fazendo acusações sobre a honestidade do árbitro daquela partida na marcação da penalidade máxima que resultou no gol.

Percebi também, vivo na lembrança dos vascaínos, um gol sofrido contra o Flamengo, em 1978, na decisão do segundo turno do campeonato carioca daquele ano. Talvez tenha ficado inesquecível, justamente por ter sido um gol no final do jogo, contra o grande rival, que valeu a perda do título e pelo time ter se comportado de maneira que não agradou o torcedor, ou seja, ter jogado pelo empate. Renato evidencia isso no texto seguinte:

A grande tristeza foi um decisão, entre Vasco e Flamengo, em que o Vasco perdeu aos 43 do segundo tempo, com um gol do Rondinelli, de cabeça. E a decepção é muito grande não pelo fato de ter perdido para o Flamengo, que eu acho que as decisões que eu vi no Maracanã, o Vasco já ganhou mais do que perdeu, mas foi pela circunstância do jogo. O Vasco estava com um postura extremamente defensiva – um empate favorecia o Vasco. Então quando dá 40, você fala: “Porra, não é possível, seu eu não tomei um gol em 85 minutos, não vou tomar um nos últimos 5... e você acaba tomando (E3).

A pesquisa de campo iniciou-se no segundo semestre de 1998, ou seja, antes da final do Mundial Interclubes, dia 1º de dezembro daquele ano, disputado entre Vasco e Real Madrid, em Tóquio. Algumas entrevistas foram realizadas antes desse jogo e outras, depois. Todavia, pelo que se pôde observar, a derrota sofrida naquele jogo por 2 x 1 é a mais marcante do torcer vascaíno (Fig. 24). Afirmo isso não só com base em entrevistas realizadas após essa data, mas também pelas observações feitas antes e depois do jogo.

Indo ao Rio de Janeiro no dia 30/11 para assistir à final, considerando que deveria “contaminar-me” pelo clima da torcida nesse dia, logo que entrei na cidade senti o clima do jogo. Por onde passava, podia-se ver camisas do Vasco ou do Flamengo. Via as pessoas expressando sua torcida para o grande jogo – uns a favor e outros contra – vi bandeiras do Vasco penduradas nas janelas dos prédios. A provocação dos flamenguistas trouxe para os vascaínos uma motivação a mais.

No dia seguinte, 1º/12, lá estava a equipe do Vasco perfilada para cantar o Hino Nacional Brasileiro minutos antes da grande final. Conto que mal dormi e, logo cedo, saí pelo bairro da Tijuca, por volta das seis e quinze da manhã. O clima do jogo estava nas ruas; fogos durante toda a noite e pela manhã e inúmeras pessoas com camisa do Vasco. Crianças deixando de ir à escola e adultos atrasando sua ida ao trabalho. Vi na TV a grande mobilização da torcida vascaína. "Perdemos" o jogo!

Durante o jogo era possível ouvir a provocação da torcida do Flamengo. Era possível escutar o hino do Flamengo tocado seguidamente por um vizinho.

Saí de casa rumo à São Januário. Dirigi-me para o ponto de ônibus, e ao colocar o pé na rua, senti que a cidade ainda estava envolvida pelo jogo e, principalmente, pela rivalidade de vascaínos e flamenguistas (Fig. 25). Vi inúmeros torcedores do Vasco caminhando lentamente pelas ruas, indo para casa ou para o trabalho, buscando nos passos silenciosos a explicação e o conforto necessários para aquela derrota. Vi e ouvi as provocações dos torcedores dos outros clubes, em especial os do Flamengo, e tive a sensação de que essa rivalidade só tendia a crescer. Isso não só pelas “respostas” que uma torcida fica devendo à outra, como também pelo motivo de que, nos últimos anos, a força do futebol carioca tem ficado polarizada nos dois clubes em questão.



Figura 24 – O choro pela derrota.

FESTA E RESSACA

A rivalidade entre Vasco e Flamengo entra em campo até mesmo quando a disputa não envolve diretamente os dois clubes. Ontem, quando a equipe da Colina decidiu o Mundial Interclubes, contra o Real Madrid, não eram apenas os cruzmaltinos que estavam de olho grudado na TV. Rubro-negros de todo o

O Vasco perdeu o título mundial para o Real Madrid de Sávio e Roberto Carlos. Sua imensa torcida está triste

mundo se uniram para festejar a vitória do ex-lócio Sávio, um dos protagonistas do jogo de ontem — talvez justamente por essa rivalidade. Não deu para o Vasco superar o Real, time de foras de todo o planeta, mas sua torcida pode se orgulhar mesmo assim no ano do centenário, ao contrário do arqui-rival, ganhou tudo. Ou quase tudo. O "quase" foi

Os rubro-negros, porém, viram na derrota vascaína motivo suficiente para comemorar como se tivessem ganho o título

motivo suficiente para a festa flamenguista nas ruas do Rio a cada gol do Real e após a vitória do time espanhol. O Flamengo ainda é o único carioca a levantar a Copa Toyota. Mas o Vasco, já classificado para a Libertadores, faz planos para se igualar ao clube da Gávea no ano que vem.

PÁGINAS 4 e 15



Figura 25 – Rivalidade entre vascaínos e flamenguistas.

Tomei o ônibus e cheguei a São Cristóvão, bairro onde está¹¹⁴ a sede principal do Vasco da Gama. Para chegar ao clube, precisei andar uns dois quilômetros pelas ruas do bairro. Ao entrar na Rua São Januário, passei por um dos botequins e, logo, percebi que o papo em meio aos pratos-feito e refeições era o jogo há pouco terminado. Entrei para beber um refrigerante e fiquei observando um senhor de aproximadamente 45 anos, vestido com uma camisa do Vasco e cheio de pulseiras e anéis de prata. Ele dizia em alto e bom som para quem quisesse ouvir que o Vasco da Gama tinha perdido aquele jogo de cabeça erguida. Tinha jogado melhor e merecido a vitória, perdeu para uma seleção de craques e que o futebol tinha dessas coisas. Muitos ouviam, inclusive eu, e alguns apoiavam seu discurso. O discursante começou a disparar ironias e chacotas contra a torcida do Flamengo. Dizia não entender o que eles comemoravam, pois teriam que esperar dois anos para terem a chance de tentar o título que "tínhamos" acabado de perder. Apresentou-se compositor e cantarolou o hino do clube da Gávea, usando uma versão achincalhada. O dono do botequim apoiou o compositor, o empregado debochou e, então, o compositor identificou este último como um flamenguista e rapidamente, compôs uma versão de outra música ofendendo o balconista. Entrei na conversa com o compositor, falamos sobre o jogo e me despedi.

Caminhei alguns metros e vi duas senhoras, de aproximadamente 55 anos, conversando na rua sobre o jogo. Uma delas lamentava o gol perdido pelo lateral esquerdo do Vasco. O tom no bairro era de tristeza...

Mais à frente, em outro bar mais requintado, havia três homens, um deles era adolescente e vestia a camisa do Vasco; sentados em volta de uma mesa com ar de lamúria, em busca de uma explicação, de um conforto, enfim... quem sabe da possibilidade de reversibilidade daquela história.

¹¹⁴ A região onde se localiza o Clube de Regatas Vasco da Gama passou a se chamar Bairro Vasco da Gama. Esse projeto foi de autoria do vereador Áureo Ameno, ex- radialista, conhecido por ser um fanático torcedor do time de São Januário. Sabidamente, sua eleição se deu por conta dos votos dos torcedores vascaínos. Cabe esclarecer que o tradicional bairro de São Cristóvão continua existindo.

Chegando mais perto do clube, o número de pessoas com a camisa do Vasco aumentava, e alguns motoristas ao passar por essas pessoas, provocavam-nas, gritando ou buzinando. Cheguei ao clube, e o ar era o mesmo da cidade: rostos sisudos, nenhuma brincadeira, parecendo que aquele estilo brincalhão, gozador e barulhento que eu reconhecera nos torcedores antes do jogo tinha desaparecido. Tempo talvez necessário à reflexão. Necessidade de buscar explicações para a derrota e achar nela “motivos” para ser mais vascaíno. Nesse dia, essa me pareceu tarefa de todos os torcedores – escrevia eu sentado nas sociais do clube.

Saí do clube caminhando em direção à Rua São Januário, refazendo o caminho da vinda. Parei próximo a um telefone público para ligar a um amigo, quando me dei conta de estar ouvindo o hino do Vasco da Gama. Identifiquei que vinha de um bar onde havia um pôster e uma bandeira vascaína bem à vista. Quando olhei para dentro, vi dois homens numa mesa e um casal conversando bem baixo no balcão; todos bebendo. O casal trocava poucas palavras, mas os dois homens não se moviam, era um quadro de velório. Cheguei ao balcão e pedi uma cerveja. A moça do balcão perguntou-me se eu era vascaíno, ao dizer que sim, ela exclamou: que vergonha! Perguntei-lhe então: – quem é o vascaíno aqui? Disse-me: meu marido, apontando para um dos homens da mesa. Sentei-me e fiquei observando que os homens continuavam imóveis e só se levantavam para fazer com que o aparelho de som repetisse o hino do Vasco. A impressão que tive naquele instante foi de que existia uma nação a ser entrevistada.

Passados 10 dias, retornei ao Rio de Janeiro, queria “sentir” aquela derrota. Que impacto tivera nos torcedores? Tinha certo sentimento de que aquela derrota poderia abalar toda a estrutura do Vasco e, conseqüentemente, a paixão de sua torcida. Fiquei sabendo, por outros vascaínos, que a tão comentada derrota tinha lhes causado incômodos de ordens diversas, como não querer sair de casa naquele dia, ou um sentimento de depressão. Porém, logo pude notar que ainda se falava muito no Vasco, que as camisas cruz-maltinas se mantinham desfilando pelas ruas da cidade. Inscrevi-me numa corrida comemorativa dos 100 anos do Vasco da Gama e pensei

que não haveria muitos torcedores presentes. Para meu espanto, participaram aproximadamente duas mil pessoas; observando, podia-se sentir que muitos estavam ali para homenagear o clube. No momento da largada houve forte emoção quando aquele povaréu entoou o canto de "Vaaascô!!!"

Na chegada, o hino do Vasco era tocado em alto e bom som, e muitas pessoas cantavam-no. A emoção e a paixão imitavam Fênix. Já havia dado tempo para que o torcedor se refizesse das cinzas da derrota.

Cabe a observação de que o torcedor, quando fala de vitórias e derrotas passadas, ele fala, na verdade, da reflexão sobre esses momentos, o que acaba sendo diluído no tempo/espço. Ao contrário dessa derrota (vivida e sentida no momento presente), em que se fala do sentimento vivo e não da reflexão sobre ele.

Além da observação realizada, os relatos de Geraldo, Pedro e Aparecida dão a idéia desse momento difícil no torcer vascaíno:

Momento triste, o gol contra do Nasa em Tóquio, levando em conta que foi um desejo de Deus, porque o Vasco jogou muito bem, o Vasco se preparou em todos os aspectos, não houve falha nenhuma da direção, inclusive o Dr. Eurico Miranda, muito generoso, nos convidou. Tenho certeza que a despesa conosco foi muito alta, em torno de cinco mil dólares para cada torcedor (E12).

Momento ruim, o Mundial... Muito até pelo Flamengo, por aquela guerrinha... Infelizmente Deus não quis. Foi a maior zoação na rua... Os flamenguistas... (E9).

A gente queria muito esse título... Por causa do Flamengo. A única tristeza que o vascaíno carrega, é não ter esse título de campeão mundial, por causa do Flamengo. Eles têm esse título (E5).

Quando há grande dificuldade em aceitar um fato ocorrido, responsabiliza-se Deus pelo acontecimento. Assim, fica mais fácil aceitar o irreversível. Foi isso que fez Pedro, em seu depoimento.

Essa derrota foi tão difícil de ser assimilada, que o clube lutou nos bastidores da Confederação Sul-Americana de Futebol para ser junto com Corinthians um dos clubes representantes do Brasil no 1º campeonato mundial de clubes, organizado pela FIFA, entidade maior do futebol mundial, que se realizou no Rio de Janeiro em janeiro de 2000.

Era a chance de ganhar o tal título mundial de clubes, que até então no Rio de Janeiro só o maior rival do Vasco possuía. E mais, era a chance de se diferenciar, dizendo que esse seria um verdadeiro campeonato, com clubes do mundo inteiro, em vários jogos, ao contrário do que acontece no jogo disputado no final do ano em Tóquio, entre o campeão europeu de futebol e o campeão sul-americano. O discurso já estava pronto.

Discurso esse que evidencia a capacidade do torcedor em re-significar o conteúdo de sua fala de acordo com seus interesses. Se o Vasco tivesse ganho o jogo contra o Real Madrid na disputa de 1998, citada neste texto, o discurso vascaíno, com certeza, seria outro na comparação dos dois campeonatos.

Mais uma vez o Vasco chega à final da disputa do tão sonhado título, e perde para o Corinthians numa disputa de pênaltis. Mais uma vez a torcida do Flamengo comemorou. Forte amargor novamente, mas pareceu que, pela bela campanha que fez no torneio, pela perda ter se dado numa disputa de penalidades e pela experiência da perda anterior, o estrago foi menor no torcer vascaíno.

Como se pode ver, até esse momento, depois do Vasco, o nome de clube mais citado no texto foi o do Flamengo. Realmente essa rivalidade, esse eterno lembrar merece destaque.

O Flamengo, na vida do Vasco, é no pensamento de muitos vascaínos “um mal necessário”. Superá-lo a todo instante, em qualquer esporte, seja onde for, é algo que mobiliza os vascaínos. Dá sentido ao torcer vascaíno...

No depoimento de Glória, pode-se ver como isso se concretiza:

Porque o negócio é fazer frente ao Flamengo, a história toda é o Flamengo. Quando eu era garota, em 44, o jogo Vasco e Flamengo foi na Gávea. O Vasco, invicto com o “Expresso da Vitória”. Naquela ocasião, um jogador do Flamengo apoiou em cima do Argemiro. Era o Valido! E aí, naquilo fez o gol, o juiz não viu. Eu estava na cadeira, com a bandeira do Vasco na mão... Naquele tempo eu era torcedora do Vasco e sócia do Vasco. Aí o que aconteceu? O pau comeu, eu garota, já viu... e pá e tá e pá, de cá... Minhas primas estavam todas brigando, aquela cadeirada toda vascaína brigando... Aí fiz um juramento: “tudo que vocês fizeram de lá vão pagar daqui” (E4).

A rivalidade traz certezas que apontam Vasco e Flamengo como uma maneira diversa de ver o homem, o mundo e a sociedade. Na fala a seguir, os depoentes Henrique e Augusto trazem essa idéia:

Estou convencido de que o Vasco e o Flamengo transcendem a condição de meros clubes; são duas filosofias. O Vasco representa a filosofia da igualdade e do respeito ao ser humano. O Flamengo representa a filosofia oposta (E11).

O Flamengo é considerado o clube mais popular, o do povão, mas a sua história não tem nada de povão. Até o lugar onde fica, é um lugar da elite. E no tempo que foi lá para Gávea, era mais da elite ainda. As posições mais atuais do Flamengo, como clube, não refletem uma posição ligada às classes populares; ao contrário, o Flamengo é quem puxa, e eu estou dizendo assim, meio que sem estar documentado, desde Márcio Braga, eu acho, essa elitização do futebol (E2).

Essa rivalidade também traz certezas no que se refere à estética, de maneira que, o que faz sentido, ou é belo, são as cores do Vasco, o que não é Vasco, e nada é mais “não-Vasco” do que o Flamengo, passa a ser feio, sem sentido. Em seu depoimento, Renato expressou essa visão:

O adversário maior do Vasco é que eu acho a coisa mais feia que possa existir como uniforme. Não vejo a menor graça naquele clube da Gávea, nas cores dele e tudo mais, que dizer... Aí você pode falar: “Não, isso é porque você é Vascaíno!” Não é porque sou vascaíno, é questão de arte mesmo: eu imagino o uniforme do Vasco, realmente o mais bonito (E3).

O torcedor vascaíno traz outras certezas quando faz comparações entre Vasco e Flamengo, negando-se a admitir que o seu maior rival é um grande clube e que já possuiu grandes times. O torcer vascaíno de Marcelo justifica seu ponto de vista:

As vezes um jogador dá certo num clube e não dá em outro. Por isso eu acho que o Edmundo não deu certo no Flamengo. Falta às vezes, aquela sintonia com a torcida. Você pode ver que todo craque do Flamengo, todo jogador de exceção, pra ser um craque perfeito, teve que vestir a camisa do Vasco, não teve um que escapou. Vem desde Leônidas, Domingos da Guia, Zizinho, Romário e o Zico, que vestiu na despedida do Roberto. A média do Vasco é maior que a dos outros...A regra do Flamengo não é Zico, Adílio¹¹⁵ ... É Buião, Merica, Fabão¹¹⁶(E1).

A certeza não fica só restrita ao time de futebol. A certeza da diferença e da superioridade em relação ao rival se dá também quando Geraldo se refere à torcida:

A diferença entre o vascaíno e o rubro-negro é que nós temos uma quantidade menor, mas a qualidade é muito melhor. Geralmente um torcedor rubro-negro ele só sabe caçoar, mas ele não se preocupa em melhorar o clube dele, melhorar a torcida dele (E12).

Há de se destacar que os torcedores fazem esse tipo de afirmação baseados, exclusivamente, em sua paixão e sem qualquer tipo de fundamento. Todavia, de tão

¹¹⁵ Jogadores reconhecidos como craques do futebol brasileiro.

¹¹⁶ Jogadores tidos como limitados tecnicamente.

forte que são suas convicções, eles divulgam pelos “quatro cantos” a certeza da superioridade vascaína.

Durante a época da final de Tóquio, mais especificamente em janeiro de 1999, havia pregado num poste da ilha de Paquetá uma mensagem de um vascaíno a um flamenguista, em que o primeiro respondia a uma suposta gozação do segundo, usando como resposta uma carta enviada às redações dos jornais cariocas ao presidente do Flamengo na época. Curioso como isso toma dimensões públicas e, talvez, só a publicidade possa avivar tamanha raiva.

O torcedor vascaíno é realmente preocupado com o que acontece com o Flamengo. É muito comum ver no estádio, num jogo entre Vasco e algum outro time, uma comemoração no meio da partida sem que tenha acontecido algum lance mais emocionante no jogo. De antemão, conclui-se que o rival acabara de sofrer um gol em sua partida, em outro estádio qualquer. Mas existe o vascaíno que diz não “importar-se” com o Flamengo. Porém, ao falar do seu vascaínismo, lembra, em vários momentos, o Flamengo. Este é a negação, é o seu não-time, seu antiVasco. Observe-se o depoimento:

O meu vascaínismo, não é aquele que eu vejo e não gosto, ou seja: sou vascaíno porque sou contra o Flamengo. Absolutamente, nunca tive esse tipo de formação. Aliás o Flamengo na época era um adversário, que a gente não gostava, mas eu achava o Vasco tão grande, que os outros eram simplesmente os outros. Me educaram também numa idéia de que o Vasco era um time muito grande, poderoso, tinha um estádio, tinha um timaço. A história do clube não é essa de ter sido criado para combater o Flamengo. Lógico que existe uma rivalidade e ninguém vai negar, mas você achar que é Vasco porque é contra o Flamengo, é você ter um vazão, é você não ter a sua identidade (E6).

A identidade se dá pela presença, mas também pela ausência. Quando Rodolfo explicita a necessidade da ausência do Flamengo em seu torcer, ele cria a presença. É como não ser possível ser Vasco sem ser antiFlamengo.

Assaf & Martins¹¹⁷ defenderam a idéia de que a rivalidade entre Vasco e Flamengo não é fato recente e, muito menos, fruto exclusivo das disputas futebolísticas. Segundo esses autores, os dois clubes se tornaram tradicionais adversários, ainda no final do século XIX, ao serem fundados (Flamengo em 1895 e o Vasco em 1898) como clubes de regatas. Cabe lembrar que o remo atraía multidões para sua assistência, no Rio de Janeiro daquela época. Além disso, Flamengo e Vasco logo despontaram como fortes concorrentes.

Assaf & Martins¹¹⁸ trouxeram alguns dados que dão certa dimensão de como a rivalidade entre os dois clubes começava a se consolidar no início do século XX: Em 12 de agosto de 1900, os vascaínos ganharam o páreo denominado “Club de Regatas do Flamengo”, impedindo os rubro-negros de conquistarem a primeira prova que os homenageava. Para compensar, algumas vitórias do Flamengo fizeram com que o Vasco ficasse até 1905 sem alcançar o título carioca de remo. Entre 1905 e 1922, Vasco e Flamengo dividiram as glórias desse esporte no Rio de Janeiro, conquistando um total de 10 campeonatos da cidade.

A rivalidade entre Vasco e Flamengo traz, por parte dos vascaínos, uma queixa grande quanto à postura da imprensa. É comum ouvir nas conversas entre esses torcedores, o quanto a imprensa escrita, falada e televisionada protege o time da Gávea. Essa conclusão pode ser confirmada nas falas dos entrevistados Marcelo, Renato e Henrique:

A torcida estava mais ou menos meio a meio, como normalmente acontece, e a imprensa diz que a maioria é do Flamengo (E1).

Vasco fazia um jogo com o Peñarol em São Januário. Mas eu comecei a perceber que estava se aproximando o dia do jogo, três, quatro dias antes do jogo começar, o futebol do Rio de Janeiro parado, paralisado, não havia nenhuma notícia; a maior notícia de

¹¹⁷ ASSAF, Roberto & MARTINS, Clóvis. *Flamengo e Vasco: o clássico dos milhões*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

¹¹⁸ ASSAF, Roberto & MARTINS, Clóvis. *Op.cit.*

manchete de jornal era o Guga no tênis. E nada de Vasco... Cheguei no trabalho, dois dias, 48 horas antes do jogo, depois de ter comprado todos os jornais na banca, e nenhum deles falava sobre esse jogo... Eu sabendo que o Vasco promovia uma festa mas... “Que festa é essa sem marketing? Que festa é essa sem propaganda?...” Liguei pra Telerj, pedi o telefone – eu tenho na minha agenda ele ainda até hoje – de todas as redações de jornais de esporte, liguei pra todos e... concluí o que na realidade eu já sabia, cara: como é difícil você ultrapassar a imprensa... Como é difícil você brigar com ela... E talvez essa seja a má fase do nosso grande dirigente Eurico Miranda. Eu ouvi do Jornal do Brasil, do Jornal O Dia, pessoas que não quiseram se identificar, mas dizendo vascaínas, me dizendo o seguinte: “Meu amigo, a orientação que nós temos dentro da nossa coluna de esporte aqui é de não falar do Vasco. É de falar o mínimo do Vasco (E3).

A partir do Eurico o Vasco voltou a ser respeitado, temido, e, em consequência, ainda mais odiado. Os outros clubes estão pagando pelo que fizeram: foram eles, com a inestimável ajuda dos desonestos meios-de-comunicação, que geraram o Eurico (E11).

Pôde-se acompanhar várias vezes neste trabalho o sentimento de perseguição que está no imaginário dos vascaínos. Parece que essa idéia de o Vasco perseguido e de outros clubes, em especial o Flamengo, serem beneficiados pela imprensa, pelas federações, pelas arbitragens vem desde o episódio da conquista pelo Vasco do campeonato carioca de 1923, fato esse já comentado aqui. Contudo, o fato de o Vasco ser um clube de origem portuguesa também acabou contribuindo para esse sentimento de se sentir perseguido, visto que não foi harmônica a aceitação da colônia lusa no Rio de Janeiro, principalmente no momento de surgimento dos clubes, ou seja, final do século XIX e início do século XX.

Vale lembrar que, como todo grupo que tem uma história (os sujeitos dessa pesquisa não foram os primeiros, tampouco serão os últimos vascaínos), existem traços que permanecem, se repetem, atravessam culturas, são transistóricos. É possível perceber, na escuta atenta das falas, comportamentos que se repetem de gerações em gerações de vascaínos; é possível, então, entender o que liga esses

vascaínos a outros, indefinidamente, de geração em geração. Talvez o maior exemplo disso seja a autodefinição que faz a maioria dos torcedores ouvidos: eles se definem pelo que não são, tão forte é o seu desejo de nunca ser confundido com um flamenguista. Mas existem, também, outros traços que são muito particulares, traços que são “estilos”, “jeitos de torcer” que o identificam (como vascaíno), mas que o diferenciam de outro.

Mais uma vez, Bourdieu¹¹⁹ e sua idéia de “peso funcional”¹²⁰ ajudaram pensar nesses diferentes modos de torcer. São torcedores organizados ou simplesmente torcedores, mas dentro desses há uma infinidade de formas de expressar seus vínculos com o clube que acreditam serem o seu comportamento, suas atitudes, seu jeito de torcer, sua forma de fazer as simpatias, a forma mais correta, a que mais ajuda seu time – e que, portanto, mais peso funcional tem na estrutura vascaína. Essa discussão passa também pela aquisição dos símbolos de distinção, particularmente do uniforme do clube e dos diferentes tipos de camisas que servem para identificar os vascaínos. Torcer de camisa oficial, ou sem a camisa do clube, torcer com a camisa da torcida organizada, ou autografada pelo ídolo – esses diferentes símbolos têm pesos funcionais diferenciados para o torcedor.

Foi, assim, possível perceber a idéia de hierarquia presente entre os torcedores. Uns acham que são mais importantes do que outros e, portanto, possuidores de determinadas regalias. Existe tensão nesse torcer, em que cada um procura um sentido, uma justificativa para seu ponto de vista.

O torcedor organizado acredita ser mais importante do que o torcedor que não participa de torcidas organizadas. É comum ver no clube o torcedor da torcida

¹¹⁹ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

¹²⁰ Segundo o autor: *Seria preciso mostrar igualmente como as características das diferentes classes sociais dependem não apenas de sua posição diferencial na estrutura social, mas também de seu peso funcional nessa estrutura, peso proporcional à contribuição dessas classes para a constituição dessa estrutura, e que não se resume apenas à sua importância numérica* (p.12). Embora não esteja falando de classes sociais (mas sim de um grupo unido por outros laços), possa-se pensar nos diferentes grupos de vascaínos, cada qual com seu jeito próprio de torcer, e que acreditam ser esse “jeito” eleito pelo grupo ou pelo indivíduo o que mais tem peso nessa estrutura.

organizada, principalmente os chefes, ter trânsito mais facilitado nas dependências do Vasco do que os outros torcedores. Eles conhecem os funcionários e procuram mostrar-se íntimos dos jogadores. Em uma das falas, o torcedor organizado Geraldo relatou esse sentimento de privilégio no torcer vascaíno:

Se você for com a camisa oficial, você é um torcedor comum, se você for com a camisa da nossa torcida, você é torcida. As torcidas são consultadas sobre as decisões dentro do Vasco (E12).

Não é à-toa que me referi ao uniforme (aquilo que veste, cobre o corpo, vira uma segunda pele, mas que também vira moda, griffe etc...) como importante símbolo de distinção. Segundo Bourdieu¹²¹:

Dentre todos os tipos de consumo e de conduta passíveis de abrigar uma função expressiva, quer se trate da compra de um automóvel, da decoração de um apartamento ou da escolha de uma escola para os filhos, são as roupas e os enfeites (em virtude de seu elevado rendimento simbólico) que, ao lado da linguagem e da cultura, melhor realizam a função de sociação e de dissociação (p.18).

Ainda sobre a questão do uniforme e, conseqüentemente, da “moda” desencadeada pelo seu uso, vale à pena continuar com a reflexão dada por Bourdieu¹²²:

(...) a moda, porque permite marcar simbolicamente "a distinção" pela possibilidade de adotar sucessivamente diferentes símbolos distintivos, obedece a uma lógica semelhante à da honra (pelo menos a que se observa nas sociedades estratificadas), na medida em que também confere na marca comum aos membros de um grupo particular, distinguindo-os dos estranhos ao grupo (p. 18).

¹²¹ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio de Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

¹²² Bourdieu fez essa reflexão, valendo-se de Simmel.

Se se olhar para o aspecto econômico, a camisa oficial é símbolo de maior "status", mais ainda se tiver sido usada pelo ídolo ou autografada pelo time. Mas é claro que esses símbolos têm "significados" diferenciados para os torcedores. Quando um dos sujeitos entrevistados diferenciou o torcedor (aquele que vai com a camisa do time) daquele que é torcida (o que vai com a camisa da torcida), pôde-se perceber que, para ele, as camisas/símbolos significam coisas diferentes. Não à-toa, diz-se que o torcedor organizado, vestido com o uniforme de sua torcida, é mais preocupado com ela mesma do que com seu time. Assim dizem os torcedores "comuns", que vêem essa atitude com certo desprezo e, portanto, com seu jeito de vestir-se mais adequado e mais comprometido com o time. De outra forma, o torcedor organizado se considera, justamente por sua organização, mais vascaíno. Porém, o torcedor¹²³ acusa o torcedor organizado de levar vantagens pessoais com a sua atividade, além de condenar algumas atitudes desse grupo, a exemplo do depoimento do torcedor não-organizado Marcelo:

O esporte, principalmente um clube de futebol, seja ele qual for, te dá uma noção de civilidade, de você se tornar algo de alguma coisa. As vezes esse sentimento de afinidade de reconhecimento, é desvirtuado pelas torcidas organizadas, que deixaram de ser o que eram antigamente... e passou a ser um negócio comercial e às vezes de manipulação política-ideológica. Uma das coisas que me deixou triste foi ver uma bandeira do Vasco com uma suástica (E1).

Em muitas das vezes, as torcidas organizadas se mostram intolerantes com o "diferente". Essa intolerância, típica dos grupos nazifascistas, dá-se ora com torcidas de outro clube, ora com outras torcidas de seu próprio time, ora com dirigentes e jogadores.

Para se ter uma idéia de como esse grupo, torcedores organizados, é visto pelo Estado, em muitas cidades brasileiras e do mundo, em dias de jogos de equipes

¹²³ Denominação utilizada para aquele que demonstra sua torcida, manifestando-se no estádio sem ser torcedor organizado.

com grandes torcidas, o poder público segrega o espaço desses torcedores, tentando, assim, evitar o encontro e confronto entre rivais.

Para Toledo¹²⁴, essa segregação dos torcedores pela cidade tem alimentado ainda mais as contendas. Segundo esse autor, a intolerância demonstrada pelos torcedores organizados constitui fenômenos mais abrangentes e não características exclusivas do futebol. Ainda de acordo com Toledo¹²⁵, o futebol e os torcedores organizados *colocam em evidência inúmeros níveis da experiência urbana cotidiana das cidades brasileiras: segregação espacial, desigualdades no acesso aos equipamentos urbanos, cisão entre o público e o privado e a violência física utilizada como um código radical de acesso a determinadas experiências vividas nas grandes cidades (p.154).*

Pude perceber que a figura do “torcedor profissional”, ou seja, aquele que tem sua vida sustentada financeiramente pela atividade de torcedor organizado, é a mais rechaçada e suspeitada pelo torcedor vascaíno “não-organizado”. Essas suspeitas tomam crédito na medida em que Aparecida, uma torcedora organizada, chateada por não ter sido beneficiada com uma viagem, como aconteceu com alguns companheiros, resolveu falar sobre “as vantagens” desse torcer:

Muitos torcedores organizados fazem disso uma fonte de renda. Eles gostam do Vasco, mas quando o Vasco ganha ele vende mais coisas e fatura mais. Ele é vascaíno, mas uma derrota do Vasco, é um prejuízo grande. São duas coisas distintas... Comércio e torcer. Têm algumas pessoas que sobrevivem de torcida. Nós não pagamos para entrar, ou então conseguimos mais barato. E os donos da torcida ganham e vendem os ingressos. É uma fonte de renda. As torcidas organizadas vão para o campo cantar hinos não de louvor a equipe, mas de louvor a ela (E5).

¹²⁴ TOLEDO, Luís, H. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGANANI, J.G. C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs). São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

¹²⁵ TOLEDO, Luís H. *Op.cit.*

Vale destacar algumas questões da fala anterior: se Aparecida não tivesse sido excluída da tão sonhada viagem, ela denunciaria o interesse pecuniário dos torcedores organizados?

A outra questão é: será que Aparecida está incluindo sua torcida (que possui características diferenciadas das grandes torcidas, na medida em que é menor e composta por pessoas mais velhas) nas críticas anteriores?

O que percebi foi a dificuldade em generalizar torcidas e torcedores organizados e que precisamos levar em conta inúmeros outros determinantes antes de fazer julgamentos apressados.

Como mais um representante da torcida do Vasco e elemento presente nessa tensão do torcer vascaíno, tem-se o sócio do clube, que se considera com direito a privilégios por pagar a mensalidade, e dentro desse grupo existem aqueles que se consideram com mais direitos ainda, por serem sócios antigos, beneméritos e amigos da direção do clube. Alguns fatos foram observados e alguns depoimentos levaram a essa conclusão.

Um desses fatos, e talvez um dos mais elucidativos, ocorreu durante a compra de ingresso para o jogo final do Campeonato Mundial de Clubes, que aconteceu no Rio de Janeiro em janeiro de 2000. Existiam duas opções para compra de ingresso: uma do lado de fora do estádio, com muito calor, empurra-empurra, polícia etc.; e outra dentro do estádio para os associados. A segunda opção era menos desconfortável do que a primeira, não chegando, porém, a ser confortável. A média de permanência na fila era de seis horas para se conseguir o ingresso.

O recebimento desse ingresso era na Tesouraria do clube, e alguns tentavam não enfrentar a fila para comprar o ingresso. Em determinado momento, um senhor, de aproximadamente 50 anos, passa direto pela fila e, como aconteceu com os outros que também tentaram tal feito, foi-lhe chamado a atenção com gritos, xingamentos e apelidos pelo pessoal que estava na fila. Não se incomodou, argumentando com o funcionário que tomava conta da fila de que era sócio benemérito. O clima esquentou, um rapaz mais novo o ofendeu e, quando parecia que íamos ter uma

briga, saiu lá de trás da fila um senhor e lhe disse: – vi jogar Jaguaré, Brilhante, Itália, tenho 78 anos e sou sócio benemérito como o senhor. Sou mais vascaíno que o senhor e não estou furando fila. O senhor idoso foi ovacionado pela fila, e o outro saiu envergonhado por ser “menos vascaíno”.

O sofrimento e as situações sacrificantes por que passaram os sujeitos entrevistados servem também para glorificar o torcedor. O sofrimento, sentido pelo corpo e marcado na memória, filia ainda mais o torcedor ao seu clube. Para Bourdieu, em reflexão sobre ritos em diferentes culturas:

Todos os grupos confiam ao corpo tratado como uma memória seus depósitos mais preciosos. E a utilização do sofrimento infligido ao corpo de que se valem os ritos de iniciação em qualquer sociedade torna-se compreensível quando se sabe (como bem o demonstram inúmeras experiências psicológicas) que as pessoas aderem de maneira tanto mais decidida a uma instituição quanto mais severos e dolorosos tiverem sido os ritos iniciáticos a que se submeteram (p.103).

É interessante ressaltar sobre esse aspecto o que dizem os torcedores a respeito daqueles que não atravessam dificuldades no seu torcer. Esses são normalmente chamados de “torcedores de radinho”: aquele que fica em casa, vê o jogo pela TV ou pelo rádio em vez de se solidarizar no sofrimento, arriscando-se num estádio lotado, à mercê de um temporal que ameaça cair, de brigas iminentes com outras torcidas etc... Existem ainda aqueles que, segundo os próprios torcedores, “só vão na boa”, quando o time se encontra em fase de vitórias, torcedores esses que não são capazes de enfrentar jogos que possivelmente teriam maiores revezes. Estes últimos são ainda mais criticados.

Pelo que pude perceber, boa parte das torcidas organizadas recebe apoio da direção do clube com ingressos para os jogos, local para guardar material, transporte para os estádios e até favores pessoais, como emprego, pagamento de médico, remédio etc. para uns poucos eleitos. Em contrapartida, essa torcida apoia o clube nos jogos, das variadas modalidades. Também, dá apoio na política interna do clube

e no cenário político-partidário que se desenrola na cidade e no Estado do Rio de Janeiro e no país.

Com o discurso de serem representantes do Vasco da Gama nas diversas instâncias políticas, o ex-radialista Áureo Ameno foi eleito vereador, o ídolo vascaíno Roberto Dinamite foi eleito deputado estadual e o vice-presidente de futebol Eurico Miranda foi eleito deputado federal, todos com duas gestões consecutivas. Existe uma corrente no clube de que o Vasco precisa de um representante no Senado Federal. Nesse sentido, o Vasco não é só um clube – é um Estado que precisa estar representado.

A idéia de que o Vasco sempre foi perseguido, de que precisa ser forte politicamente na luta de seus direitos foi o grande mote dos candidatos. O deputado Eurico Miranda assume-se como um representante do Vasco em Brasília e foi eleito com 105 mil votos (Fig. 26).

Em entrevista publicada¹²⁶, o referido deputado federal, ao ser indagado se conseguia conviver com a crítica, respondeu que não existe base para ser criticado, visto que não pertence a partido ideológico, não é subvencionado por empreiteira, nem por banco e que foi eleito com 107 mil votos com a promessa de defender os interesses do Vasco. Segundo Eurico, só os que o elegeram teriam autoridade moral para criticá-lo, todavia ele afirmou que cumpria o que prometera em campanha.

Encontrei em alguns torcedores uma lógica política, que passa pelo entendimento de que o Vasco está acima dos interesses do cidadão comum, da cidade, do estado, do país. O Vasco é uma nação.

Uma das entrevistadas relatou que seu voto nas últimas eleições foi dado aos vascaínos. Só que essa lógica faz com que seus candidatos sejam desde o PT, com Lula para presidente da República, passasse pelo PPB com Áureo Ameno para vereador e Eurico Miranda para deputado federal, pelo PSDB com Roberto Dinamite para deputado estadual e chegasse à coligação PDT-PT para governador, pois a candidata a vice-governadora e seu marido são vascaínos.

¹²⁶ Jornal O DIA, em 12/11/2000.



Figura 26 – "Outdoor" em frente ao Estádio de São Januário de Eurico Miranda agradecendo os votos vascaínos.

Em épocas de eleição, São Januário vira um diretório partidário. É comum, em dias de jogos, a entrega de adesivos e panfletos de propaganda política aos torcedores, a colocação de faixas com o nome e número dos candidatos na grade que separa a arquibancada do campo de jogo, entre outras.

O Vasco tem a tradição de ser um clube com administração centralizada. O presidente¹²⁷, Sr. Antônio Soares Calçada, é português e está no cargo desde 1983. Foi eleito naquela época após uma disputa com Eurico Miranda. Após o pleito, resolveram se unir e estão no poder do clube a quase duas décadas. Os dois têm estilos bem diferenciados. O presidente é tido como homem de negócios bem-

¹²⁷ Em novembro de 2000, o vice-presidente de futebol e deputado federal Eurico Miranda elegeu-se presidente do Vasco.

sucedido, equilibrado, educado e conta com grande apoio da colônia lusitana. Já o vice-presidente é conhecido por suas declarações fortes, atitudes intempestivas e pelo espaço político que ocupa nos bastidores do futebol.

Esse grupo político, há tantos anos no poder, tem oposição. Existe um grupo que vem se reunindo, desde a eleição do clube de 1998, e vem apresentando denúncias de centralização excessiva, de falta de transparência das contas do clube, de uso pessoal da estrutura administrativa do clube, mas os bons resultados esportivos do Vasco têm abafado esse grupo de oposição.

Alguns torcedores, que se mostraram ao longo da entrevista e do nosso tempo de convivência como pessoas esclarecidas politicamente e com boa bagagem educacional, fazem separação entre a política socialpartidária e a política do Vasco, do futebol e do esporte. A seguir, algumas dessas declarações:

Contrariando o que eu penso, pois eu sou meio anarquista e de esquerda, a política conservadora da parte diretiva do Vasco, vem dando certo (E1).

O grupo que dirige o Vasco, tem uma questão cultural bem forte, pela sua origem. Então, eles preservam isso. Então, apesar do cara ser um rico, dono de supermercado, sei lá o que, ele ainda tem muito da cultura do “portuguesão”, o dono do armazém, o dono do botequim. É aí que eu acho que o Vasco consegue manter-se próximo, de uma população mais pobre, enquanto os outros tendem a cada vez mais se distanciar, porque até em nível de condução, são pessoas da burguesia, da elite burguesa, que cada vez mais se afundam no individualismo, na exclusão. De uma forma geral, são pessoas com insucessos profissionais, que dirigem esses clubes, e usam o clube não só para se promover com também para buscar recursos. Contrário aos dirigentes do Vasco, que de uma forma geral são pessoas muito bem sucedidas, no comércio e na indústria. Ele rala no botequim dele e pronto; ele não está preocupado com o que o botequim do lado vende, enquanto que os outros têm uma lógica de destruição (E2).

Os entrevistados relataram que o Vasco é isso. Um clube com uma tradição de ser conservador, de ter uma política administrativa centralizadora e que vem trazendo bons resultados. Pelo que parece, no futebol não há nenhum grupo que represente uma vanguarda em termos de democratização desse esporte. Há sim, basicamente, um grupo conservador e um grupo liberal, em que o primeiro defende o voto unitário nas federações, é contra o fim do passe do jogador, mostra-se truculento nas negociações e tem como forma de administração a centralização. O outro tem como discurso a descentralização administrativa e o lucro no esporte. Lucro esse que, levado às últimas conseqüências, pode afastar o torcedor dos campos e acabar com os clubes pequenos.

Figurando como representante desse grupo conservador, o deputado federal Eurico Miranda, na mesma entrevista publicada anteriormente, mostrou-se preocupado com a possibilidade de os clubes serem desmoralizados com as duas comissões parlamentares de inquérito (CPIs) que tramitam na Câmara e no Senado Federais. Segundo ele:

(...) Não se pode permitir que a instituição clube seja atingida. A única coisa que o cidadão humilde nesse país tem de importante e intocável é o seu clube do coração, algo sagrado, que não pode ser exposto a execração pública. Clube tem que ser tratado com muito respeito.

O referido dirigente há muito vem mantendo esse discurso de preservação do clube, dos campeonatos regionais, da rivalidade e da paixão, por serem esses ingredientes o grande patrimônio do futebol.

Do meu ponto de vista, o futebol se sustenta pela paixão do torcedor, e a assepsia pregada pelas relações impostas na lógica neoliberal, que vê o torcedor como um consumidor/espectador, pode trazer prejuízos incalculáveis a esse fenômeno cultural. Reafirmo que não acredito numa relação direta, onde aqueles que gostam do futebol, são manipulados ideologicamente. As vantagens aqui citadas são

parte de um acordo tácito entre os que são eleitos e os que elegem. A idéia de que, além de alienante, o futebol é um instrumento de dominação dos oprimidos parte daqueles que acreditam no uso puramente instrumental da ideologia.

Apesar das modificações que aconteceram no futebol ao longo de sua história, principalmente a sua cada vez maior profissionalização, em que o tempo de permanência no clube é bem menor do que antigamente e o que conta numa transferência de um atleta é quanto o comprador oferece, o torcedor exige respeito à camisa do Vasco durante o tempo em que ela é vestida.

Em inúmeras conversas, ouvi dos torcedores a preocupação de uma possível mercantilização do futebol, em que os valores que o fizeram escolher seu clube e o fazem torcer, enfim, dão sentido à sua vida, fossem trocados pelos valores da modernidade, sem paixões, sem vínculos, aquilo que Guiddens¹²⁸ chamou de *desencaixe*.

Foi apresentada neste capítulo a experiência vivenciada por vascaínos (Figs. 27, 28, 29 e 30) no seu torcer. Um torcer que é individual, mas é também coletivo, que tem momentos de alegria e momentos de tristeza; que julga ser puro, mas que também tem interesses.

O torcer vascaíno com suas contradições reflete parte de nossa sociedade, visto que a sociedade também é contraditória; torcer que faz sentido para essas pessoas, localizadas num tempo e num espaço específicos, membros de determinadas organizações sociais.

Os vascaínos têm “lógicas” para explicar seu torcer. Lógicas que, muitas vezes, podem parecer absurdas, porque são fundadas a partir de outros valores, outras realidades. Torcer que não é melhor nem pior que outro, mas, sem dúvida, outro torcer, porque é calcado em éticas diferenciadas. Assim acreditam os torcedores vascaínos.

¹²⁸ GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.



Figuras 27 – Torcer vascaíno.



Figuras 28 – Torcer vascaíno.



Figuras 30 – Torcer vascaíno.

“FIM DE PAPO”

Trazer ao meio acadêmico os desejos e as experiências dos indivíduos da nossa sociedade durante seu tempo disponível é um dos desafios dos estudiosos do lazer.

Sendo o futebol um fenômeno social no Brasil, capaz de mobilizar multidões dos mais diferentes grupos sociais, este estudo buscou conhecer melhor a paixão clubística, o envolvimento do torcedor com o clube, enfim, o torcer. A investigação se justificou pela tentativa de ampliar o conhecimento sobre a atitude que, juntamente com a dimensão tempo, caracteriza o lazer. Vale ressaltar, ainda, que o lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida.

Mais especificamente, procurou responder a algumas questões que nortearam a pesquisa. São elas: o que leva milhões de pessoas a optar por torcer pelo Clube de Regatas Vasco da Gama? Qual o significado desse clube em suas vidas? Como essas pessoas vivenciam essa experiência? Quais são as características peculiares do torcer vascaíno?

A idéia que se tinha a princípio e que a presente pesquisa confirmou foi de que o torcedor passa a se interessar por uma equipe de futebol, em geral, por vínculos familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem e, ou, história do clube ou por vivenciar, nessa fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso dessa equipe. Além disso, conforme discutido ao longo do texto, o torcer por um clube representa para o indivíduo a possibilidade de “expressão pública de sentimentos”, que apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer. O futebol seria, assim, um veículo, dentre outros, no qual o indivíduo poderia expressar seus sentimentos de uma forma pública. Diferentemente de uma análise psicológica que destacaria motivações, atitudes e interesses intrínsecos ao indivíduo, esta expressão pública se constrói e se manifesta simbolicamente no seio de determinada cultura. A relação intensa do torcedor com o

clube faz com que ele não separe a identidade sujeito/torcedor. Essa identidade é alcançada através de experiências, que incluem momentos de alegria e tristeza nessa história/relação. Dessa forma, o clube traz ao torcedor a possibilidade de buscar um “compromisso com rosto”, ou seja, relações verdadeiras que são mantidas por ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença.

Contrariando a tendência de uma lógica que se impõe na modernidade, baseada em relações impessoais, com poucos vínculos e paixões, o torcer por um clube retrata valores tradicionais, em que o passado é honrado e os símbolos são valorizados, porque contêm e perpetuam a experiência de gerações.

No que diz respeito às características específicas visualizadas nessa relação torcedor e Vasco, encontrou-se o anticlube – o clube arqui-rival – no caso, o Clube de Regatas do Flamengo. Essa histórica rivalidade, que teve seu início nas regatas no começo do século XX, perdura e acentua-se nos dias atuais, chegando aos limites da intolerância. O interessante dessa relação de oposição é justamente o sentido que traz ao torcer vascaíno, como se o torcedor do Vasco se definisse como o não-flamenguista. Sem dúvida, a nova lógica econômica do futebol, em que alguns clubes eleitos pelo capital se tornam potências e os não-eleitos sofrem para pagar suas contas, fez com que Vasco e Flamengo, maiores torcidas do Rio de Janeiro, fossem escolhidos para serem os clubes de maior poderio da cidade, deixando, assim, os tradicionais Botafogo e Fluminense numa situação mais difícil e incapazes de diluir essa rivalidade entre vascaínos e flamenguistas.

O torcedor do Vasco identifica seu clube e a sua torcida como diferentes dos outros clubes e das outras torcidas por uma série de valores. Para o vascaíno, o Vasco se diferencia dos outros grandes clubes do Rio de Janeiro por ser um representante de grupos historicamente desprivilegiados na sociedade carioca, entre eles o negro, o pobre, o português e o suburbano. Essa idéia perpetua-se pela sua história de afirmação nos anos 20, pela representatividade do “Expresso da Vitória” e pelas conquistas dos anos 70 e 90.

Percebeu-se, também, uma tensão entre as diversas formas de torcer, em que se busca hierarquizar o “ser vascaíno”. Os sócios antigos do clube se vêem como merecedores de regalias no clube, já o torcedor organizado considera-se mais importante que o torcedor não-organizado, que, por sua vez, é um crítico feroz da relação de “ajudas mútuas” entre diretoria e torcidas organizadas.

Sejam torcedores ou torcedores organizados, existe a idéia de que seu comportamento, sua simpatia e seu jeito de torcer traduzem a melhor maneira de levar o Vasco às vitórias. Essa tentativa de hierarquizar o torcer passa também pela aquisição de símbolos de distinção, particularmente do uniforme do clube e dos diferentes tipos de camisa que servem para identificar os vascaínos.

O Vasco, para seus torcedores, é uma referência de tempo e de espaço. A partir da relação construída com esse clube, esses sujeitos se localizam e buscam sentido para suas vidas.

A presente pesquisa, realizada com torcedores do Vasco da Gama, poderia ter sido feita com torcedores de outros clubes, com as especificidades próprias de cada torcida e as características de cada time. Assim, abre-se aqui uma possibilidade de ampliação do tema pesquisado: o que seria encontrado em outras relações torcedor/clube? Acredito que a área de Educação Física, mais especificamente a de estudos do lazer, deve centrar atenção na investigação do componente atitude e, sobretudo, nos interesses físico-esportivos. Compreender o sentimento dos indivíduos e dar ouvidos aos seus desejos, sonhos e às suas fantasias quando fazem escolhas para usufruir o seu tempo disponível é um dos desafios da universidade.

Ao participarmos das políticas que permeiam a área e ao planejarmos nossos cursos, nossas aulas, temos que ter claro o que motiva as pessoas com quem vamos trabalhar e o porquê que isso acontece, sob a pena de propormos ações descontextualizadas, de forma unilateral, tradicional, na conhecida versão “de” – “para”.

Reconheço, por ora, a necessidade de ampliar o presente estudo: investigar outros torcedores, outros clubes, outras realidades. Reconheço, também, a

necessidade de aprofundamento das opções individuais dos sujeitos pesquisados, precisando, para isso, trabalhar na interface com outras áreas do conhecimento. Sei, ainda, que outras limitações o tempo tratará de mostrar.

Algumas questões para entender a atitude do torcedor foram provisoriamente tratadas na presente pesquisa, porém o aprofundamento e a ampliação do tema são um convite que fica para estudos subseqüentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAF, Roberto & MARTINS, Clóvis. *Flamengo e Vasco: o clássico dos milhões*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- BERGER & LUCKMANN. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Local, v.2, p.62-68, 1986.
- BRUYNE, Paul de, HERMAN, J., SCHOUTHEETE DE, MARC. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Tradução de Ruth Joffily. Rio de Janeiro: F.Alves, 1977.
- CARMO, Apolônio. A. do. *Educação física: crítica de uma formação acrítica. Um estudo das habilidades e capacidades intelectuais solicitadas na formação do professor de Educação Física*. Dissertação de Mestrado – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1982.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 1987.
- CAVALCANTE, Kátia. B. *Esporte para todos – Um discurso ideológico*. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*. Campinas: UNICAMP, 1982. Dissertação Mestrado – IFCH/Antropologia Social, UNICAMP, 1982.
- CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. *Livro Oficial do Centenário*. Rio de Janeiro: BR Comunicação, 1998.
- DaMATTA, Roberto. “O ofício do etnógrafo, ou como ter ‘anthropological blues’”. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- DaMATTA, Roberto. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier – o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P.C.R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- DAOLIO, Jocimar & ZOPPI, Cláudio Cesar. Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro. In: *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.127-133.
- DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (Org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- DURHAM, Eunice, R. Cultura e ideologia. *Dados- Revista de Ciências Sociais*, 27, n.1 p.71-89, 1984.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Xenon, s/d.
- ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995.
- ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en la civilizacion*. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- FLORES, Luiz, F.B.N. Na zona do agrião. sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DaMATTA (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GUEDES, Simone, L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DaMATTa (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *O futebol e o jogo do bicho na "belle époque" carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MAGNANI, José G. C. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia na cidade”. In: MAGNANI, J.G. C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs). *Na Metrópole*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas : Papyrus, 1990.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Antropologia*. Organizador [da coletânea] Roberto Cardoso de Oliveira ; [tradução Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldini Meirelles e Ivone Toscano]. São Paulo: Ática, 1979.
- MEDINA, João, Paulo. S. *Educação física cuida do corpo...e "mente"*. Campinas: Papyrus, 1983.
- MEIHY, José Carlos S. B & WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: _coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade "sportiva": o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903)*. Tese de Doutorado – Rio de Janeiro: UGF, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgard. *O enigma do homem*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- NEEDEL, Jeffrey, D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Ed .Cia. Letras, 1993.

- PEREIRA, Leonardo. A. M. *Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- REIS, Heloísa Baldy. *Futebol e violência: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 1998.
- RIGO, Luiz, C. & SILVA, Silvio, R. “Cicatrizes do futebol”. *Motus Corporis*, v.5, n.2, p. 128-140, nov. 1998.
- ROCHA, José da Silva. *Clube de Regatas Vasco da Gama: histórico*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1975.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcus Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau & NOVAIS, Fernando A. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. In: *Dossiê Futebol*, São Paulo: USP, 1994.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. O Vasco é o time da virada, O Vasco é o time do amor. *Revista eletrônica lecturas: educación física y deportes*, Buenos Aires, v.4, n.13, março, 1999.
- SOARES, Antonio Jorge. *O racismo contra o Vasco da Gama e a fundação da AMEA*. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.
- SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SPORTS, v.I, n.1, 6 de agosto de 1915.
- TOLEDO, Luís Henrique. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

TOLEDO, Luís Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).

VOGEL, Arno. O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.